

Um Outro Olhar
Volume VI

Coletânea de Homilias de J.B. Libanio, S.J.

Organização:

Marta Martins de Aguiar

Maria Alice de Moraes Fonseca

Regina Maria Melo Marinho Ferreira

Capa e ilustração: Márcia Viana

Índice remissivo: João Batista Pereira Ferreira

Execução Gráfica:
BIG Editora Gráfica
(31) 3416.7896

1ª Edição

Contato:
Marta Martins
(31) 3309-2186
(31) 9611.2186
martatins@yahoo.com.br

Valéria
(31) 3461.1079
(31) 3461.5446

APRESENTAÇÃO

Não deixa de ser paradoxal ter sido convidado para escrever a apresentação de um livro que seu autor *não escreveu*. Pois, o admirável desta obra – que compõe o sexto volume da coleção de homilias *Um Outro Olhar* é que se trata de uma produção coletiva envolvendo o P. João Batista Libanio e a sua comunidade paroquial Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano. Embora nosso querido amigo seja autor de dezenas de livros, este, particularmente, ele não escreveu! Sim, ele é uma conseqüência da preparação de seu autor, mas, acima de tudo, é fruto da pregação e da oralidade, que é a sua matriz. Daqui decorre uma tarefa de Hércules, que é a sua transcrição para a linguagem escrita. Mérito de três mulheres. Daí não haver nada de óbvio no fato de podermos tê-lo em nossas mãos, para nossa grande alegria e proveito.

As homilias que compõem esta coletânea podiam ter tido um destino muito diferente. Sem menosprezar a atenção e boa vontade da comunidade paroquial, sabemos que as palavras que são apenas proferidas tendem a virar poeira ao vento, ou páginas do livro do esquecimento. Mas, graças às *Três Marias*(1), não foi assim. Vieram para ser páginas do coração, sempre lidas e lembradas, amadas e saboreadas por muitos.

Tampouco existiria este livro se P. João trouxesse as homilias prontas de casa, para lê-las para a comunidade (longe dele esse tipo de coisa, todos sabemos!). A relação com a comunidade seria outra, como a de um *senhor* que fala a seus subordinados; seria também um outro livro, mas não teria a mesma grandeza, ainda que fosse, no estilo, mais sofisticado do que este. Não por acaso, falamos acima de oralidade.

Pois, na oralidade, a fala das pessoas que compartilham um sentido de comunidade adquire uma dupla relação, do locutor com o seu próprio “eu” e do locutor com a sua comunidade. Toda boa homilia, para ser fruto de uma oralidade preparada, cultivada, precisa, em primeiro lugar, que a comunidade habite o coração do pastor. Desse modo, ele nunca pode estar plenamente só, na solidão do seu gabinete, quando organiza o que dizer no momento celebrativo. A comunidade já está ali, como representação, amada e desejada, para iniciar a peregrinação para mais além. P. João está atento a essa condição, quando explicita de forma clara, em seu livro dedicado ao saboreamento da celebração eucarística, que “a meditação sobre o texto diante de Deus, *com o olhar voltado para a comunidade*, tem enorme força maiêutica, isto é, de arrancar do profundo de nosso ser considerações e reflexões que ultrapassem o óbvio e a banalidade do cotidiano ou cientismo pedante do acadêmico”.¹ Nenhuma homilia, para ser

levada a sério, nasce, pois, do improviso, mas pede oração, estudo, trabalho, consideração pela comunidade. Daí, que um livro como este vem em nosso socorro, para nos ajudar a sair do óbvio e a arriscar o novo.

A vocação da homilia é ser sal que acrescenta sabor à vida de fé da comunidade. Sal é símbolo da alegria profunda de nossa fé, de nos sabermos pecadores amados e perdoados por Deus, que é nosso Pai. Mas é também símbolo de proteção contra a corrupção e da necessidade de uma conversão permanente. Nas palavras do P. João, “a homilia é incentivo à mudança de vida, a avançarmos para águas mais profundas, deixando para trás a comodidade e a segurança da margem. A homilia nasce da inteligência e do coração do pregador”.²

Da inteligência e do coração do P. João, do trabalho dedicado das *Três Marias*, e da grandeza da comunidade paroquial, com toda a sua diversidade de pessoas, talentos e vivência pastoral, nasce mais esta obra. Rica de oralidade, de encontro, de sal na medida certa, para saborearmos sempre mais o dom da vida das pessoas, e o dom da fé que nos une.

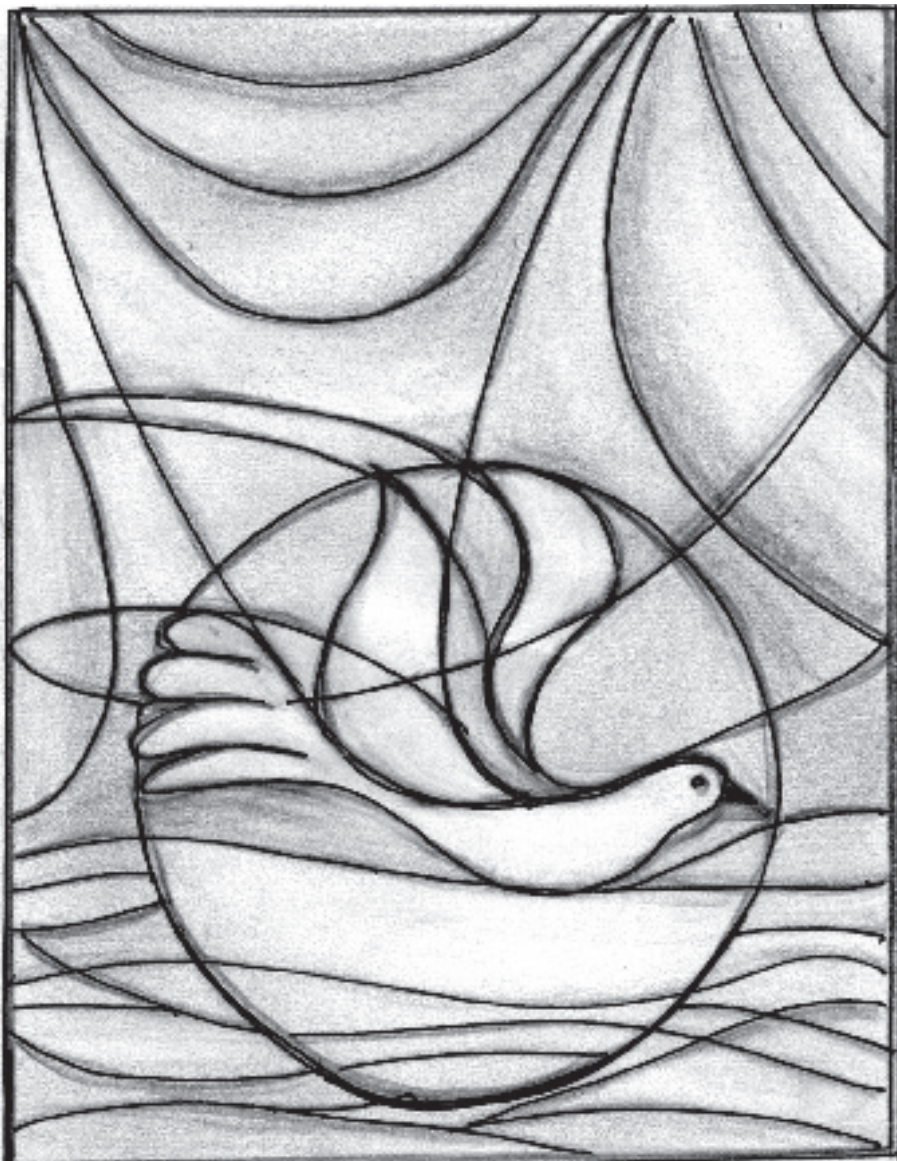
Para nós, que vivemos em outras terras e em outras bandas, a nossa gratidão por mais este trabalho! Graças à dedicação competente do P. João, à boa vontade das Três Marias e à beleza da comunidade paroquial, Vespasiano chega até nós. Bem em nossas mãos. Por isso, caros leitores e leitoras, façam bom proveito!

P. Carlos James, SJ
Centro Cultural de Brasília

- (1) São elas Marta, Maria Alice e Regina, daqui por diante as *Três Marias*.
 - (2) Libanio, João B. In *Como saborear a celebração eucarística?*, São Paulo, Paulus, 2005. Pg.62. Os grifos são meus.
 - (3) Libanio, João B. In *Como saborear a celebração eucarística?*, São Paulo, Paulus, 2005. Pg.62. Os grifos são meus. Libânio, J. B. Ob.cit. pg.55
-

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>		<i>Pág.</i>
01-No batismo, a humanidade de Jesus	09	26-Acontecimentos que nos questionam.....	64
02-O Espírito como sinal de reconhecimento.....	11	27-Encontro de liberdades	66
03-A nossa liberdade pode domar o animal da tentação	14	28-A beleza de cada cultura	68
04-Palavras novas para tempos novos	16	29-Cristianismo é mais que religião	70
05-Somos árvores que precisam de raízes para sustentar nossos sonhos	18	30-Ética é a palavra mágica	72
06-O retrato mais fiel de Deus Pai ..	20	31-Nosso compromisso com as chances históricas	74
07-Os dons do Espírito Santo no nosso cotidiano	21	32-Amar é querer que o outro seja eterno	77
08-Amar como Jesus amou	23	33-O grito que comove o coração de Deus	79
09-Vem e segue-me.....	25	34-O amor constitui o nosso ser.....	81
10-Amar é ser para o outro	27	35-A maratona dos santos	84
11-A paciência infinita de Deus	30	36-Um jeito novo de viver as bem-aventuranças	86
12-Jesus é presença certa em todas as tempestades.....	32	37-Como estamos usando o nosso corpo?	88
13-A força da fé	35	38-O Evangelho da nossa vergonha	90
14-Pedro e Paulo nos ensinam fidelidade	37	39-A presença de Deus nos traz germes de ressurreição	92
15-A sabedoria que não vem dos livros	39	40-A diferença está no modo de olhar	94
16-Anunciando horizontes maiores	42	41-Deus se faz presente na dinâmica de nossa história.....	96
17-Pedir é acolher a ação de Deus ..	44	42-O amor de Deus antecipa a vida de Maria.....	98
18-Somos chamados ao infinito abraço de Deus	46	43-Um gesto pela paz.....	100
19-Jesus é o novo Moisés	49	44-O valor das pequenas alegrias ...	102
20-Jesus se nos dá na intimidade	51	45-A salvação está próxima	104
21-Pais: parceiros na criação de Deus	53	46-As crianças carregam esperanças.....	106
22-Maria nos fala da proximidade com Deus	55	47-Natal é tempo de busca e esperança.....	108
23-Reação a uma sociedade desumanizante	57	48-Os sinais de Deus.....	110
24-Um amor do tamanho do amor de Deus.....	60	49-Jesus espera o nosso assumir na família e na sociedade.....	112
25-A única beleza que ultrapassa a morte	62	50-Natal: Memória, presença e anúncio.....	114
		51-Se realmente houvesse amor.....	119
		52-Escatologia.....	123
		53-Eucaristia e reconciliação	136



“Orar é dilatar o coração, até envolver o infinito de Deus” (Be Libanio)

NO BATISMO, A HUMANIDADE DE JESUS

(Mt 3, 13-17)

Talvez, ouvindo essa leitura, tenhamos uma idéia um pouco fantástica do batismo de Jesus. Mas ele não deve nos impressionar. É o oposto do nosso batismo. Pelo batismo, nós, seres humanos, nos mergulhamos no mistério de Deus. Divinizamo-nos e nos tornamos mais próximos de Deus. É como se bebêssemos a sua luz e começássemos a irradiá-la através de nossa existência. Isso é ser cristão, é ser a luz que anuncia Deus na escuridão da história.

O batismo de Jesus é o oposto: é Deus que mergulha no mais profundo da humanidade. Inverte. Por isso, Ele entrou na vida dos pecadores. Eu não imagino o batismo de Jesus como algo sensacional. É a coisa mais humana de sua vida. Vocês podem imaginar João diante daquele rio, que para nós não passa de um *riachozinho* – o rio Jordão – e todos aqueles pecadores. Pessoas, às vezes, com uma vida desvairada, que João ia batizando. E, na medida em que João batizava, a fila ia crescendo, como as nossas filas.

Um Homem se colocou na fila, e Ele se chamava Jesus. Era apenas mais um, perdido no meio da fila. Não passou na frente, como passam os nossos grandes políticos, não tocou sino para anunciá-lo. Apenas entrou na fila. Imergiu no mais profundo de nossa humanidade. Quis captá-la de baixo, porque Ele já era Deus. Jesus não precisava mostrar que era Deus, esse é o nosso grande engano! Ele tinha que mostrar que era humano, pois isso é que Ele não era. Tinha que aprender a ser humano, e isto é misterioso: Deus teve que aprender a ser humano. Ele não sabia!

Vocês acham que o Espírito Santo sabe como somos? Não. A Trindade não pode saber como é a dor de uma mãe que perde um filho. Jesus, o Verbo de Deus, não podia saber dos nossos sofrimentos, não podia conhecer as nossas dores, saudades, aflições, tristezas, frustrações, nossos momentos difíceis. Ele não sabia de nada disso. O Verbo de Deus precisou conhecer a vida dos homens. Como podia salvar-nos, se não nos conhecia? Como podia dizer-nos para ter coragem e fé? Pode parecer fácil, mas não é. Ele precisou experimentar a fila *do SUS*.

E lá está Jesus, seguindo a fila. Quanto mistério terá vivido nesse momento! João Batista era bravo – ele não era fácil não! A gente imagina-o como um santinho. Mas era bravo, severo. Repreendia os soldados que organizavam as pessoas. Tudo isso, e Jesus ali, vendo e ouvindo o que estava acontecendo.

E chegou a vez dele. Encostado em profunda humanidade, imergindo na água dos pecadores, na água suja do rio Jordão, abriu para nós o caminho da humanidade. E nos diz, talvez, a coisa mais importante: que devíamos ser humanos, para não nos afastar de Deus. Muita gente pensa que, para aproximar-se de Deus, deve deixar de ser humano. Não! Quanto mais ético, quanto mais

comprometido, quanto mais pai, quanto mais mãe, quanto mais filho, quanto melhor profissional e bom trabalhador, mais divinos somos.

Seremos divinos, destacando-nos no humano, imergindo-nos no humano. Jesus não se fez Deus, porque o Espírito Santo falou, porque a Voz falou. Nós é que estamos agarrados a isso, que é o mais secundário no batismo. O mais importante é Jesus na fila dos pecadores, experimentando a humanidade, sentindo nossas fraquezas, para que pudéssemos imergir na água que nos diviniza. Amém.
(12.01.02)

O ESPÍRITO COMO SINAL DE RECONHECIMENTO (Jo, 1, 29-34)

Esse evangelho nos fornece três blocos de idéias. No primeiro, Cristo é Cordeiro. No segundo, João, o Evangelista, coloca na boca de João, o Batista, um trocadilho: “Ele vem depois, mas eu era antes”. Vamos ver o que são esse antes e esse depois. No terceiro, o Espírito Santo é o grande sinal de reconhecimento. Vejamos esses três pontos.

Primeiro, Jesus é Cordeiro. Já falei algumas vezes que há uma diferença na lingüística, isto é, no estudo da linguagem, entre sinal e símbolo, e é muito importante essa diferença, até para a nossa vida cotidiana. Não é só questão de estudo e sofisticação. Quando estamos andando pela rua, encontramos o sinal vermelho e devemos parar. Se o sinal estiver verde, podemos seguir. Por quê? Isso tem a profundidade de uma laje – profundidade nenhuma: diante do sinal, você pára. Não precisa fazer nenhuma reflexão profunda, nenhuma ilação, nenhuma injunção, nada. Vermelho, parou. Verde, andou. E assim temos muitos sinais. Para fazer o exame de trânsito, vocês aprendem uma quantidade imensa de sinais. O sinal aprende-se, segue-se e nada mais. Símbolo é diferente. Entra dentro da realidade, envolve-se com ela e aponta para uma realidade maior do que ele. Nenhum símbolo esgota a realidade. O sinal esgota. Sinal está vermelho, pára e basta. Símbolo, não. O símbolo aponta e mostra muitos significados, de tal maneira que ele pode atravessar milênios. Há dois tipos de símbolos. Há esses comuns, mais simples, que usamos no cotidiano. Um namorado traz uma rosa para a namorada. Não precisa de muita profundidade para entender isso, mas é um símbolo, já não é mais um sinal. A rosa tem vários sentidos. Pode ser vermelha, dizendo que ele está apaixonado. Pode ser branca, porque ela tem o coração bonito e transparente como a brancura de uma rosa – lá sei eu. Esses são símbolos, mas não vou falar deles. Vou falar de um símbolo ainda mais profundo.

Há símbolos que atravessam todas as culturas. São aqueles que batem com as experiências radicais da humanidade: água, óleo, cálice e este de hoje – cordeiro. Os povos nômades – isso quer dizer que eles caminhavam, não eram sedentários – andavam o dia todo. Quando chegava a noite, faziam uma refeição normal, porque estavam com fome. Caçavam qualquer bicho e comiam. Mas, em alguns dias do ano, ao invés de caçar qualquer animal, sacrificavam o cordeiro. Colocavam-no no meio de toda a tribo e dançavam, cantavam, rezavam. Já não era mais uma refeição qualquer, mas um símbolo daquilo que os unia, que os alimentava para a caminhada, para a vida, para que as crianças e jovens pudessem crescer solidários. Aí o símbolo vai longe. Israel viu isso, achou bonito e resolveu pegá-lo. Estavam na escravidão, presos no Egito. E Moisés diz: “Sacrifiquem o cordeiro nas suas casas. Untem o portal de suas casas com o seu sangue e

verão o que acontecerá”. Acontece a vida. Os que não o fizeram, morreram. O Cordeiro é mais! Não é só para comer, mas para dar a vida, para que o povo não seja atingido pela desgraça. Israel ficou marcado por essa experiência. Quando sai do Egito e se encontra no deserto, vai sacrificar o cordeiro, reunir-se em torno dele, vai cantar, rezar, dançar, lembrar-se de que foram libertados. E até hoje o povo de Israel se reúne em torno de um cordeirinho (*), e há uma cena bonita: o filho caçula pergunta ao pai a razão de comerem aquele cordeiro. O pai responde: “Filho, nós éramos escravos no Egito...”, e conta toda a história de Israel, lembrando que aquele cordeiro simboliza dois, três mil anos de liberdade, de caminhada, da vida de um povo – esse Israel, cujo nome ouvimos tantas vezes aqui nas leituras. Isso é símbolo.

Jesus olhou para esse cordeiro e achou bonito esse símbolo. Era Ele o Cordeiro. Também estaria numa mesa. Não só para que o povo de Israel se lembrasse de sua libertação física, histórica, política do Egito. Mas para que toda a humanidade também se lembrasse. Todos nós, muitas vezes, somos escravos de nossos egoísmos, das nossas prisões interiores. Comendo desse Cordeiro, encontraremos a liberdade. João Batista apontou e disse: “É Jesus!” – o Cordeiro que vai estar sobre este altar, já não mais na forma de cordeiro, mas de pão e vinho, para que nós, alimentando-nos dele, sejamos também cordeiros e não touros. Somos feitos para a suavidade, delicadeza, bondade, para criar unidade, acolher tudo isso que esse Cordeiro simboliza. É Cristo, somos nós!

João Batista falou um paradoxo sobre Jesus: “Ele veio depois de mim”. De fato, João nasceu antes de Jesus, começou a pregar antes dele. Mas Ele já é antes de João. Aí a gente pára! Claro, João (evangelista), no prólogo, já dizia: “No princípio, era o Verbo”. Já existia desde sempre. Esse sentido é fácil, mas talvez haja algo mais profundo. O antes no tempo não é importante. Há um antes mais importante que o tempo, e eu vou dizer-lhes algumas coisas fortes. Muitas vezes, os filhos que vêm depois de vocês, pais, são antes de vocês. São antes, porque muitas vezes são eles que redimem pai e mãe. São os filhos que, muitas vezes, abrem o coração dos pais, mostram o caminho a seguir. Nesse sentido, o filho é antes do pai, embora seja depois no tempo cronológico. Mas antes, na sua beleza, no seu significado.

Terceira idéia, talvez a mais bonita do evangelho de hoje – quando João Batista quis dizer como reconheceu Jesus. Ele não conhecera Jesus, porque fora criança ainda para o deserto. Eram primos e talvez até morassem próximos. Mas como Jesus era criança quando João foi embora, não se conheceram – uma questão de conhecimento puramente visual. Mas João disse que, quando olhou para aquele Homem, o re-conheceu. Não pelos traços do rosto, mesmo que se parecessem fisicamente, porque eram primos, mas pelo Espírito – re-conheceu.

Esta é a indagação que deixarei para vocês: será que quando as pessoas nos olharem, irão nos reconhecer? Não por já nos conhecerem de fotografia, não por já nos terem visto várias vezes, não pelas nossas caras, mas por perceberem

em nós a presença do Espírito. O Espírito é aquele que faz com que sejamos re-conhecidos – conhecidos de novo – pelas pessoas, de tal maneira que elas possam dizer: “Hoje sim, encontrei o Espírito presente em alguém!”

Jesus era assim. Nós, quem sabe, poderemos ser um pouquinho como Jesus! Amém. (16.01.05)

(*) alusão à cerimônia da páscoa judaica

A NOSSA LIBERDADE PODE DOMAR O ANIMAL DA TENTAÇÃO (Lc 4, 1-13)

Esse Evangelho foi, para a comunidade primitiva que tinha experimentado e conhecido Jesus depois da ressurreição, uma grande e dolorosa tentação. Realmente, um enigma, uma coisa absolutamente ininteligível. Como o Filho do Homem pode ser tentado? Essa foi a primeira grande pergunta que se fez. Lucas, Marcos e Mateus não tiveram vergonha de relatar que Jesus foi tentado. E o que isso nos diz? Jesus foi tentado, porque essa é a condição humana. Nós todos aqui somos humanos, uma das categorias mais trabalhadas pelos existencialistas. Pertencemos à história, à terra, temos um corpo ligado a tempo e espaço. Somos submetidos à dor, à tristeza, à depressão, à alegria. Nós oscilamos, e essa é a condição humana. Num dia acordamos cantando, alegres, felizes. No outro, sem sabermos o motivo, acordamos com a cara feia, fechada. Por que somos assim?

Porque viemos da terra e das estrelas. As estrelas são tão poéticas, puras. Até aí tudo é bonito, mas também viemos dos animais, e disso não podemos nos esquecer. Nós temos condição animal. Esse animal dorme em nós e, se acordado, pode ser terrível: morde, agride. Essa nossa condição de sermos animais, de estarmos ligados à terra, nos submete, não é preciso nenhum demônio não. Freud (*) já dizia que todos temos um inconsciente povoado de minas. O nosso inconsciente é todo minado. Essa foi a grande intuição de Freud e continua verdadeira. Somos povoados de contradições interiores e, muitas vezes, nos surpreendemos. Quantas vezes explodimos, não conseguimos nos conter, nos dominar?! E Jesus, ao assumir a humanidade, herdou muito dessa condição de sentir que a natureza pode explodir dentro de si. A grande diferença é que Ele conseguiu canalizar as explosões. Jesus é uma espécie de Itaipu (**), onde todas as águas são contidas por turbinas e geram eletricidade. As nossas águas são cataratas indomadas. Somos assim: uns mais, outros menos; uns reprimidos, outros exaltados; uns nervosos, outros tranquilos; uns lentos como paquidermes, outros saltitantes, como esquilos. Cada um de nós tem essa condição, e é bom que nos perguntemos: com que animal nos parecemos mais? A tentação não é nada mais do que o acordar do animal. Mas nós temos consciência, temos liberdade, somos capazes de ir fundo na visão de tudo isso. E, na medida em que humanizamos esse animal que somos, as tentações afastam-se. À medida que nos animalizamos, as tentações crescem. É trabalho de uma vida. Não é um fato esporádico, mas um processo.

As tentações de Jesus foram essas que lemos. Foram os messianismos daquele tempo tentando afastá-lo do caminho. Cada um de nós tem uma tentação específica. Precisamos, então, nos perguntar onde está o nosso ponto mais frágil, onde somos mais vulneráveis. Busquemos o silêncio e façamos essas perguntas. Descobrimos a resposta, poderemos trabalhar. Se trabalharmos esse nosso lado

mais fraco, seremos muito mais serenos, mais transparentes, mais felizes. Ai sim, o demônio não terá força, porque a nossa vida terá sido lapidada pela nossa liberdade. Amém. (15.02.97)

(*) médico austríaco que desenvolveu e aperfeiçoou a Psicanálise

(**) referência à Usina binacional de Itaipu, na fronteira entre o Brasil (Paraná) e Paraguai

PALAVRAS NOVAS PARA TEMPOS NOVOS

(Mc 2, 18-22)

Vocês sabem, de tanto repetirmos, que os evangelhos não são uma narrativa continuada, descritiva da vida de Jesus. São textos que um evangelista costurou. Certamente, os evangelistas tomaram um discurso que Jesus disse num dia, outro que Ele disse um ano depois, juntaram os dois e teceram. Por isso, muitas vezes, quando lemos um trecho do evangelho, levamos um susto, porque o assunto se quebra de repente. Provavelmente, foram dois ditos de Jesus em lugares e épocas diferentes. É o que aconteceu no evangelho de hoje.

Jesus dá duas lições que poderiam ter sido ensinadas, uma numa casa, outra na rua – em lugares diferentes, não sabemos exatamente. A primeira se refere a um fato que eles observaram. Perceberam que chegou o dia de jejum – no nosso caso, podemos imaginar, sexta-feira da paixão. Estavam os fariseus com as caras muito sérias, jejuando. João Batista ainda tinha alguns discípulos, que não eram de Jesus ainda. Os apóstolos, tranquilos, comendo pão, bebendo vinho. Aí os fariseus interpelaram Jesus, dizendo que os seus discípulos não jejuavam, enquanto todos o faziam. Ele, o grande Mestre, não exigia o jejum, enquanto todos exigiam. Jesus sai da jogada. Ele tem algumas respostas desconcertantes. Nunca entra nessas *brigazinhas*, mas vai por um caminho muito diferente. Leva para outro momento da história e diz que estava no meio deles. Era o grande Cordeiro, a grande festa. Não precisavam jejuar com Ele presente. O que precisavam fazer era ouvir a palavra, aprender e segui-lo. Isso era muito mais importante que qualquer jejum. Deviam aproveitar, pois seria por pouco tempo que o teriam entre eles. É Jesus dizendo-nos que, de vez em quando, temos ocasiões importantes na vida. Pena que as perdemos. Como poderemos crescer, abrir os horizontes, progredir na nossa fé, se perdemos essas ocasiões, às vezes repetindo ritos vazios?

Jesus continua dizendo que haverá momentos em que não o terão mais. E realmente nunca mais terão Jesus daquela maneira que tiveram, na forma corpórea, física. Que ocasião tremenda aqueles homens e mulheres perderam, quanto poderiam ter convivido com Jesus por mais tempo e não quiseram! Perderam a ocasião maior que terá existido na humanidade. Como desejaríamos que, em vez de eu estar falando para vocês, Jesus estivesse aqui?! Mas não nos foi dado viver aquele momento. Nós perdemos muito as palavras de Jesus, porque, por mais que tentemos explicar, nenhum de nós consegue dizer o que Jesus realmente quer transmitir. Se soubéssemos falar as palavras de Jesus, esta igreja estaria cheia de gente, porque as suas palavras tocam fundo, mudam a nossa vida. Como diz São Pedro, “são palavras de vida eterna”. As nossas palavras são frágeis, passageiras, pequenas. Não conseguimos nunca comunicar o que devemos, o que queremos.

Uma segunda reflexão, mais simples ainda, e muito atual. Os filósofos são essas pessoas que pensam. Enquanto uns trabalham, eles pensam. Mas é bom que

haja gente pensando o mundo. Os filósofos dizem que uma das características fundamentais da modernidade é a aceleração das novidades. Até a descoberta do vapor, da luz elétrica e mesmo com todo o avanço da ciência, o progresso da humanidade era lentíssimo. Um dia eu vi um gráfico que um filósofo fez da velocidade. Ele mostra que, durante milhares de anos, a linha foi reta e quando chegou o vapor, depois o *diesel*, ela sobe repentinamente. Praticamente houve um momento, por volta do século XVIII, em que o progresso explodiu. Ainda outro dia, ouvindo a rádio BBC de Londres, um jornalista dizia que os progressos que usamos hoje, daqui a pouco serão totalmente obsoletos. A tecnologia avança vertiginosamente. Quer dizer que essa rapidez é tão grande, que a nossa cabeça fica *a mil*.

Vem Jesus e diz que não podemos colocar vinho novo em odres velhos. O vinho novo são esses jovens maravilhosos que vejo aqui. Não os podemos colocar em pedagogias velhas, em estruturas arcaicas, porque poderão arrebentar tudo. É isso que acontece, quando os pais querem enquadrar seus filhos nos moldes antigos. A mesma coisa ocorre quando você quer consertar uma roupa velha com pano novo. Rasga tudo. Jesus já dizia que temos que começar a entender a novidade dos tempos para responder a essas novidades com coisas novas. O coral traz músicas novas – é Marcelo Rossi, é aeróbica – tudo aquilo que responda à novidade. Nós temos que encontrar palavras novas para tempos novos, maneiras novas de pensar. Mas, atenção! O novo e o velho não são bons ou maus, como tal. Há coisas novas boas, há coisas novas ruins. Há coisas velhas boas, há coisas velhas ruins. O que temos que aprender é que *vinho* velho temos que conservar e que *vinho* novo temos que levar para outros povos. Esse discernimento é importante. Quanta coisa antiga precisamos conservar! São riquezas, são o nosso patrimônio cultural. Mas há coisas novas que surgem e são maravilhosas e importantíssimas. O que importa é ter esse olhar, discernir, descobrir e escolher. Como diz São Paulo: “Provai tudo, e escolhei o que é bom!”. Amém. (19.02.00)

SOMOS ÁRVORES QUE PRECISAM DE RAÍZES PARA SUSTENTAR NOSSOS SONHOS

(Jo 15, 1-8)

Lendo esse Evangelho, todo ele alegórico, isto é, uma comparação, uma espécie de grande parábola, me perguntei: o que João queria nos dizer? Que experiência nossa é mais próxima do que João fala? Parece um discurso meio confuso: videira, ramos. Estamos tão longe disso, de ficar podando árvores...

João conheceu Jesus, e esse é um ponto importante para o início de nossa reflexão. Ele conheceu Jesus com este corpo que nós temos. E foram poucos os que tiveram esse privilégio. Hoje somos mais ou menos cinco milhões de habitantes na Terra. Se somarmos todos os que já passaram por aqui, teremos milhões e milhões de seres humanos que já estiveram na Terra. E há outros milhões que ainda estarão. Desses, uma fração mínima, insignificante, conheceu o Jesus da carne. Foram poucos, e os que o conheceram – isto, o mais trágico – não o conheceram. Os que conviveram com Ele não se deram conta de quem era, mesmo estando a seu lado. Se a multidão que gritava na praça “crucificação”, soubesse quem Ele era, talvez a história fosse outra. Imaginemos nós, hoje, com todo o conhecimento que temos de Jesus, vendo-o na praça. Que susto levaríamos!

Pois bem, aqueles que estiveram ao seu lado e encostaram-se nele, tocaram-no, apertaram-no na multidão, não se deram conta de quem Ele era. Mas João, sim. Ele entendeu, de uma maneira muito profunda, que a relação com Jesus não era algo que pudesse terminar. Era alguma coisa íntima, e por isso buscou encontrar uma comparação. Ele sentia afeto por Jesus e sabia que a morte iria separá-los. Para a maioria que não tinha se dado conta de quem era Jesus, João diz que Ele era como uma videira, uma árvore.

Reparem bem, uma árvore tem raízes, tronco, galhos e uma copa maravilhosa. Os dois extremos da árvore são duas experiências fundamentais que fazemos. A experiência de raiz, que é a do passado, da história. A experiência de resgatar tudo o que foi a nossa vida antepassada: família, cultura, civilização. Quanto mais raízes tivermos, mais poderemos sugar a terra, a seiva. E essa terra são os milhões de anos de história. Terra é cultura, é beleza, é experiência, é o enorme acúmulo do que os seres humanos fizeram. Tudo isso vai para a seiva. João percebeu que Jesus tinha uma raiz que ia para além da terra, ia até a Trindade Santíssima. De lá, Ele puxava vida e seiva.

Árvore é tronco que liga a raiz com a copa. A copa olha para fora, para longe, para o horizonte. É o nosso sentido utópico, futuro, de construção. Mas só construiremos o futuro, se as nossas raízes estiverem fincadas na história, no passado. João percebeu isso. Só se fincarmos nossas raízes na experiência de Jesus, nas raízes do evangelho, da eucaristia, nas raízes dos que nos antecederam,

na tradição da Igreja, na nossa tradição cultural, teremos seiva. Uma árvore sem raiz, ao primeiro vento, é derrubada. Uma árvore sem copa não respira, não capta, não faz fotossíntese, não pega luz, não descobre o futuro. Sem copa, somos somente passado. Sem raízes, somos muito superficiais, frívolos e vazios.

Quando li a notícia sobre aqueles jovens de Brasília que queimaram o índio, fiquei profundamente chocado, como todos vocês, certamente. Fiquei pensando em muitos jovens que vivem em nossas cidades. Não fiquei chocado apenas com o fato, mas porque aqueles rapazes – de uma geração que está sendo gestada, criada, nascendo em nossas cidades – não são tristes e horrorosas exceções. São sinais, são símbolos! Isso é terrível! Apontam exatamente para uma árvore sem raiz. Não têm raiz nenhuma! Ao primeiro vento, à primeira idéia, à primeira bobagem que passa pela suas cabeças, já querem realizar o que imaginaram. Pensam em fazer uma brincadeirinha, jogam um pouco de álcool e põem fogo. São árvores sem raiz, sem cultura, sem tradição, e um ventinho superficial de uma brincadeira faz *cair a árvore* no crime e na perversão. Essa geração está aí. Quantos não têm raiz nenhuma, não sabem nada, e qualquer vento os derruba?!

João está-nos falando que, se não estivermos ancorados numa raiz profunda, se não sugarmos a seiva, seremos ramos secos, que a primeira faca corta, o primeiro fogo queima. Amém. (08.03.97)

O RETRATO MAIS FIEL DE DEUS PAI

(Lc 15, 1-3, 11-32)

Os cristãos novos que tinham saído do paganismo, que conheceram deuses terríveis – Júpiter, jogando raios sobre a Terra; Minerva; deuses e deusas que devoravam os homens, que devoraram o fígado de Prometeu – levaram um susto, ao ouvirem essa passagem. Também os judeus, que conheceram Javé no monte Sinai, no meio de trovões e raios, levaram um susto, quando, de repente, vem Jesus e pinta uma outra imagem de Deus. É a pintura mais linda! Peço a vocês que nunca mais leiam na Bíblia qualquer outra descrição de Deus, em que Ele apareça com raiva ou violência, sem pensar que todas essas passagens foram superadas por esse desenho belíssimo que Jesus traçou de seu Pai.

Comparem o pai com o irmão. Primeiramente, o irmão não chama o irmão de irmão. Já não o considera irmão, pois gastara o dinheiro com as prostitutas. Refere-se a ele com total desprezo. O pai não diz uma palavra sequer de repreensão. Só se alegrou: “estava morto e ressuscitou, estava perdido e foi encontrado com saúde. Está vivo!” Era a única alegria do pai. Todo o resto foi esquecido: o dinheiro que fora gasto, o esbanjamento, o pedido da herança antes do tempo, toda a vergonha para a família. Nada disso ficou na cabeça do pai. Só posso imaginar aquele pai, todas as tardes olhando pela janela de sua casa, procurando no horizonte alguma poeirinha que anunciasse a chegada de seu filho.

No museu de São Petersburgo, antiga Leningrado, na Rússia, existe um quadro pintado por Rembrandt, cuja cópia tenho em meu quarto. É a figura de um judeu, com o olhar de ternura infinita, sereno, sentado e apoiando suas mãos sobre a cabeça do filho, aquele juvenzinho que voltava após ter estado perdido. Um detalhe: o pai tem as duas mãos sobre as costas do filho. Uma é de homem e a outra, de mulher, para mostrar que o coração de Deus não se esgota na paternidade, mas precisa se completar na maternidade. Os dois juntos – paternidade e maternidade – chegam à ternura materna e à acolhida paterna. Deus ultrapassa todos os pais, todas as mães.

Por isso, quando lemos esse trecho, temos uma nova compreensão. Dói-nos ver tanta gente infeliz, tanta gente buscando, tanta gente perdida, sem saber que o tesouro está aqui, que Deus é só desejo de felicidade, só procura o nosso coração para se nos dar. Esse Deus terrível que, para muita gente só causa dor, tristeza e abandono, Jesus sepultou definitivamente, para ressuscitá-lo na ternura.

Que saíamos daqui, levando para nós e para todas as pessoas esta idéia: Deus nunca castiga! Se havia alguém que mereceria castigo era esse jovem, que praticamente roubou a herança do seu pai. Gastou-a toda e, quando estava *na pior*, voltou. O pai não disse nada. Simplesmente acolheu, alegrou-se.

Assim é Deus conosco. Todas as vezes que voltarmos para Ele, só terá uma palavra de ternura, amor, acolhida, bondade, esperança. Amém. (21.03.98)

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO NO NOSSO COTIDIANO (At 2, 1-11)

Hoje a Igreja se veste de muita alegria, de muita festa. O ano litúrgico tem duas grandes colunas fundamentais: Páscoa e Pentecostes. Talvez, na nossa devoção pessoal, demos muita importância ao Natal. Talvez seja a festa mais importante para as famílias, para os costumes. Mas litúrgica e teologicamente falando, as duas maiores festas são Páscoa e Pentecostes.

Páscoa parece fácil. O Senhor morre, tudo fica perdido, acabado. Não há mais saída, não há mais esperança. Voltamos para casa, como diziam os discípulos de Emaús (*): “nós esperávamos” – imperfeito. Tudo passado, tudo perdido! E vem a ressurreição, que é vida, é coragem, é esperança. Tudo nasce de novo!

Pentecostes é a experiência de Páscoa que vai penetrando, entrando dentro dos corações. Aqueles homens medrosos estavam com as portas e janelas trancadas – diz o texto – por medo dos judeus. Aqueles *homões*, pescadores fortes, de mãos calejadas, estão medrosos. De repente, sem saber a razão, esses mesmos homens abrem as portas de suas casas, e o mais medroso deles enfrenta uma multidão, que dias atrás gritava “crucifica-o, crucifica-o” contra Jesus. Agora Pedro anuncia a essas pessoas. De onde vem essa fortaleza? Essa fortaleza é Pentecostes. Ele mesmo reconhece que essa força não nascia dele.

Pentecostes acontece em nossa vida quando estamos lá embaixo, *na fossa das fossas*, superdeprimidos e aparece uma força que não sabemos de onde vem. Levantamos e resolvemos enfrentar. Eu conheci uma senhora muito simples, mãe de muitos filhos. Perde o marido, que era seu arrimo, e entra numa terrível depressão. Fica com os filhos sozinha, desnordeada, sem saber o que fazer da vida. Um belo dia, ela reconhece que não podia morrer, pois tinha filhos para cuidar. Precisava crescer, continuar a trabalhar, manter essas crianças. Essa mulher ressuscita. Trabalha e forma todos os filhos. É **fortaleza**, é Pentecostes!

Pentecostes é quando um filho de vocês, jovem, chega em casa desnordeado, como aqueles jovens de Brasília (**), mergulhado na cultura da indiferença, do tédio, do vazio. Vocês sentam, conversam e conseguem falar com ele. Transmitem sabedoria, experiência, conseguem tocar o coração do próprio filho adolescente. Isso é **sabedoria**, é Pentecostes!

Pentecostes é quando, de repente, chega uma pessoa que não sabe que rumo tomar na vida. Um jovem está para fazer vestibular e não sabe o que escolher. Está diante de várias opções e não sabe o que fazer. A vida está difícil, os caminhos são diversos, e você é capaz de dar o **conselho**, uma palavra que toca essa pessoa, que abre horizontes, uma palavra que é luz para essa vida. Pentecostes acontece aqui, não só com os apóstolos.

Pentecostes também acontece quando muitas vezes pensamos que somos deuses, que podemos tudo, que somos imunes e impunes. Podemos roubar, *fazer*

precatórios, comprar votos, podemos fazer o que quisermos, porque somos donos do mundo, donos da realidade. De repente, paramos e refletimos, como esses jovens agora, na prisão (**), e reconhecemos que somos pequenos, frágeis e não podemos continuar nesse caminho. Surge o verdadeiro **temor de Deus**, não o medo de Deus. Temor significa perceber a paciência infinita de Deus que nos lembra que por esse caminho não seremos felizes. Volte, refaça a sua vida, recrie a sua existência! É Pentecostes!

Quando acabamos uma aula de Teologia e os poucos que vão lá querem conhecer mais do mistério de Jesus. Defrontam-se com o batismo, com as tentações. De repente, chegam à conclusão de que agora entenderam, abriram-se-lhe os olhos. Conseguem penetrar um pouco mais no mistério de Deus, no mistério da vida. Conhecem melhor a realidade, sabem como se comprometer, como ser cidadãos, como criar uma nova sociedade. Pentecostes é esse pouco de **ciência**, de conhecimento.

Mas a ciência ainda é frágil, não penetra fundo. Não é capaz de *intus+legere*, não é capaz de ler lá dentro. Falta mais inteligência ainda. Sempre ficamos na superficialidade das notícias dos telejornais, nas leituras rápidas. De repente, a nossa inteligência mergulha mais profundamente na realidade e temos o **entendimento** dessa realidade. Mais uma vez é Pentecostes!

Vocês entram nesta igreja e participam cheios de vida, sabendo que celebram o divino. Convido vocês a entrarem, porque as portas estão abertas, porque a casa de Deus acolhe a todos vocês, que nós sabemos: *re+ligare* – ligar-nos com Deus. Somos capazes de atar os nossos laços com Ele. Nosso coração se abre para a **piedade** e para a transcendência. Mais uma vez acontece Pentecostes!

Hoje é a festa, mas Pentecostes são todos os nossos dias. Amém.
(17.05.97)

(*) Lc 24, 13-35

(**) referência ao episódio dos jovens que atearam fogo ao índio Galdino, matando-o.

AMAR COMO JESUS AMOU (Jo 15, 9-17)

Imaginei-me dando uma volta no mundo, começando pelas ruas de nossa cidade. Liguei a televisão, vi um monte de novelas, uma atrás da outra e disse: isso não é amor. Continuei andando, cheguei aos Estados Unidos e vi homens sérios, doutores, pesquisando em aparelhos muito bonitos e sofisticados, para projetarem bombas inteligentes, capazes de escolher a pessoa que vão matar. Estive em Nova York, em *Wall Street*, vi aquelas Bolsas de Valores, com milhões de dólares circulando. Olhei para tudo aquilo e vi que não era amor. Fui ver as grandes peças da *Broadway*. Havia filas enormes, com ingressos muito caros. Aquilo também não era amor. De repente, entro num laboratório, encontro um médico, já mais provecto, estudando e pesquisando, como qualquer outro. Pergunto quem era, ele diz que era Sabin (*) e estava pesquisando uma vacina, para que todas as crianças que a usassem, nunca mais fossem ameaçadas pela paralisia infantil. Olhei para ele e vi que encontrara o amor. Amar é querer a vida. Sabin, que esteve no Brasil antes de morrer, usou da sua inteligência, do seu corpo, para ter a certeza de que as crianças beneficiadas pela sua invenção nunca mais teriam paralisia infantil. Ele dedicou a sua vida para descobrir esse remédio. Passei por Calcutá, numa rua suja onde um homem agonizava na sarjeta. De repente, passa uma velhinha claudicante, que toma aquele homem nos braços, sabendo que não pode devolver-lhe a vida. Mas, pelo menos, poderá colocá-lo sobre uma cama limpa, para que possa morrer dignamente. Era Teresa de Calcutá.

Toda pessoa que é capaz de fazer alguém viver, ama. Mas uma pessoa que nunca desejou a vida a ninguém, nunca amou. Pelo contrário, quer ver as pessoas longe de si, porque não sabe o que é a vida. Só ama quem sabe o que é a vida. É assim que Jesus diz: “Amai como eu vos amei”. E como Ele amava? Via um paralítico e dizia: “Levanta-te, toma a tua cama e vai para casa!” Via um cego: “Veja!” e o cego via. Viu aquela mulher corcunda: “Ergue-te!”, e ela levanta. Aquela viúva que chorava a morte de seu filho e Ele diz: “Levanta-te!”, e o jovem se levantou. Encontrou aquela mulher julgada pelos fariseus, porque foi surpreendida em adultério. Jesus olha para ela e diz: “Alguém te condenou? Nem eu te condeno. Vá em paz!” Isso é amar. Estava quebrada, desfeita, esperando ser apedrejada e chegar ao mais baixo inferno, porque era a imagem que eles tinham de uma pecadora. Recebe o olhar divino de Jesus e vai em paz.

Toda vez que devolvemos a paz a alguém, nós amamos. Quando encontrarem um amigo, um colega deprimido, aborrecido, desesperado da vida, segurem-lhe os braços e digam: coragem, vale a pena viver! A pessoa abrirá os olhos e sorrirá. Isso é amar. Amar não é fazer o que fazem por aí, nessas novelas coloridas. Por que tantos dizem que se amam e depois de poucos meses se separam? Não há amor, senão quando eu quero a vida em todos os níveis. Ama aquela professora que está triste, aborrecida, mal paga, e, mesmo assim, é capaz de continuar ensinando.

Essa mulher ama, porque faz esses jovens, esses adolescentes crescerem. Ama quem faz alguém crescer física, intelectual, espiritual, afetivamente. Ama quem toca a vida.

Quando não soubermos que coisa é amar, perguntemos o que é a vida. Se soubermos responder, saberemos responder o que é amar. Só entende o amor quem entende a vida. E não entende o amor, quem só conhece a morte, o detestar, o desprezar, o pensar-se grande, o julgar os outros, o não querer ver o rosto do outro. Vocês podem dizer que é masoquismo eu querer que um assaltante viva. Como eu posso querer que um assaltante, um assassino viva? É claro que não quero que ele continue matando e assaltando, mas eu quero que ele viva e se transforme, para que seja feliz. Isso é amar! Amar não é querer ver a pessoa permanecer em seu estado de mediocridade, mas fazer com que ela cresça. Não quero que um homem mau continue mau, mas contribuir para que ele se modifique. É nisso que devemos investir todas as nossas energias, todas as nossas forças. Eu não quero que um adolescente continue na droga, mas que saia, para ser feliz.

Amar é querer que o outro viva, e só há vida no bem, na entrega, na doação de si. Não há outro jeito de viver. Essa é a dialética mais sensacional do evangelho. Nós só ganhamos, perdendo; e perdemos, quando queremos ganhar. Aquele que quer abarcar tudo com seus braços, encontrará a vacuidade total do seu eu, na sua total infelicidade.

Não imaginamos a tristeza, a vacuidade que atravessa essas altas-sociedades, envolvidas em luxo e riqueza. Lá, muitos riem, porque têm a química do sorriso, riem porque existe *Prozac*(**), uma química que desencadeia, em seus cérebros, substâncias para rir. Não riem pelo coração, porque não têm nada dentro. Nenhuma cor, nenhuma alegria, nenhuma pureza. Só os puros vêem a Deus. Só os felizes podem sorrir. Só os que amam são capazes de serem felizes. Podemos usar toda a medicina, todas as pílulas que a psiquiatria consegue elaborar tão bem. Passaremos o dia todo rindo, como os artistas riem, exibindo uma *felicidade* enorme. Mas, no momento em que depararmos com o nosso eu, sentiremos a vacuidade total de nós mesmos. Nesse momento, saberemos que coisa é não amar e não ser feliz. Amém. (25/05/03)

(*) Albert Sabin, cientista russo, naturalizado norte-americano e inventor da vacina contra a poliomielite

(**) antidepressivo Fluoxetina

“VEM E SEGUE-ME!” – (Mt 9, 9-13)

Se observarmos bem as narrativas do evangelho, perceberemos que Jesus está sempre em movimento. Está sempre andando, partindo, saindo, chegando. E todos os chamados – podem conferir - Ele os faz ao caminhar, nunca sentado. E por que isso? Hoje, por exemplo, Ele passa, vê o senhor Mateus trabalhando na bolsa de valores daquela época, olha para ele e diz um imperativo e um objeto direto: “Segue-me!” Com a mesma rapidez com que ouviu a palavra de Jesus Cristo, ele larga tudo. Larga o seu trabalho, o seu ofício, a sua profissão e vai seguir Jesus. É algo espantoso! Lemos o evangelho e achamos a coisa mais natural.

Imaginem vocês, trabalhando na própria empresa, passa Jesus e diz: “Vamos embora!” e vocês vão. Duvido, *duvidíssimo!* Isso é de assustar! O homem larga tudo, e por um desconhecido. Hoje nós sabemos quem Jesus é. Afinal, depois de dois mil anos, dá para se saber alguma coisa. Eles, não! Jesus era um homem que aparecera há poucos dias, talvez alguns meses, depois de ter vivido cerca de trinta e poucos anos numa cidade pequena, do interior. Era totalmente desconhecido! Nem a Virgem Maria era essa que apareceu em Lourdes, em Fátima. Era uma senhora simples, do povo. Ele, portanto, era filho da dona Maria e do senhor José. Um entre tantos. José, talvez nem chegasse a ser carpinteiro, talvez fizesse uns banquinhos bem vagabundos, ou ainda, quem sabe, trabalhasse na construção civil, e não passava disso.

Esse Homem, absolutamente desconhecido, passa, chama, e Mateus o segue. Isso só é possível, porque, no olhar de Jesus, na sua postura, deveria haver realmente algo impressionante, que marcava e movia as pessoas por dentro. Elas se transformavam, largavam tudo e seguiam o Senhor. E nós, apesar de passados dois mil anos, ainda não descobrimos o Mestre. No dia em que descobrirmos Jesus, numa relação bem pessoal, numa relação que nos arranca do nosso cotidiano, de uma vida de acomodação, teremos coragem de engajar-nos e comprometermo-nos com os irmãos. Aí a nossa vida mudará!

Poucos, talvez, ao longo da sua vida, descubram isso. Assim, são raros os reais seguidores de Jesus. Somos mais católicos do que cristãos. Somos mais de atos religiosos do que de seguimento de Jesus. E é mais importante esse seguimento do que todos os atos religiosos juntos. Por isso Jesus escolheu um publicano – um homem pecador, um homem que era desprezado pelos judeus, porque era considerado, como na gíria militar da época da repressão, *o dedo duro*. Era alguém que recolhia o dinheiro dos impostos dos judeus e os repassava aos romanos. Alguém desprezível para seu próprio povo. Foi esse que Jesus chamou. E ele o segue, mostrando-se bem mais próximo de Jesus do que conseguimos chegar.

Vejam no exemplo de Mateus a disponibilidade, o desapego, a coragem de abandonar seguranças e confortos. Que o “segue-me” que Jesus dirige a cada um

de nós nos disponha a assumirmos, em nossa vida, a missão de evangelizadores, levando a palavra e o serviço do Reino de Deus aos nossos ambientes. Ele precisa da nossa pequenez, de nossas limitações para chegar onde apenas nós podemos levá-lo. Sejam, em nosso trabalho, nas nossas escolas, nas nossas famílias, no trânsito, na rotina de cada dia, uma presença que questiona, que incomoda. Assim estaremos respondendo ao chamado. Cada um à sua maneira, cada um dentro de suas possibilidades. Amém. (05/06/99)

AMAR É SER PARA O OUTRO (2Sm 12,7-10.13/Lc 7,36-8,3)

As leituras de hoje são páginas muito bonitas da história religiosa. Seria interessante que comparássemos as páginas do Antigo e do Novo Testamento, para percebermos o progresso da imagem de Deus. Talvez entendamos a revelação de uma maneira equivocada, como se Deus, ao revelar-se e ao revelar-nos os seus projetos, já o fizesse de uma maneira perfeita e completa, como se a revelação não pertencesse também às pessoas que ignoravam a palavra de Deus. Ele falava “A”, as pessoas entendiam “B”. Este “B”, pouco a pouco, vai desaparecendo, para ficar apenas o “A” claro.

O Antigo Testamento, muitas vezes, apresenta um Deus muito severo, muito bravo, punindo os pecados, castigando as pessoas. Muitos cristãos e até muitos pregadores e padres ficaram com essa imagem atrasada de Deus. É pena! É claro que está escrito nas Escrituras, mas para um povo de cabeça dura. Era um povo que projetava muito daquela severidade de Deus nos seus próprios medos.

Vejam o que aconteceu com Davi. Cometeu um pecado muito grave, muito sério. Mereceria até trinta anos de prisão, se fosse julgado segundo o nosso Código Penal. Não só cometeu adultério, mas mandou o esposo daquela mulher para a frente de batalha, para que, morrendo, ele ficasse com ela. Roubou a mulher, assassinou o homem. Muito grave – adultério e homicídio. Agora, a palavra vem do escritor, não de Deus, afirmando que ele seria castigado, e o filho, que fora gerado, morreria. Certamente, a punição não viria de Deus, mas o profeta, que ainda não havia percebido toda a beleza de Deus, ficou só com a metade da revelação: não com aquele Deus que perdoa, mas com o que castiga.

No evangelho, Jesus vai corrigir isso na cena daquela mulher, pecadora pública da cidade, famosa por sua vida desregrada. Vocês não podem imaginar o impacto que terá causado esta cena. Em Israel, as pessoas tomavam as refeições quase que deitadas. Colocavam os pés para trás e se inclinavam sobre uma mesa baixa. A mulher entra na casa na hora de uma refeição. Ousadia inaudita! A refeição é uma coisa particular, à qual o judeu dava e dá uma importância enorme. Nenhum estranho podia, como ainda não pode, entrar numa casa durante uma refeição. E não era um estranho qualquer, mas uma prostituta conhecida na cidade. De repente, ela entra na casa, com Jesus almoçando. Mais ainda: em Israel, uma mulher nunca conversa com um homem em público. Nas casas árabes, os homens ficam conversando na sala e, atrás das cortinas, as mulheres ficam *fofocando*, não tomam parte na conversa. Até hoje ainda é assim. Elas são segregadas, desprezadas. E essa mulher não só entra, mas começa a abraçar, beijar os pés de Jesus, lavá-los com suas lágrimas e enxugá-los com seus cabelos. Isso foi um horror! O fariseu não desmaiou, porque devia estar bem de saúde. Era para ser castigo público, e condenariam Jesus também. É claro que o

fariseu pensou mal de Jesus, por Ele nem desconfiar de quem o estava tocando. Primeiro, porque qualquer mulher que o fizesse já seria um escândalo. Ainda pior ser aquela mulher. Agora vem a resposta de Jesus ao espantado fariseu: “a ela Deus ama mais, porque perdoou mais”. Ninguém nunca esperava isso! E continua: “Deus gosta muito mais dessa mulher do que de ti, fariseu! Tu não és grande pecador. Tens pequenas culpas. Deus gosta menos de ti do que dela. Ela recebe mais perdão e, portanto, Deus a ama mais!”

Aquela imagem do Antigo Testamento, de um Deus que mata o filho gerado em adultério, cai por terra. Deus não mata ninguém, não pune ninguém, não castiga ninguém. Temos de tirar bem cedo isso da cabeça das crianças. Mães, pelo amor de Deus, nunca passem essa idéia falsa de que Deus castiga, de que toda coisa de mal é castigo de Deus! Esse é um Deus antigo, que o profeta não tinha conhecido ainda. Nós temos a revelação última de Jesus. É esta que devemos guardar para nós: Deus ama mais a quem Ele perdoou mais.

Assimilar essa imagem foi tão difícil para as primeiras comunidades, que várias cópias do evangelho omitiram essa passagem. O copista – porque naquela época não havia livro impresso – ficava tão escandalizado, que censurava e saltava essa página. Em muitos manuscritos antigos, falta essa página, porque o povo não tinha coragem de escrevê-la e achavam que não podia ser verdade.

Deus não discrimina ninguém. Não pune, não condena ninguém. Os verbos condenar e punir não existem para Ele, que só conhece duas palavras: amar e perdoar. Essa é a lição que vamos levar hoje, e isso é para que também nós vivamos a mesma experiência com os nossos irmãos. É difícil! Será que os maridos, os namorados são capazes de não fazer esses joguinhos, essas cobranças no amor? Amor não se cobra. Quem cobra é comerciante. Quem faz comércio não ama. Jesus veio mostrar não só qual é o amor de Deus, mas também como devemos nos amar. É muito difícil não cobrar! A gente pode até fazer alguma coisa de forma generosa, com bom coração, mas esperamos resposta, esperamos a volta. São as mães que esperam os *troquinhos* dos filhos, o amigo que espera, pelo menos, o reconhecimento. Mas está aí a lição de Deus: amor significa relação de vai sem volta. Se vier a volta, é para a nossa grande alegria, para surpresa nossa. Será que uma mãe consegue achar que cada carinho de seu filho é uma surpresa? Ou pensa que é uma coisa obrigatória? O verdadeiro amor será quando o carinho que recebermos for surpresa, e não recompensa pelo merecimento. Amor não se merece! Ninguém merece amor de ninguém. Ninguém pode exigir amor de ninguém. Se cobrar, não é amor, mas comércio, e comércio é para cobrar mesmo. Se devemos, temos de pagar. Eu insisto muito nessa tecla, porque é a coisa mais difícil, mas também a realidade mais plenificante do ser humano. A criança tem que aprender, porque, por natureza, ela é comercial. A educação é exatamente para abrir o coração da criança para a generosidade, para a doação. Toda criança quer tudo para si. É instinto de defesa necessário. A educação vai abrindo-a para a liberdade, para a consciência, para o bem. Se oferecermos uma mesa de doce

para a criança, ela quer todos, porque não sabe escolher.

Levemos esta lição maior do Evangelho: amar é ser para o outro! O que vier de volta é festa. Amém. (13/06/98)

A PACIÊNCIA INFINITA DE DEUS

(Mc 4, 26-34)

O tema central desse trecho do evangelho de São Marcos quer mostrar que Jesus veio nos anunciar o Reino de Deus. É o dado mais importante de sua vida. Mas que coisa é esse tal de Reino de Deus?

Como estamos muito distantes culturalmente – dois mil anos de distância do mundo judaico – essa expressão soa muito estranha para nós. Normalmente, a maioria dos que ouvem essa expressão pensa logo nos reis da terra, em territórios, lugares onde o rei reina. Mas o Reino de Deus não é isso. É a ação de Deus na história, é Ele atuando e agindo para nos conduzir à salvação, à felicidade, à profundidade de vida, para nos fazer descobrir novos horizontes e sentidos para a vida. O Reino de Deus existe para que sejamos felizes.

Mas alguém pode questionar que não vemos Deus agindo. Olhamos para as nossas vidas e vemos tanta tristeza, tanta doença, tanto sofrimento, tanta incompreensão. Então, nos perguntamos: onde pode estar acontecendo o Reino de Deus? E Jesus responde: peguem a semente, lancem-na e não verão nada. Dia após dia, e ainda não veremos nada. De repente, desponta uma cabecinha verde, nascendo, surgindo. Mas, se olharmos todos os dias, procurando a planta, não a veremos crescer. Podemos olhar com binóculo e nem assim a veremos. Mesmo assim ela cresce, e cresce a cada instante, só que nossos olhos não vêem.

Assim, diz Jesus, é o Reino de Deus. Ele atua no *escondimento*. Não atua no barulho, nas praças públicas. Está aí, no coração de cada um de vocês. Vivemos tão envolvidos com nossos trabalhos, com nossas pastorais, que muitas vezes nos achamos inúteis. Se olharmos por esse lado, realmente os nossos olhos não verão a graça de Deus. Essa é a nossa grande tentação! Mas Jesus nos consola muito nesse Evangelho. Não vemos a ação de Deus, mas Ele está atuando.

Quando Jesus morreu – reparem bem – Ele estava sozinho e nu na cruz. Um pouco distante, estavam Maria, algumas mulheres e um discípulo temeroso. Depois de tantos anos trabalhando, pregando, sobraram poucas pessoas. Os outros estavam escondidos. Aqueles *homões*, todos trancados. E hoje, um bilhão de pessoas segue aquele que morreu na cruz. É o tempo, a paciência infinita de Deus!

Quando nos acharmos desanimados, devemos nos perguntar: onde está o Reino de Deus? Aí Jesus responderá: é como a semente, o grão de mostarda que cai na terra e cresce tanto que os pássaros podem se abrigar em seus galhos. Assim nasce e cresce o Reino de Deus. É isso que nos dá esperança. O Reino de Deus somos nós, é esta comunidade aqui reunida, é toda a nossa cidade, pois é nela que Deus está atuando. São as escolas, os lugares onde trabalhamos. O Reino de Deus invade, pervade todas as realidades, atravessa todos os corações. Mesmo naqueles que parecem fechados, cristalizados, ele está batendo. É a ação

de Deus na história!

Acreditem! Joguem a semente do amor, da ternura, joguem a semente da palavra. Esta palavra bonita, dita com amor e verdade. Esperem, acreditem que isso vai crescer! Amanhã haverá uma árvore viçosa, com sua copa frondosa abrigando a todos. Amém. (14.06.97)

JESUS É A PRESENÇA CERTA EM TODAS AS TEMPESTADES (Mc 4, 35-41)

Pouco a pouco, estamos aprendendo a ler o evangelho. Muitos católicos, cristãos entendem-no muito ao pé da letra e imaginam que Jesus estaria, a qualquer momento, fazendo milagres como obras externas, como obras que afetam a natureza. Assim, esquecem que os milagres de Jesus pertencem ao mundo dos sinais, dos símbolos. De tal maneira que João, o evangelista mais perspicaz, não chama de milagre, mas sinal. Reparem bem a palavra: sinal. O sinal é uma experiência cotidiana. Os filósofos pensam muito nisso, e todos sabemos o que é sinal. Vemos uma lâmpada verde diante de um automóvel. É um sinal. Não há nada escrito, mas todos sabem que podem avançar com o carro. Diante de uma lâmpada vermelha todos se detêm. Não é por ser uma cor bonita, mas sim por ser sinal de outra coisa. O que vemos não é a materialidade da coisa, mas vemos e percebemos aquilo que a coisa indica, para onde aponta. Isso é o fundamental!

Quando vemos um sinal, não podemos parar nele, porque aí o estragamos. Um abraço não é para ser analisado, é para que sintamos o carinho. Não é para dizer da fisicidade do corpo, mas para transmitir o sinal do amor. O beijo, o abraço são sinais, são símbolos. Apontam para outra coisa que, se não houver, torna o gesto vazio. Quando vocês vêem um pano grande verde, amarelo e azul com estrelas, não analisam para saber se é algodão ou cetim. É Brasil! O pano não interessa na sua fisicidade de pano, mas no que ele indica e aponta.

Quando ouvimos um milagre de Jesus, não podemos ficar parados na fisicidade da água, do vento. Assim, pensaremos que Jesus está a toda hora segurando o vento para nós. Não segura não! Se o carro derrapar, fatalmente ocorrerá um acidente. Os milagres são sinais. E aí vem uma *frasezinha*: “vós ainda não tendes fé, por isso sois tão medrosos!” Está aí a *dica* para entender o evangelho. Jesus quer dizer que está sempre presente e que nunca precisamos ter medo, mesmo que, fisicamente, a realidade seja contrária, como muitas vezes o é. Mas, mesmo nessas conjunturas, mesmo nessas situações, Ele está dizendo que está ao nosso lado. É essa certeza que Jesus quer dar a todos nós e repete milhões de vezes, porque é disso que estamos precisando.

Quando realmente bate a tempestade sobre a nossa casa, desesperamo-nos. Se a namorada se vai, o rapaz fica numa *fossa* tremenda. Entra num túnel de quilômetros e não sai mais. Mas é preciso saber que há sempre luz em nossa vida, mesmo *na fossa*, na depressão, no momento de sofrimento real. É nessa hora que precisamos dessa palavra de Jesus. É nessa hora que precisamos saber que Ele segura as tempestades, acalma os mares, mas não fisicamente. Os mares da nossa existência são muito mais importantes. Todo poeta sabe, toda pessoa com um mínimo de sensibilidade e de imaginação sabe que os mares são símbolos das grandes paixões, das grandes tempestades interiores. Quem algum

dia experimentou uma verdadeira tempestade, percebe a beleza, a força, o vigor dessa tempestade. São como dragões que passam dentro de nós. Nessas horas tempestuosas, precisamos de uma palavra de consolo.

Vocês vão percebendo que, de repente, o Brasil acordou. Acordou diante da terrível violência que nos assalta. Até o Planalto acordou e soltou um novo *pacote* contra a violência. Por que chegamos a esse nível? Essa é a grande pergunta. A ONU (*) publicou, recentemente, uma estatística em que a América Latina aparece como o continente mais violento. Antigamente, era famosa a violência norte-americana, aqueles faroestes que víamos no cinema, quando éramos crianças. Os Estados Unidos estão tentando superar essa violência. E nós herdamos o pior deles e ainda aumentamos com lentes poderosas. Por que isso acontece com um povo tão simpático, tão afetivo, tão comunicativo como o povo brasileiro? Essas são as nossas riquezas culturais e estamos perdendo-as. Isso é o terrível! Não temos grandes riquezas econômicas em produção – talvez as tenhamos como potenciais. Ainda somos um país pobre, se considerarmos a massa imensa dividindo o nosso produto interno bruto. A nossa divisão de renda é terrível! A maioria das crianças que nascem na Amazônia é subnutrida. Mesmo no resto do Brasil, a média das crianças subnutridas é imensa. Isso é terrível! Apesar disso, ainda temos uma reserva interior: a reserva da alegria. Mesmo em situações difíceis, sabemos ainda cantar, nos alegrar. Mas até isso estamos perdendo, porque estamos com medo. Antigamente, cumprimentávamos qualquer pessoa, podíamos andar pela rua a qualquer hora da noite. Hoje, nenhum de nós ousa atravessar nossas cidades mal a noite cai. Chegamos a isso nos últimos dez anos, quando o Brasil teve uma virada terrível para a violência.

Eu apontaria duas causas, para refletirmos. Uma é econômica, contra a qual não podemos fazer nada. São tantos bancos estrangeiros engolindo as nossas riquezas! Mas uma outra causa podemos trabalhar, e é muito profunda: a defasagem entre as possibilidades e os desejos. Somos seres de desejo. Nós desejamos, e isso é o mais fundamental em todos nós. Somos açulados pelo desejo. Olhamos e desejamos. Desejamos mulheres, dinheiro, prazeres. Cada time quer sempre ganhar. Nessa nossa estrutura existe o infinito e, como as coisas não são infinitas, nunca estaremos satisfeitos. É como se bebêssemos água salgada e continuássemos com uma sede devoradora. O nosso desejo último é o infinito, mas vivemos das coisas materiais. Vivemos cercados de pessoas, de coisas que nos fascinam com suas luzes, com suas cores, com suas belezas. Não podemos fazer nada contra os nossos desejos, mas podemos, lentamente, aprender que devemos colocar limites a eles. Isso os pais devem ensinar às crianças desde pequeninas. A falta de limite ao desejo leva-nos até mesmo a querer arrancar a vida dos outros. Se não tivermos limites, a vida não será mais limite.

Platão tem uma imagem muito bonita: o desejo insaciável é o mito que distingue o animal. Então, ele vivia comendo e expelindo tudo, e não ficava nada em seu organismo. O desejo que não tem limite entra e sai. Não fica nada. Temos

que saber que somos seres racionais, seres livres, seres sociais. Ser social exige de mim o limite, porque vivemos em sociedade, nos construímos ao lado de outros e não podemos desejar tudo. A primeira coisa que a cultura aprendeu, o primeiro mandamento foi contra o incesto, porque aprendeu que, se numa família, não pudesse haver amor entre esposos e filhos, como coisas que não se pode misturar, a família se destruiria. Portanto, no início da humanidade, milhares e milhares de anos atrás, o ser humano percebeu que deveria colocar limites sexuais dentro da família, para que esta pudesse existir. E até esse limite estamos ultrapassando.

Um psicanalista, que já citei várias vezes, Jurandyr Freire Costa, quando do assassinato daquele índio por aqueles jovens de Brasília, só disse uma coisa: “esses jovens não aprenderam limite”. Encontraram um índio, pensaram que fosse mendigo e o mataram como se mata uma mosca. Não aprenderam, quando eram crianças, que os pais podem dar, mas não devem dar tudo. E toda vez que o pai ou a mãe não conseguem ser uma firmeza na família, estão preparando futuros criminosos para a sociedade. A causa última da droga é a incapacidade de o jovem colocar limites aos seus desejos. Vai querer sempre mais e mais prazer, e morrerá, física e espiritualmente, porque não sabe colocar limite. Todas as vezes que não colocamos limites, terminamos rapidamente na morte, porque esse limite não podemos ultrapassar.

Se quisermos viver, apenas viver – nem precisamos ser cristãos – e viver em comunidade, temos de aprender a colocar limites na nossa existência. A disciplina, o limite, fazem o homem feliz e não infeliz. Querer tudo, desejar tudo nos leva ao que vemos por aí. Coloquem num menino de rua o desejo de querer um tênis *Nike*, não um tênis qualquer. Ele não pode comprar, mas tem o desejo que não tem limite. Com uma faquinha, encontra um rapaz de um colégio rico e o assalta, porque ele tem o tênis que a propaganda mostrou. E como ele não pode ter, ultrapassa todos os limites. Esses jovens buscam satisfazer seus desejos insaciáveis pelo único caminho que encontram, que é o crime. Amém. (17.06.00)

(*) Organização das Nações Unidas

A FORÇA DA FÉ (Mc 8, 27-33)

Muitas vezes, para nós, os santos tomam forma de pessoas fora da realidade. Por isso, uma festa desta nos faz descer ao concreto e comparar algumas experiências desses homens com as nossas. Aí, talvez, entendamos a coragem e a grandeza deles.

Imaginemos Pedro. Era uma pessoa nascida numa roça, num interior bem interior. Mal falava o aramaico, que era um simples dialeto. Esse homem, que não tinha cultura nenhuma, que provavelmente nem sabia ler e escrever, teve coragem – vejam o que é a força da fé – de deixar seu país pequenino e atravessar toda a região da Ásia Menor. Chega em Roma, onde nem a língua conhecia, pois lá a elite falava grego, e o povo, apenas o latim. Imaginem o susto! Roma era uma cidade gigantesca, com o Coliseu, os Arcos de Tito, de Constantino, onde quase ninguém tinha ouvido falar de Jesus. Imaginem se eu chegasse aqui para falar de Jesus Cristo, sem que ninguém tivesse ouvido falar dele, nem falasse a minha língua! Seria como se eu falasse de alguma divindade grega para vocês! Esse homem continua pregando, anunciando. Aí podemos entender quando Jesus diz que a fé transporta montanhas. Aliás, é muito mais fácil transportar uma montanha do que se arrancar do próprio lugar, ir para o estrangeiro, sem conhecer, sem entender nada. É como quando eu, na Alemanha, chegava ao refeitório e não entendia nada do que os colegas falavam. É terrível isso! Esse homem, por causa de Jesus, por amor a Jesus, enfrenta todas as dificuldades para anunciar o Evangelho e morre no anonimato, entre tantos outros crucificados. Mas, mil e seiscentos anos depois irão erguer sobre o seu túmulo uma igreja gigantesca – a Basílica de São Pedro. Hoje todo o mundo conhece esse homem. Mesmo que não se tenha fé, chegando em Roma, de qualquer lugar, vê-se a cúpula da Basílica. Mas quando ele chegou, ninguém o conhecia. Ele soube construir lentamente a sua fé, que hoje é a de milhões de pessoas. E quando imaginamos um santo, pensamos em alguma coisa fácil!

Paulo tinha mais cultura. Sabia grego, podia pregar em Atenas, porque conhecia a língua. Quando entra em Atenas, vai pregar num lugar que seria hoje, para nós, o centro mais intelectual da cidade, onde se reuniam as pessoas mais inteligentes, onde Platão e Aristóteles tinham ensinado. Vai enfrentar as elites intelectuais, e os gregos acreditavam em muitos deuses. Paulo conta que, visitando um cemitério, vê uma lápide onde estava escrito: “Ao Deus desconhecido”. Aí ele intui por onde começar a pregação: dizendo que eles acreditavam em muitos deuses, até mesmo num deus desconhecido, de quem ele vinha lhes falar. Mas eles não aceitam Paulo, porque imaginavam que a morte humana era o momento da libertação, em que a alma e o espírito se separariam do corpo. Para o grego, esse corpo era um cárcere, pelo qual tinham um profundo desprezo. Interessavam-se somente pelas idéias, pelo pensamento e, quando Paulo falou que Jesus ressuscitou com seu corpo, os gregos o rejeitaram. A eles

só interessava o espírito, as idéias bonitas, profundas e filosóficas. São filhos de Platão e Aristóteles, grandes filósofos. Desprezaram Paulo, que continuou tentando e também teve seus fracassos. Não foi um sermão fácil.

São esses dois homens que celebramos hoje. Foi a constância, a força deles que fizeram com que a fé também chegasse até nós. Sem dúvida, Paulo foi o homem que mais conseguiu levar a fé à frente. Se pegarmos um mapa e acompanharmos suas viagens, ficaremos espantados. Principalmente se considerarmos os recursos de então. Chegou a sofrer um acidente – quando o seu barco afunda, ele fica agarrado a um pedaço de madeira por três dias e três noites e não morre. Era um homem que enfrentava as tempestades com os recursos mais miseráveis daquela época. Não temeu a rejeição, as tempestades, as distâncias para anunciar o evangelho de Jesus. Isso é que é fé! Quando entra um pouco de fé dentro de nós, nossa vida se transforma.

Saibam vocês que não é só em Pedro e em Paulo que percebemos essa força. Nós temos que reconhecer essa fé em muitos de nossos irmãos evangélicos ou de outras denominações, que são exemplos. Muitas vezes passamos pela rua e vemos aqueles rapazinhos americanos, de terminho, gravatinha, que deixaram os Estados Unidos para virem anunciar. São os mórmons, jovens da idade de vocês, que largaram uma vida muito melhor. Vieram para o Brasil, vão aos interiores para anunciar o evangelho de Jesus Cristo.

Que a festa de Pedro e Paulo acorde em nós o entusiasmo. Que entre em nós um pouco dessa fé dinâmica e evangelizadora, que poderá nos transformar. Amém. (28.06.97)

PEDRO E PAULO NOS ENSINAM FIDELIDADE

(Mc 6, 1-6)

Pedro e Paulo eram duas pessoas muito diferentes. Cumpriram missão também diversa na Igreja. Encontraram-se na fé e na morte.

Pedro conheceu Jesus, viveu a seu lado, acompanhou-o ao longo de sua vida pública – dois, três anos, não sabemos exatamente –, mas bem junto dele. Foi um discípulo entusiasmado, impetuoso, corajoso, mas contraditório, porque trairá Jesus, negando-o três vezes. Com o mesmo entusiasmo com que defendia Jesus, o traiu. Mas depois, não como Judas, que se desesperou, Pedro se converteu. Diz a longa tradição que chorou tanto, que dois sulcos marcaram a sua face até a hora da morte. Esse homem generoso, simples, humilde, de poucos conhecimentos, nos deixou poucos escritos bem simples, bem diferentes dos de Paulo.

O que Pedro ensina para nós, do século XX, desta pós-modernidade, é como ser fiel. Mesmo depois que erramos, mesmo depois que traímos, mesmo depois que nos desviamos, é possível voltar, é possível ser fiel. Fiel depois da queda. Precisamos desse exemplo. Muitas vezes, há fidelidades impolutas, como a de João Evangelista, que foi fiel, companheiro até a última hora. Mas há também fidelidades redimidas, e essa foi a fidelidade de Pedro, talvez mais próxima da nossa. Precisamos nos redimir de nossas falhas, de nossas traições. Pedro redimiou-se e manteve-se firme até derramar o sangue por Cristo. Diz a tradição que, quando foi condenado, não quis ser crucificado como Jesus. Achava que não merecia morrer como Jesus e pediu que fosse crucificado de cabeça para baixo. Podemos ver algumas pinturas que o mostram crucificado de cabeça para baixo. Não quis morrer exatamente como seu Mestre, porque não se julgava digno de morrer como Jesus.

Paulo foi um homem totalmente diferente. Ele não conheceu o Jesus da carne. Fazendo os cálculos das datas, os cálculos históricos, provavelmente, Paulo estaria em Jerusalém numa das vezes em que Jesus foi lá. Mas Jesus não era tão conhecido como imaginamos. É possível que Paulo estivesse presente até no dia da paixão, mas pouco estaria interessado com o que acontecia com aquele pobre carpinteiro do norte. Paulo era bem mais culto, freqüentava as grandes escolas da época. Sentou-se ao pé de Gamaliel, o grande rabino, diria hoje, o grande catedrático da época. Ele aprendeu e conhecia muito bem o judaísmo e, em termos escolares, era muito melhor que qualquer apóstolo. Conhecia muito mais a Escritura e o Antigo Testamento do que os apóstolos. Por isso, não entendeu Jesus. À primeira vista, quando ouviu a pregação dos apóstolos sobre a morte e ressurreição de Jesus, achou que estavam loucos e começou a perseguir violentamente os cristãos. Era culto, e a inteligência freqüentemente nos engana. A inteligência pode nos levar a desvarios.

Exatamente por acreditar que conhecia muito melhor a Escritura do que os apóstolos, achou que podia perseguir aqueles homens rudes que vinham do norte. Tão ignorantes, que mal sabiam escrever. E Paulo sabia, escrevia complicado. As suas leituras muitas vezes são difíceis, até para nós, teólogos. E ele, num dado momento, não sabemos como, percebe o Cristo de uma maneira original. Tem uma experiência radical e profunda e compreende que toda a sua vida, até aquele momento, fora um lixo. Transforma-se, de perseguidor dos cristãos, no grande apóstolo das gentes, dos gentios, dos pagãos, dos gregos, dos romanos. E vai falar no lugar de maior cultura daquela época. Vai à Grécia, a Atenas. Naquela época, Atenas era a grande universidade. Ele vai ao Aerópago, onde se reuniam os grandes pensadores. Sobe intrepidamente e anuncia Jesus Cristo. Fracassa, rejeitam-no, mas ele não desanima. Vai de cidade em cidade, viajando. Sofreu naufrágios, foi flagelado, tentou várias vezes converter os judeus, os gregos e sempre fracassou, mas manteve-se firme até o fim.

Enfrentou suas viagens até chegar, como Pedro, em Roma. Chega à capital do Império Romano. Lá também quis anunciar o Cristo. Foi levado preso, mas para uma prisão um pouquinho mais *light*, e, mesmo na prisão, anunciou o Evangelho. Não perdeu um momento para anunciar Jesus, até que foi decapitado. O sangue vai selar o seu compromisso com Jesus.

Para nós, hoje, de Pedro e Paulo, fica o exemplo de homens que mantiveram a fidelidade até a morte. Nós vivemos momentos de grandes dificuldades, de firmarmos compromissos definitivos. Muitas pessoas se comprometem mutuamente, seja no matrimônio, seja na vida religiosa, seja no sacerdócio e, depois de um tempo, largam. Temos uma dificuldade enorme de mantermos nossos compromissos religiosos, políticos, afetivos. Estamos sempre *virando a casaca*. Os políticos mudam de partido porque buscam atender interesses pessoais. Vivemos num mundo de pouca fidelidade. E esses dois homens estão aí para nos dizer o que é ser fiel, porque o foram até a morte, derramando o seu sangue.

Olhemos para eles, aprendamos deles essa fidelidade. Amém. (01.07.00)

A SABEDORIA QUE NÃO VEM DOS LIVROS ***(Ez 2,2-5/2Cor 12,7-10/Mc 6,1-6)***

As três leituras de hoje parecem simples, inocentes, mas provocaram muitas reações de vários filósofos. Algumas, até violentas, como a de Nietzsche, entre tantos outros.

Num primeiro exemplo, acontece o que aconteceu no Brasil na época do regime militar. Estavam aí os profetas, que tinham nomes bem concretos – Helder Câmara, Evaristo Arns, Pedro Calsadáliga (*) – e ninguém os reconheciam. Eram os generais, era a repressão. E Jesus diz: “Eu mandei os meus profetas!” Quantos profetas estão atuando na nossa realidade, levantando a voz, reunindo o povo e dizendo que existe um “Fome Zero”, existe gente morrendo de fome?! Hoje mesmo, uma Ministra da Eucaristia me contava que visitou uma família aqui em nossa cidade, e encontrou uma criança de um ano, morta. Provavelmente, de fome e de frio. Linda, parecia um anjinho. Ela olhou pela casa e viu que eles não tinham nada. As crianças dormiam no chão, sem ter o que comer, o que vestir. Isso acontece aqui, em Vespasiano. Não é na Nigéria ou em algum outro país da África. Pertinho, a alguns metros das nossas casas. Os profetas estão nos mostrando tudo isso, e nós continuamos caminhando lunaticamente pelo mundo.

Temos que nos perguntar onde estão esses profetas, acordando, sacudindo a sociedade. E os há de todos os tipos, desde uma criança, que muitas vezes é profeta para nós. Não são só os papas, padres, bispos ou freiras não. Profeta nasce numa sociedade real, política, social. Conheço aqui pessoas corajosas, que enfrentam dificuldades para organizar alguma coisa, melhorar a situação. Esses são os profetas. Javé ficou bravo, porque o povo de Israel não soube reconhecer os seus profetas. Será que nós sabemos?

Paulo hoje nos diz uma coisa altamente escandalosa. Vou brincar um pouquinho com a cultura, para que vocês possam entender. Como o povo grego pensava as pessoas? Como o povo romano imaginava as pessoas? Visitem qualquer museu onde possam ver as estátuas gregas e verão só gente bonita, forte, atlética. No mundo grego nasceram as olimpíadas, pois eles praticavam muito esporte. Eram bonitos, fortes – *kalós kai agathós*. Paulo diz que ele tinha um defeito que o envergonhava e do qual quis livrar-se. Deus diz não. Ele deveria guardar esse defeito até o fim da vida. Não sabemos se era epilepsia ou se era por ser baixo demais. Lá sei eu o que ele tinha e do que não gostava. Deus não lhe mudou a aparência física e Paulo descobriu que podia ser forte na fraqueza.

Betto (***) conta que, quando era criança, em Belo Horizonte, havia uma academia e dezenas de livrarias em seu bairro. Hoje as livrarias desapareceram, e as academias se multiplicaram. É isto que estamos vendo: o culto da beleza, da fisicidade, das olimpíadas, dos campeonatos dos melhores times, dos bem

classificados. Os *lanterninhas* se apagando e caindo para divisões inferiores. Paulo diz que seria forte na fraqueza. Isso é uma coisa escandalosa para a cultura de hoje, como o era para o mundo grego, para o mundo romano. Lembrem-se das legiões romanas, que chegaram até a Inglaterra, entraram pela Ásia, pela África e conquistaram o mundo conhecido daquela época. Elas nunca valorizariam o fraco, o pequeno, o desprezado, o menor. A criança era como um bichinho que desprezavam. Jesus as abraça, acaricia e acolhe. Naquela época, os leprosos nem podiam chegar perto das cidades. Carregavam até campainhas, para que todos fugissem deles. Jesus os chama, os toca, num mundo onde era proibido tocá-los. Ele os toca e os cura. Ele quer inverter esses valores, fazer com que nossos olhares se orientem e se dirijam para o menor. Por isso, aquele filósofo alemão, Friedrich Nietzsche – de certa maneira, pai do nazismo – vai dizer: “Vocês, cristãos, glorificam a fraqueza. Eu quero o super-homem!” É isso que nós também queremos. Vejam essas telinhas para crianças, esses *batmans* da vida, esses super-homens que vão enchendo o horizonte imaginário das criancinhas. É isso que constrói o imaginário da sociedade. Paulo vem dizer: “Eu me glorifico na fraqueza!”

Para entender o evangelho, temos que imaginar como era o mundo de Jesus. Ele era um homem comum, como qualquer judeu. Devia estar com os professores ali presentes, porque freqüentou a escola de Nazaré, onde normalmente os rabinos ensinavam. Os livros que tinham não eram esses que temos hoje. Eles aprendiam a ler nas Escrituras, na Torá (***) . Jesus falava aramaico, e as escrituras eram escritas em hebraico. Então precisava aprender outra língua. Todos estavam acostumados a vê-lo entre as crianças, brincando e estudando como elas. De repente, com quase trinta anos, começa a falar aos professores, e todos se espantam. É isso que acontece hoje no Brasil. Tantos se perguntam: onde este torneiro-mecânico aprendeu para ser Presidente do Brasil? Quando era Fernando Henrique Cardoso, achávamos normal. Ele freqüentou universidades, deu aulas na Sorbonne (****), fala inglês, francês e esnobava todas as culturas. Mas não um torneiro, que aprendeu português corretamente apenas nos últimos tempos, e começa a governar a Nação. Donde lhe vem essa sabedoria? São as perguntas que a “Folha de São Paulo” está fazendo todos os dias. Quando vemos alguém que imaginamos inferior e, de repente, mostra sabedoria, levamos um susto. Essa sabedoria vem da capacidade que algumas pessoas têm de mergulhar fundo na experiência humana. Isso não vem dos livros, não vem das universidades.

Recentemente, eu li um artigo e, se for verdade, será ótimo. Querem abolir todas as matérias do vestibular e reduzir as provas ao português e matemática, para ensinar a pensar mais e mentir menos. Oxalá fosse verdade! Simplesmente escrever, e veríamos as *tontices*, as incapacidades pensantes e ambulantes, cheias de química e física. Todos ignorantes, incapazes de elaborar uma frase, de pensar uma experiência, de viver em profundidade. Incapazes de escrever, de comunicar-se, de falar de seu mistério, falar de algo profundo.

Por isso, aqueles homens letrados se espantavam com Jesus. Eles conheciam o Javé dos livros. Leram o Êxodo, os livros antigos em hebraico. Sabiam que Javé jogava raios e fumaça sobre o povo, e Jesus dizia que o mesmo Javé era *Abba*, era pai, era misericordioso. Que acolhia e perdoava, que não jogaria pedras numa prostituta. Isso escandaliza, e eles se perguntam de onde lhe vem essa sabedoria. Não era dos livros, pois esses diziam o contrário. Vinha da vida, da experiência, da profundidade.

Quando olho para vocês, jovens, perdidos na ignorância escura da existência, peço que pensem, aprendam a pensar, aprendam a fazer e aprendam a amar, e só assim existirão. Amém. (06/07/03)

(*) bispo de Olinda e Recife, cardeal arcebispo de São Paulo e bispo de São Félix do Araguaia, respectivamente

(**) referência a Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto

(***) a Lei Judaica, que contém os cinco primeiros livros bíblicos – o Pentateuco

(****) famosa Universidade de Paris

ANUNCIANDO HORIZONTES MAIORES

(Mc 6, 7-13)

De tanto ouvir o evangelho, aos poucos vamos nos familiarizando com o que eu chamo de gênero literário. Isto é, a maneira como ele foi escrito e o que o evangelista pretendia ao escrever. Já muitas vezes falei isso. Ele não descreve o que acontece. Não é um livro do passado. Isso é muito importante! Marcos não descreve o que aconteceu, mas escreve para a comunidade que está lendo, para nós, que estamos ouvindo. Ele está descrevendo qual é o nosso caminho, como cristãos. E hoje há uma coisa muito curiosa que Marcos está ensinando.

Vocês perceberam que Jesus chamara os apóstolos – segundo Marcos – fazia pouco tempo. Eles conheciam Jesus, talvez de meses, quiçá um ano. O que é um ano convivendo com uma pessoa de vez em quando? Quase nada. O que sabiam de Jesus? Quase nada. Menos que o que todos nós sabemos. Conhecemos e sabemos muito mais de Jesus do que os apóstolos, quando Ele os enviou. Esse é o fato! Não sabiam nada de Jesus. Apenas o viram, sabiam que fazia alguns milagres. Talvez perceberam o olhar, sua maneira de falar, perceberam alguma coisa de forte. Foram além do conhecimento. Fizeram experiência. E Jesus teve coragem de enviá-los a evangelizar. É como se Dom Serafim (*) chegasse aqui na igreja e dissesse a vocês: “Saíam, dois a dois, para anunciar o Evangelho!” Se disséssemos que não sabíamos nada, ele diria para anunciarmos que estamos aqui, que acreditamos que Jesus está vivo. Anunciar a alegria de ser cristãos e bastaria. É isso que Marcos quer nos dizer. Nós, cristãos, sobretudo católicos, somos medrosos, tímidos, acanhados, somos mineiros demais para o gosto de Jesus.

Sobretudo na leitura de Marcos, Jesus queria que cada cristão, ao encontrar as pessoas, ao conviver com elas no trabalho, na escola, passasse alguma coisa. Não teoria, não aula de Teologia, mas experiência, vivência. Isso até as crianças podem passar. Contem aos coleguinhas que Jesus passou pelo coração de vocês e o deixou limpinho. Isso já é evangelizar. Jesus fez isso com os apóstolos. Eles eram rudes, analfabetos, não sabiam nada, e aqui tem pessoas com curso superior, cultos, e não falam. Esse é o problema! Os apóstolos não sabiam nada e falavam. Foram para a África anunciar Jesus. O Evangelho de hoje é uma sacudidela para todos nós, que ainda esperamos saber demais para falar. Não é preciso saber demais, basta viver um pouco. Sobretudo sobre a experiência de um dia ter encontrado Deus. A experiência mais profunda na vida é esbarrar com o mistério de Deus, que entra dentro de nós e nos transforma, nos faz felizes por dentro. A coisa mais triste para o ser humano é não ter nenhum horizonte, além da morte; nenhum horizonte transcendente, nenhum horizonte divino. É pensar que morreremos como os animais. Será que fomos reduzidos a essa condição de animal que cai e fica? Nós temos horizontes maiores! É preciso dizer para as

peessoas que não somos um animal que cai e morre, mas somos um animal que cai, morre e ressuscita, porque vivemos da vida divina.

É apenas isso que devemos dizer para as pessoas de hoje, porque elas estão tão desnorteadas, tão tristes, tão desanimadas, tão perdidas, que não sabem que existe alguma coisa para além desta vida que aqui termina. Amém. (12.07.97)

(*) Dom Serafim Fernandes de Araújo, cardeal-arcebispo de Belo Horizonte, entre 1986 a 2004.

PEDIR É ACOLHER A AÇÃO DE DEUS

(Lc 11, 1-13)

Esse Evangelho criou uma longa tradição na nossa vida pessoal e social de fazermos muitos pedidos a Deus. Mas eu pergunto: será que é isso que o Senhor está nos dizendo? Eu vou girar pelo lado oposto.

À primeira vista, parece que Jesus está dizendo que temos que pedir insistentemente a Deus-Pai. Mas será que é isso mesmo? Será que Deus é como uma pessoa que tem memória curta, que se esquece das coisas, e nós precisamos lembrá-lo? Aqui, na Terra, pedimos as coisas, porque as pessoas não podem saber do que necessitamos. Chega um filho e pede para o pai um livro, um caderno. O pai ou a mãe não iriam adivinhar. É preciso o filho pedir. Será que Deus é assim? Certamente não, e por duas razões.

A primeira razão é porque foi Ele quem nos criou. Portanto, nos conhece em profundidade, conhece tudo aquilo que se passa no mais profundo do nosso interior. Não é necessário que digamos nada para Deus. Ele teceu-nos no seio de nossa mãe. É o Criador, e não podemos imaginar que Ele criou-nos e soltou-nos. O ato criativo de Deus é constante. Ele está continuamente criando, porque se cessasse de criar, cairíamos no nada. Está-nos sustentando, gerando-nos no ser. Se tirasse um instante a sua mão, cairíamos no abismo do nada. Ele está continuamente presente a nós, mais presente a nós do que nós mesmos. Nem sabemos bem os nossos sentimentos, que às vezes são confusos em nosso inconsciente. Precisamos até pagar psicanalista para conhecer o inconsciente, mas Deus não precisa. Ele conhece tudo! Não precisamos dizer-lhe nada.

Segunda coisa: será que Deus é como um desses pais, que sabe que o filho precisa de uma coisa e fica regateando, fazendo com que o filho fique carente, dependente do pai e da mãe? Será que Deus é assim? Ele pode dar, mas não quer e fica esperando o filho pedir milhares de vezes. Será que Ele brinca conosco desse jeito? Isso é Deus ou é caricatura de Deus? Ele não é assim!

Ele é como o sol. Durante o dia, alguém precisa pedir ao sol que ilumine? O sol está aí, mas se você fecha a janela, fecha a porta, ele não entra, mas continua lá fora. Deus está continuamente iluminando com sua graça, com seus dons, com sua presença, com seu amor. Não precisamos dizer nada a Ele. Precisamos sim, abrir os nossos braços. Pedir, da nossa parte, não é pedir, mas é acolher, é receber. Ele está dando e oferecendo tudo. Mas, e aquilo que eu quero e Ele não deu? Queria que vocês imaginassem uma coisa: Deus pode fazer um mundo perfeito? Ele pode fazer um círculo quadrado? Se for círculo, não pode ser quadrado. Não é que Deus não possa fazer, é que a coisa não pode ser feita. Ele não pode criar o infinito, porque criaria a si mesmo. Portanto, ao nos criar, criou-nos imperfeitos. Deus não nos pôde criar perfeitos, porque criaria a si mesmo. Toda a realidade que não é Deus é imperfeita. As imperfeições vêm da nossa condição de criatura.

Ele não pode suprimir as leis. É bom pensarmos nisso de vez em quando.

Há um acidente e logo pensamos: Deus quis, Deus permitiu, foi a vontade de Deus; Vamos começar *devagarinho*. Existe a lei da gravidade, por isso estamos todos sentados aqui. Lembrem-se de quando os astronautas andaram na lua. Lá não há gravidade, e eles ficavam soltos no vazio. Se não houvesse lei da gravidade, estaríamos todos boiando por aí. Imaginem que desastre! A lei da gravidade é para que sentemos, andemos. Deus não pode, ao mesmo tempo, fazer a lei da gravidade e não fazê-la. Se você sai pela janela, espatifa-se lá embaixo e morre. É a mesma lei. Ele não fez a lei para alguém cair da janela, mas podemos cair, porque Deus não pode suspender a lei da gravidade. Não adiantava pedir, por exemplo, que o Ronaldinho jogasse bem e fizesse quatro gols, se ele estava ruim, doente e teve um problema antes do jogo (*). Jogou o que jogou. Deus não iria entrar em campo e chutar a bola, como queriam os brasileiros, rezando e chorando para o Brasil ganhar a Copa. Perdeu!

É isso que eu gostaria que vocês entendessem. A gente brinca muito com Deus. Será que pedimos que Ele suspenda a lei da gravidade? Se fizesse isso, não sairíamos de casa. Bateríamos com a cabeça no teto a toda hora. Agradecemos que haja essa lei, a mesma que faz com que uma pedra caia lá da montanha sobre um carro que estiver passando naquele momento. Mas, quando as coisas saem desastradas e desastrosas para nós, Ele está ao nosso lado, sofrendo conosco. Ele não queria que acontecesse, pois não quer o mal de ninguém. Só quer o bem, mas se coloca ao nosso lado, como se colocou ao lado do seu Filho, quando o mataram.

Claro que Deus não queria que Jesus morresse. Claro que Ele não veio para morrer, para ser crucificado, mas para amar, para viver. Queria viver como todo moço, com trinta e poucos anos. Não o deixaram viver, como a tantos outros que morrem por acidente, por doença, por um assassinato violento. Quantas pessoas foram tiradas da vida, desde o seio materno até qualquer hora?! Assim também o Filho de Deus. Ele morreu, e Deus não o tirou da cruz, não o fez descer como um *batman*. Isso só na fantasia americana. Morreu, como qualquer outra pessoa que, se perde sangue, morre. Se o sangue de Jesus correu pela cruz, porque puseram pregos grandes em seus pulsos, é claro que teve uma grande hemorragia. E quem tem uma grande hemorragia morre, e Ele morreu. Deus-Pai esteve ao seu lado, como estará ao nosso lado em qualquer momento, em qualquer circunstância da nossa vida. Esse é o significado profundo desse conselho de pedir a Deus.

Pedir a Deus significa ter a certeza de que Ele está sempre ao nosso lado, aconteça o que acontecer. Amém. (25.07.98)

(*) referência à final da Copa do Mundo, vencida pela França.

SOMOS CHAMADOS AO INFINITO ABRAÇO DE DEUS (Is 55, 1-3/Rm 8, 35.37-39/Mt 14, 13-21)

Essas leituras são tão bonitas e tão atuais, que eu vou pedir licença para falar um pouquinho sobre cada uma delas.

A primeira, vocês pensam que é uma brincadeira do profeta, mas não é. Ele traduz o sonho da humanidade de todas as culturas, de todas as religiões. É um sonho e uma utopia poder tomar leite, vinho, comer carne, tudo de graça. Claro que não há isso em lugar nenhum, ainda mais numa sociedade de mercado. Mas o coração humano não resiste diante da realidade nua e crua. Sonha sempre com algo maior, algo fraterno, porque deve haver, dentro do nosso coração, alguma semente que ninguém consegue arrancar, ninguém consegue matar. Sem utopias, sem sonhos, sem desejos, não conseguimos viver. Mesmo no mundo mais ateu, que era o comunista, Ernst Bloch escreveu um livro difícil, chamado “Princípio Esperança”. Todo o livro, de um marxista, fala do sonho de haver uma grande integração, um grande convívio entre os seres humanos, com a natureza, com todas as realidades. Sonhos que atravessaram, atravessam e atravessarão toda a História. Mesmo agora, em meio a tanta corrupção, a tantos desastres neste país, nós temos o direito de sonhar com um Brasil melhor. Temos o direito de sonhar com uma Vespasiano melhor. Temos o direito de sonhar com uma Igreja melhor. É um direito! Ninguém pode nos arrancar a fantasia e a imaginação.

Belíssimo texto de Paulo! Para mim, é um dos mais lindos trechos das epístolas: “ninguém pode nos separar do amor que Deus tem por nós!” Não é o amor que temos por Deus, mas que Ele tem por nós. Se mergulharmos no mais profundo de um abismo, lá está Ele nos amando. Quando nos entregamos a todos os pecados, a todos os vícios, esquecendo-nos totalmente de Deus, Ele continua amando a todos nós. Se entrarmos para o crime organizado, para a droga mais perversa, lá estará Ele, amando-nos, mesmo que nos tormemos perversos. Estava amando Hitler, amando a todos aqueles que organizaram os campos de concentração, esperando que lhe voltassem um olhar de arrependimento, de contrição, de conversão. Os braços de Deus estarão sempre abertos para acolher-nos em profundidade. Nem o crime, nem a morte, nada nos separa do amor de Deus.

Paulo acreditava nas forças cósmicas, de um mundo mitológico onde havia lutas nos astros, como ainda hoje acreditam os americanos. Imaginava que os poderes cósmicos poderiam arrebentar-nos, mas não nos separar do amor de Deus. Ele, o Senhor absoluto, só conhece um verbo. A gramática de Deus é a mais simples, nela só há um verbo: amar! Todos os outros não existem no seu dicionário. Quando pensamos que Ele nos castiga, que nos esquece, erramos. Ele não conhece o verbo esquecer, o verbo castigar, o verbo punir. Não conhece nenhum desses verbos que criamos. Esse é o nosso vocabulário,

o nosso dicionário. O dicionário de Deus é simples. Se queimássemos todas as gramáticas e guardássemos unicamente o verbo amar, seríamos bem mais felizes. Eu não precisaria falar aqui, com tantos verbos, adjetivos, advérbios, substantivos. Bastaria um verbo só: amar; um substantivo só: amor; um adjetivo só: amável. Assim seríamos felizes!

Do evangelho, primeiramente, algo que escapa bastante de nossa percepção. Não sei se repararam no início da leitura. Jesus vivia numa sociedade de perseguição. A polícia romana também tinha os seus fichários, sabia identificar as pessoas perigosas e as eliminava, como fazem todos os regimes totalitários. Até o mineirinho (*), em pleno metrô de Londres, foi assassinado. Assim também era no tempo de Jesus. Ele percebeu que o cerco se fechava, porque prenderam e mataram o seu primo, João Batista, e achou que chegara a sua vez. Toma um barco e vai para um lugar deserto se esconder. Jesus se esconde. Interessante, Ele foge! Nunca tinha pensado nisso! Ele faz isso, porque percebeu que não poderia interromper a sua missão naquela hora. Teria que fazer muita coisa e só mais tarde iria a Jerusalém, arriscando sua vida, mas somente quando chegasse a hora de anunciar na capital. Aquele ainda não era o tempo. Ele foge e se esconde. Não pede a Deus um exército de anjos para protegê-lo. Ele se protege com as possibilidades humanas, da maneira que qualquer pessoa tem de fazer: esconder-se, quando é injustamente perseguida.

Mas, quando sai do barco, encontra a multidão. Essa é uma cena linda! Ele olha para a multidão como devíamos olhar para as pessoas: teve compaixão por elas! Sobretudo dos doentes, dos machucados, dos claudicantes, dos coxos, dos leprosos, dos cegos, dos surdos. E, naquela época, deveria haver uma pobreza terrível! Ele vê todos aqueles miseráveis, que nós mandaríamos logo embora, como quiseram fazer os apóstolos, e Ele tem compaixão. Já falei tantas vezes sobre essa palavra, e repito mais uma vez. Compaixão é *cum+passio*. *Passio* vem de *pati, passum* que, em latim, significa sofrer. Portanto, não é paixão de ardente amor juvenil. Paixão é entrar na miséria do outro, captá-la profundamente e transformar em energia para que essa pessoa possa salvar-se.

Ainda outro dia, conversava com uma pessoa que trabalha com doentes terminais num hospital. Ela percebeu uma coisa importante. Nas UTI's, onde geralmente eles estão, ficam todos misturados, porque o espaço é pequeno. Há os mais jovens, para uma recuperação mais rápida, e aqueles que estão realmente terminando. E sobre todos impera a mesma regra da solidão, do isolamento, do *entubamento*. Tubos para todos os fins, menos o tubo do amor. Ela percebeu isso e sugeriu aos médicos que abrissem a UTI dos doentes terminais, para que as pessoas pudessem visitá-los. O que as pessoas que estão-se aproximando da morte mais desejam é fazer essa difícil e última passagem cercadas de amor e carinho. Não pensem que os que estão caminhando para a morte conseguem morrer tranqüila e heroicamente. Eles sofrem momentos de dor e solidão e precisam da presença, do carinho, do amor. E ela ainda notou a diferença das

pessoas doentes quando estão cercadas de familiares, cercadas de carinho. Aí elas morrem na serenidade. Oxalá pudéssemos fazer assim a nossa passagem, cercados pelo amor daqueles que nos amam. Isso Jesus chama de compaixão.

Ele também encontrou a fome. A solução nossa seria a mesma dos apóstolos. Se batem à nossa porta, nunca temos, e falamos como os apóstolos: despeça-os. Jesus diz que ninguém deveria ir embora e mandou que lhes dessem de comer. Os apóstolos ficaram desarvorados, e Ele continua: “Trazei o que tendes”. Não é fazer milagres, mas simplesmente dar o que temos. Sempre teremos amor, sempre teremos o olhar, porque não somos cegos. Sempre teremos mãos para acariciar, voz para falar. Como podemos negar isso? Como vamos negar um abraço? Não podemos negar uma palavra de consolo, de entusiasmo, ao bêbado, ao pobre, ao miserável, para que ele saiba que vale alguma coisa. Vale o meu tempo, o meu olhar, o meu carinho. Ele é infinito! O Verbo de Deus se fez carne por ele, e Deus o criou para a eternidade. Ele é chamado ao infinito abraço de Deus. Está sujo, bêbado, barbado, mas é amado apaixonadamente por Deus, e nós não somos capazes de dedicar-lhe uma palavra sequer, um olhar sequer. Passamos à margem. “Eles não devem ir embora. Dai-lhes de comer!” Amém. (31.07.05)

(*) referência ao jovem Jean Charles de Menezes, da cidade mineira de Gonzaga, assassinado pela polícia inglesa, dias antes.

JESUS É O NOVO MOISÉS (Mt 14,13-21)

Enganamo-nos quando pensamos que os milagres de Jesus são para causar espanto. Se fosse para isso, Ele teria fracassado. Diante de vários milagres que fez, os fariseus disseram que Ele agia pelo poder do demônio. Então, não adiantava nada. Milagre não é para espantar ninguém, nem para se contar quantos peixes eram, quantos pães, quanto sobrou. Mateus tem uma idéia muito mais profunda.

Só entendemos a realidade nos contextos culturais. Não podemos compreender nenhuma experiência que fazemos sem ter um marco de linguagem, um marco de vida. Por exemplo, uma vitória de futebol, para um país que não conhece futebol, não significa nada. É uma experiência que não tem um marco. Mas no Brasil, mesmo que seja contra uma Nova Zelândia, o brasileiro é capaz de soltar foguetes. Pertence ao marco cultural do Brasil, onde o futebol é importante. Qualquer *vitoriazinha* que toque à seleção canarina, já faz o brasileiro ficar inflado.

Para Israel, para o judeu, o grande marco cultural foi e é a libertação do Egito, em que eles viram a força de Moisés, que era o grande homem. É o Tiradentes deles. O maior homem da história de Israel! Isso é um marco cultural. E o que fez Moisés, quando o povo atravessava o deserto? Ele mesmo não fez milagre nenhum, mas pediu, e Deus fez cair do céu o maná, que tinha sabor de pão. Reparem o contexto cultural: Moisés não faz os pães. Ele simplesmente pede e, de repente, o povo de Israel encontra uns grãos que pode comer e que parecem pão, ainda que sem sabor, como de padaria velha. Mas, para matar a fome, estava bom. Esse milagre foi o grande marco do poder de Deus, através do mistério de Moisés.

Mateus é muito preocupado em mostrar para a comunidade que aquele Homem, Jesus, que não tirou nenhum povo do deserto, não o conduziu, não foi nenhum grande general, nem grande chefe político, era mais importante que Moisés. Olhem que coisa difícil! Moisés é o Caxias, é o Tiradentes, o grande general! Ele organizou bem a fuga do povo, enfrentou um grande exército. Era alguém muito sábio, um grande chefe que conduziu um povo durante tantos anos pelo deserto. Se fosse no Brasil, que não tem nenhum deserto, já seria difícil, imaginem conduzir um povo durante quarenta anos pelo deserto! Imaginem a liderança desse homem! E Jesus não fez nada disso.

Como é que Mateus vai provar que Jesus era maior? Toma a multiplicação dos pães e mostra a diferença. Lá, foi o maná durinho, sem gosto; aqui, é o pão que brota das mãos de Jesus. Ele não pede a Deus que o pão caia do céu. Parte-o e ele começa a multiplicar-se. Portanto, é mais que Moisés. É isso que é importante. O resto pode ser deixado de lado. Saber que Jesus era mais que Moisés obrigava o judeu – que não acreditava e nem conhecia ainda Jesus – a pensar. Mateus, inteligentemente, despertou a curiosidade do judeu, para que

começasse a investigar como era a vida de Jesus e, assim, pudesse dizer que Ele era mais importante ainda. Quando fala de recolher os restos – enchem-se doze cestos – as doze tribos de Israel; uma cesta para cada tribo – é uma maneira simbólica de dizer que aquele Homem alimentava todo o povo.

A Israel que Moisés conduziu era duas ou três tribos, não mais. Ele não tirou todo o povo do Egito. Muitas das doze tribos já estavam na Palestina e depois se associaram. Jesus alimenta, simbolicamente, todo o povo, através dos doze cestos. E, assim por diante, o nosso Mateus, que é muito inteligente, nos ajuda a perceber a importância desse Homem Jesus.

Hoje a liturgia pede que reflitamos sobre a figura do padre. Eu nunca gosto de falar sobre isso. Sinto-me até inibido, porque me faz lembrar uma história cômica de um prefeito. Esses prefeitos do interior são pessoas muito boas, muito simples. Esse descobriu uma mina de água maravilhosa. Reuniu todo o povo, encheu uma garrafa com a água e gritou para o povo: “Viva a garrafa!” E o povo aclama. Aparece um *meninozinho* inteligente e grita: “Viva a mina!” O padre é a garrafa. A mina é o Senhor Jesus. Portanto, não devemos ficar festejando a garrafa. Devemos festejar é a mina, que nos alimenta, que é a água do Senhor, é a Eucaristia e não o padre, que a distribui. É a Palavra de Deus que nos alimenta, não a minha palavra. Por isso, não gosto muito de centralizar na figura do padre, porque ele é apenas ministro: *minus tenere* – o que tem menos. Ministro é o que tem menos.

Como os nossos Ministros de Estado – *pobrezinhos, não têm nada, são paupérrimos. Colocam-se todos a serviço dos ministérios e saem pobres do governo, de tanto serviço que prestam ao Brasil.* Assim deveria pensar aquele que escolheu a vocação de ministro. Que pelo menos nós possamos sentir que o nosso trabalho não é nada mais que ser o menor da comunidade. Importantes, depois de Jesus, que nos reúne aqui, são vocês, a comunidade. Se não houvesse vocês, eu não estaria aqui. É a comunidade que constrói a Igreja, que se constrói em torno da Palavra do Senhor, em torno do mistério da eucaristia. Com a boca gloriosa que Jesus tem hoje, Ele não fala. Com a mão gloriosa que tem hoje, Ele não toca. Mas precisa que a nossa voz fale, que as nossas mãos toquem e lhes dêem o corpo e o sangue. Amém. (01.08.99)

JESUS SE NOS DÁ NA INTIMIDADE

(Jo 6, 24-35)

Esse Evangelho de João é longo, e a cada domingo vamos ler um pedacinho. É uma reflexão teológica muito profunda que Ele fez, já velhinho. É claro que Jesus não falou exatamente com essas palavras, porque já é um discurso maduro para uma comunidade que acreditava nele. Esse discurso é para nós.

Aqueles judeus que comeram o pão físico nunca atinaram que o pão que Jesus distribuiu e quer dar para nós não é nenhum pão feito de amido, assado no forno e que podemos comprar na padaria. O pão é a própria história, a própria vida de Jesus. O judeu tinha uma expressão muito forte – comer de um pão significava participar da vida e da intimidade de alguém. Vocês nunca convidam uma pessoa totalmente estranha para entrar na casa de vocês na hora do almoço, sentar-se à mesa e participar do pão. Participar do pão significa intimidade. Participar da comida – sobretudo para o judeu – ir à casa de um judeu, principalmente na hora de uma refeição, era sinal de muita amizade, de muita intimidade. Assim também é em alguns países, e o brasileiro, muitas vezes, dá muito *fora*. Por exemplo, na Inglaterra, você nunca pode aparecer numa casa à hora do almoço e participar da mesa. Eles vão considerá-lo a pessoa mais grosseira do mundo, porque isso é entrar na intimidade daquela família, o que não se admite. É um pouco esse horizonte.

Jesus diz que a sua refeição, a sua vida agora estaria aberta a todos nós. Não há mistério. Deus não colocou aquele véu, como os judeus faziam, que separava a parte santa do Templo da parte em que os fiéis podiam entrar. João diz que esse véu se rasgou, que, agora, o mistério dos mistérios está à disposição de todos nós. A grande realidade é que a presença de Jesus já não é mais algo escondido. Ele está aqui, disponível. É que não temos idéia do sentido de tudo isso. Nós, pequenas criaturas, temos diante de nós o próprio Deus se dando, oferecendo-se a nós.

Imaginem vocês, se algum dia chegasse, às suas casas, o nosso Presidente da República e dissesse-lhes: “Eu estou aqui! O que vocês querem? Eu estou disponível para bater papo, conversar com vocês”. Não acreditariam. Como é que aquele homem deixou o Planalto para vir à minha casa? Pois bem, não é um FHC (*) qualquer que vem à casa de vocês, mas o próprio Filho Augusto de Deus e Ele se coloca à disposição de todos. Qualquer um de nós pode entrar na fila, receber o corpo de Jesus, participar da sua vida. É que não temos idéia de quem é que recebemos. Não temos idéia de quem é o Senhor que criou esse cosmo. No dia em que entendermos que esses duzentos bilhões de galáxias foram criados por esse que recebemos na forma de pão, talvez nos daremos conta da grandeza desse dom. Não é alguém que fez qualquer coisa, mas alguém que preside todo um processo criativo e acompanha o caminhar de cada um de nós. Aquele que

conhece cada fímbria, todo o mistério de nosso coração, que conhece os meandros mais meandros da nossa existência. É Ele que vem a nós na eucaristia.

A nossa Diocese vai celebrar, neste mês de agosto, uma semana inteira dedicada à família. Eu queria dizer duas palavrinhas, para que tomemos consciência desse mistério da família. Família também é mistério. É mistério, porque é relação de amor de dois, que gera novos amores. Não podemos ver coisa mais linda! Deus não quis que a vida nascesse como imaginavam tantos: que nascesse do céu, que baixasse de algum astro. A vida nasce da carne humana! É aí que nasce e brota a vida. Esse é o mistério mais profundo da família. Ela existe para que a vida surja, para que as pessoas possam se amar e encontrar a felicidade. A família é o lugar das maiores alegrias, mas também das maiores dores. É o lugar das maiores esperanças, mas também das maiores decepções. É o lugar dos maiores amores e dos maiores ódios. Dependerá de nós transformarmos a família neste lugar de amor, de esperança e de futuro. Amém. (02.08.97)

(* Fernando Henrique Cardoso (Presidente da República de 1995 a 2002)

PAIS: PARCEIROS NA CRIAÇÃO DE DEUS **(1Rs 19, 9.11-13/Mt 14, 22-33)**

As leituras da celebração de hoje não foram pensadas para a festa dos pais, porque são leituras muito mais antigas, e a festa dos pais é uma criação nossa, recente. Mesmo assim, se compararmos, de um lado, os pais; do outro, as duas leituras – sobretudo a primeira e o evangelho -, creio que poderemos ver muitas analogias, muitos pontos de contato.

Olhem bem! O profeta Elias queria falar de sua experiência com Deus, que é Pai. Diz que três experiências antecederam a verdadeira experiência de Deus. Diz que veio um tufão, um vento forte que derrubava as montanhas. Não era Deus! Veio um terremoto que agitou a terra. Não era Deus! Veio um fogo devorador. Não era Deus! Veio uma brisa suave, acariciante. Era Deus! Quantos pais pensam que ser pai é ser tufão?! Quantos pais pensam que ser pai é ser terremoto?! Quantos pais pensam que ser pai é ser um fogo devorador?! Não, ser pai é ser uma brisa suave. Não contraria em nada a masculinidade o fato de o homem ser terno, acolhedor, carinhoso com seus filhos. Uma tradição ridícula – e, sobretudo neste estado de Minas é mais ridícula ainda – é ver, na figura do pai, uma pedra dura, fria, rígida. Ser pai é ser machão? Deus, que é Deus, que é infinito, quis revelar-se na suavidade de uma brisa. O pai tem como imagem, aqui na Terra, a paternidade de Deus, e será muito mais pai, quanto mais tiver o coração próximo de seu filho. E não é fácil ser pai. As poesias do dia dos pais são para falar coisas bonitas, mas eu acho que a função delas deve ser também alertar de que é uma vocação difícil, responsável.

Ainda outro dia, eu lia na “Folha de São Paulo” uma crônica muito perspicaz. Dizia de alguém que morava nos Estados Unidos com sua família e que, ao invés de trabalhar fora de casa todos os dias, através da informática, agora trabalha em casa. Escreve artigos e manda para os jornais. O fato de ficar mais tempo em casa produziu um duplo efeito: ficou mais presente na vida dos filhos, por estar sempre em casa e, por outro lado, aumentaram os conflitos. Mais brigas com os adolescentes. Mas sentiu em seus filhos muito mais segurança. Os meninos começaram a ficar muito mais vertebrados. Por mais que um *adolescentezinho* lute contra o pai, é fundamental que tenha a certeza de sua presença. É conflitiva e, às vezes, dura, mas exatamente o conflito é necessário. Achamos que é negativo, mas não é. O conflito é uma força histórica, seja nos grandes lances da história, como nos pequenos fatos da vida. Sem conflitos, sem choques, sem bater-se um contra o outro, não sentimos as próprias identidades e as alteridades. É isso que enriquece! Quando um pai quer fazer um filho igual à sua imagem e semelhança, ele destrói o filho. Quando o filho se submete ao pai, como se fosse um *xerox*, ele se destrói. É na diferença que está a riqueza. O filho não é o pai, o pai não é o filho. No dia em que dois pólos de uma relação se anulam, termina a relação.

Só há luz elétrica se há dois pólos. Um só pólo não acende luz nenhuma. Sem a presença firme e também o embate diário com o filho, o pai não cresce, o filho não cresce.

Nós temos a idéia de que o pai é alguém feito. Claro que não! O pai se faz no filho, a cada dia. E se faz no filho pequenino, no filho adolescente, no filho jovem, no filho adulto. Cada etapa é uma nova maneira de ser pai. Isso só se aprende na história.

Esta festa dos pais é uma oportunidade bonita de o pai olhar para a sua história e perguntar: como eu vivi, como estou vivendo esta paternidade com os meus filhos pequenos, com os meus filhos maiores? Também para um pai um pouco mais maduro, que é pai e também avô, todas essas relações enriquecem a nossa vida.

Nós, sacerdotes, que renunciamos – uma renúncia grande, é bom que saibam – ter os filhos biológicos, para assumirmos a paternidade espiritual, podemos, de certa maneira e de uma certa distância, perceber isso. Podemos falar uma palavra de estímulo e de estima, porque é uma vocação belíssima, porque é a continuação da paternidade de Deus. É tanto mais bela que os países ricos estão ameaçados de desaparecer, porque os homens não querem ser pais, as mulheres não querem ser mães. Quando isso acontece, não nasce ninguém. Se não nasce ninguém, a sociedade envelhece, a sociedade acaba. Países como a Suécia, como a Alemanha, se não abrirem os olhos, vão desaparecer do mapa, porque não nascem mais crianças, porque os jovens não têm coragem de assumir a dureza de ser pai, o trabalho difícil de forjar uma nova existência, de saber passar para o futuro aquilo que se acumulou de experiência.

Paternidade não é só física, mas muito mais. O físico é a representação daquilo que é mais profundo: a paternidade afetiva, histórica, espiritual. Pai da terra passa cromossomos, vida, humanidade, passa Deus para seus filhos.

Hoje, pais, à noite, antes de dormir, voltem seus olhares para Deus-Pai. Agradeçam por vocês participarem dessa paternidade, de carregarem nos ombros a responsabilidade de Deus. Vocês continuam a missão de Deus, que colocou na fragilidade de seus ombros o poder infinito de criar. Não quis interferir na criação dos homens na Terra, para que vocês a realizassem, para que vocês a levassem avante. Amém. (10.08.96)

MARIA NOS FALA DA PROXIMIDADE COM DEUS (Ap 11, 19a-12,6/Lc 1, 39-45)

Vocês perceberam que, para a festa da Assunção de Nossa Senhora, não há nenhum texto na escritura? Se houvesse, teríamos lido. A liturgia escolhe um evangelho que, de certa maneira, aponta para a assunção: a visita de Maria à sua prima Isabel. Mas, antes, vamos tomar o Apocalipse, que também não fala de Nossa Senhora. A gente pensa que fala, mas não fala.

Quem é a mulher do Apocalipse, a que está grávida, e o que significa aquela visão que tem o autor do livro? Ele vê a mulher, depois o dragão com chifres, um rabo gigantesco – símbolo da maldade – agarrando as estrelas. Aquela mulher grávida dá à luz um menino, que é arrebatado para junto de Deus, e ela vai para o deserto. O que esse homem quer nos contar? Será alguma coisa que acontecerá: o eclipse de onze de agosto?(*) Não! Ele está falando para a comunidade viva que estava ali.

Aquela mulher é a Igreja, somos nós aqui. Quem é a criança que nasce da Igreja, gera a Igreja e que depois vai para junto de Deus? É o próprio Filho de Deus. Por que a mulher vai para o deserto? O que é o deserto em nossa vida? Na Bíblia, deserto é símbolo de dois lugares. Deserto é o lugar do encontro e da intimidade com Deus. É o silêncio! Quando queremos um pouco de calma, de paz, procuramos o alto da Serra do Cipó (**). Parece que Deus nos invade, quando estamos na solidão das montanhas, nos lugares vazios, silenciosos. Deserto é sempre símbolo desse encontro com Deus. A Igreja sempre busca isso, e é a isso que quer nos conduzir.

Mas deserto também é símbolo do lugar de provação, da tentação. Lembrem-se de que Jesus foi tentado no deserto, como também o povo de Israel. O deserto é o lugar onde o povo viu as grandezas de Deus, mas também viu a própria pequenez e passou por provas. A Igreja também é tentada e provada. E por que aplicamos tudo isso a Maria? Porque ela é a primeira mulher que antecipa, nela mesma, toda a Igreja. É uma espécie de resumo. É como se Deus tomasse a imensa história da Igreja, e, se quisermos, toda a história da humanidade e resumisse numa só pessoa: Maria. Ela é toda da Terra, é filha da Terra. É judia, tem uma cultura concreta, é uma mulher do povo, comum, que não foi percebida durante toda a sua vida. Vocês acham que, quando saía, todos se ajoelhavam diante dela? Era uma mulher comum da sua época. Escondeu toda a sua grandeza, durante toda a vida. Era das mulheres mais simples daquela pequena cidade de Nazaré, que era um pouco menor ainda naquela época do que é hoje. É dessa cidade pequena, simples e humilde que sai Maria. Deus, olhando para ela, viu que tinha tudo o que a humanidade mais deseja, tudo a que a humanidade mais aspira, que é a grande proximidade com Deus. Mas ainda não foi essa a grandeza maior de Maria.

A assunção de Maria, sim, é a expressão mais linda, porque ela vence, definitivamente, como diz São Paulo, o último inimigo, que é a morte. Ela vai à nossa frente, vai derrotar o maior inimigo, do qual ninguém consegue se livrar. Não há dinheiro, não há beleza que possa derrotá-la. Pode ser Diane, o *Kennedyzinho*, o grande Kennedy (***) – um acidente mata, um avião cai, um tiro derruba. Também Maria passou pelo túnel escuro da morte, mas terminou na transparência da ressurreição, que nós chamamos de assunção. Ela vai à nossa frente, com o que viveu, com o que foi, com o que é hoje. Aquilo que vivemos, que queremos ser e seremos, com a graça de Deus. Amém. (14.08.05)

(*) referência às premonições que se faziam na época, e que falharam.

(**) local turístico, próximo a Belo Horizonte - MG.

(***) referências à morte da princesa Diane, do filho do Presidente Kennedy, John Kennedy Jr. e do próprio presidente americano assassinado.

REAÇÃO A UMA SOCIEDADE DESUMANIZANTE (Jo 2, 1-12)

Esse Evangelho é carregado de símbolos. Para João, cada símbolo é uma espécie de aula de Teologia. Ele sempre escreve em três andares, e precisamos saber em qual deles nos situar. No primeiro andar, ele toma um fato real, histórico, bem *pequeninozinho*. Depois traduz um fato às pessoas do tempo de Jesus e já faz uma adaptação. Num terceiro momento, escreve para a comunidade que irá ler esse livro muitos anos depois. Nesse terceiro momento, fala, com muito mais liberdade, aquilo que queria comunicar como mensagem. E, de certa maneira, o fato fica bem *pequeninozinho* e bem escondido. Hoje, João quer nos falar dessa dimensão profunda, ou seja, nós, seres humanos, temos de participar da vida!

Na Sociologia se distinguem duas palavras parecidas: comunidade e sociedade. Quando queremos falar daquelas relações humanas que nos unem, de relações mais personalizadas, como dizem os sociólogos – primárias –, quando conhecemos pessoas e a elas damos nomes, falamos de comunidade. Na vida do interior, na roça, nas cidades pequenas, o nível comunitário é muito maior. Você vai a uma loja e conhece o vendedor, o dono, e até a família deles. Você conhece as pessoas e, mesmo as relações formais, de compra e venda, são muito mais comunitárias, porque todos se conhecem. De tal maneira que se compra fiado, se paga no fim do mês, deixa-se de pagar, se paga depois. Assim são as relações comunitárias.

O desenvolvimento da sociedade, não interessa se para o bem ou para o mal, está destruindo as relações comunitárias, está produzindo um hiato tremendo. Esse é o risco da nossa atualidade! Estamos criando grandes sociedades e indivíduos, e tiramos a comunidade do meio. Até no esporte, não há mais aquele futebol do tempo do Buião (*). Hoje os clubes são empresas gigantescas. Vendem, exportam jogadores, grandes *Parmalat's* financiam os times. O que está em jogo são milhões e milhões de dólares. Não é mais o time da raça, onde se conheciam os jogadores, ganhavam-se camisas, pediam-se autógrafos. Hoje é tudo mecanizado, socializado. O ser humano está-se sentindo pequeno. A sociedade é eficiente, mas fria e impessoal. Vejam a diferença de comprar numa loja ou num supermercado. Vá a um *shopping center*, e lá dentro você se perde. É o total anonimato, um lugar onde não se conhece ninguém, nem se interessa absolutamente por ninguém. Aquela mocinha que está no caixa nem sabe quem entrou. A ela interessa os que pagaram e nada mais. E se ela fosse conversar, se dar a conhecer, seria demitida.

A tendência é que as relações pessoais diminuam e, ao diminuírem, o indivíduo fica muito sozinho. Defronta-se com esses gigantes da sociedade econômica e sente-se impotente e pequeno. Vejam, por exemplo, as crises das Bolsas em Hong Kong, em Cingapura e na Coréia. Não podemos fazer nada.

Esperamos o dólar se desvalorizar, vemos o sobe e desce do câmbio. Nem um Presidente da República pode fazer coisa alguma. É uma força gigantesca! Milhões de dólares circulando incontrolavelmente. É a força gigantesca dessa imensa sociedade globalizada, em que o indivíduo fica sozinho. O que pode um operário sozinho? Ele está perdido numa imensa fábrica. Quando eram fábricas menores, as microempresas, as pessoas se conheciam, mas a tendência é que essas sejam engolidas pelas grandes ou se associem entre si.

Esse egoísmo também envolve a nossa Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana. Hoje temos seiscentas pessoas nesta igreja que não formam uma comunidade. Já é uma espécie de sociedade. Temos que descobrir maneiras de encontrar pequenos grupos para desenvolver a afetividade, as relações pessoais. Esse é o grande desafio para qualquer sociedade. Do contrário, nos perderemos na solidão. As taxas de suicídio crescem, os *prozacs* aumentam. Há pessoas que precisam tomar quinze comprimidos por dia para viver. Essas pessoas vivem de química, não vivem de amor. A maioria dos casais americanos só consegue se relacionar porque toma remédios. É terrível isso! Daqui a pouco irmão não suportará irmão, e precisarão tomar uma *pilulazinha* para ficar sorrindo de orelha a orelha. Tudo isso porque não conseguimos mais estabelecer relações humanas. A sociedade tende a nos massacrar. Olhem, por exemplo, em que se transformou a festa de nossa cidade. Numa grande confusão, em que as pessoas não se encontram, não conversam, não olham no olho. Vespasiano ainda conserva um pouquinho de comunidade, mas a tendência é a profunda desumanização, se não reagirmos como cidadãos. Pequenos grupos, pequenos encontros, reuniões de pessoas para discutirem temas. Se quisermos viver humanamente, temos que multiplicar ao infinito os pequenos grupos de interesse de nossa sociedade. Do contrário, seremos radicalmente desumanizados.

A sociedade de hoje só consegue nos encher de violência e sexo. Sexo não é afetividade. Ternura é uma coisa, e sexo é outra. O sexo só tem sentido se é expressão de ternura e afetividade. Mas quando o sexo é isolado da afetividade, não há espaço para o carinho, para o amor. Por isso, triunfam na sociedade a violência e o sexo desvairado. Vejam os programas de televisão! Como a mídia está massacrando a vida comunitária! Até os domingos não existem mais. Ficamos todos presos nos *gugus*, nos *faustões*. Todo mundo parado, na máxima massificação. Aquilo é o puro sistema, sem nada de humano. É o lucro, é o interesse, a comercialização! A Globo (***) joga milhões de dólares nesses programas. Por isso, maquiagem as pessoas, produzem as pessoas. Olhem que verbo terrível: produzir! “Olhem como essa artista está produzida!” Produzem como se fosse uma coisa. Produzem pessoas, mas não há relação, não há afetividade.

Reparem nesses personagens que aparecem nos programas infantis. Tratam as crianças como bonecos, como coisinhas, e não como pessoas. Não têm carinho. São pessoas feitas, são máquinas, robôs que destroem a vida comunitária. Vespasiano é uma cidade onde ainda é possível criar comunidade. Temos a

chance de viver numa cidade de porte médio. Não é como Belo Horizonte, Rio, São Paulo, onde o anonimato é avassalador. Aqui ainda é possível as pessoas se conhecerem, se reunirem. Temos que começar a pensar civil e eclesialmente em criar comunidade.

A mesma coisa com a Igreja. Se quisermos ter uma Igreja viva, temos que criar grupos de coroinhas, de ministros da eucaristia, grupos onde as pessoas se conheçam e não vivam no anonimato absoluto. Somos fiéis, não fregueses que ninguém sabe quem é. Se não reagirmos, perderemos essa dimensão de que João nos fala hoje – da festa em que as pessoas se conhecem, se amam, celebram a harmonia, podem tomar um bom vinho. E vinho, para João, é o símbolo da vida, da participação e da comunhão. Amém. (15/08/98)

(*) atleta vespasianense que atuou em grandes clubes brasileiros, na década de 60/70

(**) referência à Rede Globo de Televisão

UM AMOR DO TAMANHO DO AMOR DE DEUS

(Js 24,1-2.15-18/Ef 5, 21-32)

Hoje, vou-me ater às duas primeiras leituras, que parecem simples, mas não são.

Ficamos meio perplexos ao ouvir a primeira leitura e não entendemos como aconteceu. O povo de Israel não saiu do Egito, como imaginávamos: as doze tribos conduzidas por Moisés pelo deserto. Isso ouvimos nas histórias, mas não foi assim. Um grupinho saiu do Egito, outros saíram de outro país, outros ainda, de outras regiões. Foi mais ou menos como acontece nas nossas cidades. Uns vêm de Lagoa Santa, outros de Santa Luzia, outros de Montes Claros, e assim vão-se criando as cidades. Assim também foi com o povo de Israel. E cada um desses povos pequenos tinha conhecido outros deuses e, de repente, estavam todos juntos, como nós, aqui na igreja.

Hoje conhecemos muitas religiões. Existem muitas Igrejas Evangélicas, existe Espiritismo, Maçonaria, Santo Daime, União do Vegetal, Budismo, Taoísmo, Xintoísmo, Islamismo. Todas as religiões estão diante de nós. Qual delas vocês querem seguir? Foi a pergunta de Josué. E o povo gritou: “Nós queremos Javé! Não queremos mais os deuses antigos, mas sim um único Deus”. Josué fica feliz. E eu lhes pergunto: qual Deus vocês querem?

Na segunda leitura, São Paulo não está dizendo que o homem é a cabeça da mulher. Certamente pensava, pois era judeu, mas não está ensinando isso, nem está ensinando que a mulher deve submeter-se ao homem. Digo isso com tanta segurança, porque a bíblia é como uma montanha que Deus nos dá: com muita pedra, mas bem dentro há um filão de ouro. Muitas pessoas agarram as pedras e esquecem os filões de ouro. Nós temos que descobrir qual mensagem cada passagem traz. Nem todas as palavras da bíblia são mensagens. É uma vestimenta, uma roupa, por assim dizer. Mas qual a pessoa que a roupa esconde? Se alguém confunde o padre com a túnica, não conhecerá nem um, nem outro. O que será que Paulo quis dizer? Ele, como judeu, pensava isso. Refletia a cultura em que vivia, que era a judaica. E há povos que pensam assim. Portanto, é cultura. Mas nós, do Ocidente, caminhamos muito.

O movimento feminista deu um passo gigantesco, e qualquer mulher mais consciente sabe disso. Elas têm plenos direitos, plena competência para qualquer ofício que queiram exercer na sociedade. Há mulheres chefes de Estado, rainhas, ministras no Brasil atual. Todas as mulheres são capazes. E se tirássemos as mulheres da Igreja, ela certamente cairia, pois são elas que a sustentam, talvez muito mais do que nós, padres. Portanto, não é isso que Paulo quis dizer. Qual será então o filão de ouro? Quando Paulo viu homem e mulher, amando-se tão belamente, exclamou: “esse é um grande mistério!” É bonito demais ver um homem apaixonado por uma mulher, e os dois querendo viver juntos!

É tão grande isso que só encontro uma comparação: a paixão que Deus tem pela humanidade. Essa é a comparação que Paulo achou para definir a beleza do matrimônio. É difícil, e é por isso que Paulo diz que é bonito. Ele não é nenhum romântico, como os autores de novelas da Globo. Conhecia a realidade humana e sabia que era difícil homem e mulher viverem juntos. Por ser difícil, é grande! É só um amor do tamanho do amor de Deus que faz um homem e uma mulher viverem juntos. Se não tiverem a grandeza desse amor, as dificuldades da vida, os maridos bêbados, fatalmente levarão a uma separação. Não por culpa das mulheres, mas pela indignidade de tantos homens, que não são dignos de mulheres tão maravilhosas.

Portanto, é o contrário do que Paulo disse. Quando, no matrimônio, os dois continuam se amando belamente, é tão bonito que nem sei o que dizer. E eu vejo tantos matrimônios felizes e, como padre, digo: como o amor de Deus é grande, mas como é difícil! Mas também encontro tantos amores dilacerados, tantas famílias separadas, tantos casais que não conseguiram, não por serem maus. Entendo-os perfeitamente. Admiro a grandeza dos outros, mas entendo as dificuldades, entendo a humanidade. Entendo que é muito duro, e é preciso uma imensa grandeza de alma para perdoar sempre. Vocês, jovens, precisam saber que há muitas rosas, mas também muitos espinhos. Amém. (24.08.03)

A ÚNICA BELEZA QUE ULTRAPASSA A MORTE **(Dt 4, 1-2.6-8/Tg 1, 17-18. 21-22.27/Mc 7, 1-8.14-15.21-23)**

Todas as três leituras têm a sua beleza.

A primeira, do Deuteronômio – a segunda versão da Lei. Depois de muito tempo, o povo de Israel refletiu e meditou. O autor coloca os povos que eles conheciam: os povos da Mesopotâmia, assírios, egípcios, gregos – esses grandes povos que cercavam aquela *tripazinha*, que era e é a terra de Israel. Vejam os deuses que eles tinham! Se alguém visita a sessão dos assírios no Museu Britânico, verá os deuses gigantescos que eles veneravam. Aqueles leões em esculturas de pedra. Tudo para eles era divino. Já os gregos pensavam os deuses em grandes festas. E é sobre isso que o autor quer chamar a atenção do povo de Israel: “esses deuses não se importam com vocês! São felizes por si mesmos, em suas grandes festas. São deuses comilões, beberrões, que não se importam com os homens. Agora, olhem o Deus de vocês!” Isaías compara Javé com uma grande águia que carrega seus filhotinhos nas asas. Olhem que imagem bonita! Assim é Javé! Quando o povo de Israel estava pequeno, escravo, Ele o libertou e o levou para uma terra nova. Todas as vezes que necessitavam de alguma coisa, lá estava Javé. Quando estavam tristes, deprimidos, lá estava Javé, estavam os profetas, estava Davi, todos os ajudando. Tudo isso ainda no Antigo Testamento. O nosso Deus é ainda muito mais próximo. Podemos comungá-lo, pegá-lo na mão e dizer que Ele está junto de nós. Não há possibilidade de encontrar um sinal tão forte para mostrar a presença de Deus a nós e de nós a Ele. Ele se fez símbolo da comida, e, quando você come, você é a comida e a comida é você. Ela faz com que você ande, com que você cresça. Jesus escolheu esse símbolo para dizer da proximidade de Deus. É claro que Deus é Espírito e está glorioso! Mas nós precisávamos que Ele nos mostrasse essa proximidade. Existirá outra religião em que um Deus esteja tão próximo, como a nossa?

Na segunda leitura, aparece Tiago e diz: “A verdadeira religião é quando tens Deus dentro do teu coração. Mas tu tens óbices”. Ele coloca o órfão e a viúva. Na sociedade daquela época, eles eram as pessoas mais marginalizadas. A viúva e o órfão significam aqueles excluídos do sistema. Esses são as viúvas e os órfãos de hoje. Se não temos olhos para eles, é sinal de que aquele Deus que está dentro de nós não é o Deus verdadeiro, mas um engano. A verdadeira religião é aquela que acolhe as viúvas e os órfãos.

No evangelho, Marcos é muito realista. Não lhe interessa a discussão, que é da época. Está superada, é atrasada. Não é a isto que devemos nos agarrar: se é preciso ou não lavar as mãos. Nada disso. Quem não sabe ler o Evangelho, fica preso à sua literalidade e não é isso que Jesus quer. Ele quer ir fundo nos problemas. Quer rasgar as nossas vaidades, dilacerar as nossas proteções, as

nossas grandes mentiras. Andamos *mentirosamente* bonitos pelas estradas da sociedade. Andamos em bonitos carros importados, em festas de muitos cálices. Jesus olha para tudo isso e diz que tudo é externo. Devemos olhar para dentro do coração, pois é lá que está a pessoa que só Ele conhece. Eu fico olhando para vocês e me fazendo esta pergunta: que mistérios bonitos devem existir no coração de cada um de vocês?! É essa beleza que interessa. Às vezes, olho para as mãos das pessoas que vêm comungar e vejo mãos calosas, de pessoas que trabalham. Muitas vezes, as mãos são retratos de maravilhas interiores.

Eu acho que Deus se deleita, imensamente, mergulhando na beleza de tantos corações! Quando Ele olhava para Teresa de Calcutá, não via uma velhinha toda gasta pela existência. Olhava e via a grandeza daquele coração. Mas existem tantas *terezas* aqui nesta igreja! É dessa beleza que Jesus quer nos falar hoje. Que todos nós busquemos a beleza interior, porque é a única que ultrapassará as fronteiras da morte. Qualquer outra ficará no caixão. Amém. (31/08/03)

ACONTECIMENTOS QUE NOS QUESTIONAM (Mc 7, 31-37)

Hoje, temos tantas coisas sobre o que refletir! Amanhã, dia da Pátria. Hoje, pela manhã, quem pôde assistiu, pela televisão, o sepultamento da princesa Diane. Também morre, na Índia, Teresa de Calcutá. E ainda tem o evangelho de hoje. Quanta coisa para refletirmos!

Às vezes, na nossa história, passa um, dois meses sem nenhum fato relevante, um dia-a-dia, uma rotina anódina. De repente, uma semana explode em acontecimentos que chocam. Não deixou de ser impressionante, quando a televisão mostrou as pessoas do lado de fora do palácio, em Londres. Jovens com os rostos tristes, pesados, chorando a morte de uma mulher – a princesa Diane. Essa mulher, que tinha perdido o título de princesa real, porque se divorciara do príncipe. De uma beleza esplendorosa, ela rodava o mundo. Ora fazendo obras de caridade, ora aparecendo na grande imprensa. Levava uma vida um pouco contraditória. Isso toca muito o coração humano. Uma jovem riquíssima, no esplendor de sua beleza e de sua juventude, e termina a sua história. Toda uma nação chorou. Os ingleses, tidos como tão frios, ficaram tocados por essa morte. Mais ou menos como a morte do Ayrton Senna, aqui no Brasil.

É uma lição, no sentido profundo da palavra. A homilia do arcebispo da Cantuária foi de uma beleza e de uma transparência tocante. Ele colocou, diante daqueles milhões de espectadores do mundo inteiro, o significado desse momento, dessa morte precoce. Saindo a uma louca velocidade, num Mercedes-Benz – o carro mais seguro do mundo –, vai encontrar a morte. Um desastre automobilístico, com o companheiro, que não era nenhum exemplo de beleza ou de moralidade, considerado um *playboy*, riquíssimo. O dinheiro, a beleza, tudo termina numa fração de segundo. Uma riqueza que terá sido construída por toda uma vida. Pelo pai, talvez pelo avô, num trabalho duro e prolongado. Aquele filho, atingindo a maior glória a que poderia aspirar – casar com a princesa –, e numa fração de segundo, por um instante de hesitação do motorista, com o melhor carro do mundo, se espatifa e termina o seu caminho. É para pensar, olhar para a nossa vida e nos perguntar: será que realmente descobrimos o sentido profundo dela? Será que precisamos desses momentos seriíssimos, gravíssimos, chocantes, para que acordemos para a vida?

Amanhã, dia da Pátria, nós, brasileiros, somos chamados. A Igreja do Brasil nos convoca para esse grande grito dos oprimidos, dos excluídos, dos desempregados. Outrora, Pedro I gritara “Independência ou Morte!” – assim aprendíamos na escola. O Brasil começava a sua trajetória, independente de Portugal, mas muito dependente, primeiramente, da Inglaterra, depois, dos Estados Unidos, hoje, do FMI (*), do Banco Mundial, dos grandes centros econômicos. A independência ainda está muito longe de nós. A nação só será

realmente independente no dia em que tiver os seus cento e cinquenta milhões de habitantes podendo comer, estudar, viver humanamente. Enquanto tivermos cem milhões de pessoas passando fome, não tendo casa, morando mal, não seremos um país independente. Ainda não construímos a base humana de um país, ou nem mesmo chegamos a ser um. Como podemos nos considerar um grande país, se a maioria dos nossos irmãos não pode participar, não pode ouvir o que eu estou falando, porque não entende? Não tem acesso à cultura, à alimentação básica, à higiene, à saúde. Como podemos sair, pomposos pelas ruas, desfilar com cavalos e tanques, se tanques e cavalos não matam fome de ninguém, não curam os milhares e milhares de crianças que morrem no seu primeiro ano de vida? Essas crianças não morrem por engano, mas de fome e miséria. Um teólogo peruano diz que essas crianças morrem antes de ser. Não morrem porque Deus quis, mas porque nós, homens, não resolvemos esse problema. Não coloquemos a culpa em Deus por tanta criança que morre! A culpa é nossa, que não conseguimos criar uma sociedade. É o dia da Pátria, um dia de reflexão!

Além disso, morre esta mulher, Teresa de Calcutá. Quem dera se todos tivéssemos um pouquinho dela! Ela largou tudo, na sua juventude, na Albânia, e teve uma única meta em sua vida: desvelar-se para as pessoas, sem medo, sem nenhuma proteção. Tocando aidéticos, carregando hansenianos, crianças miseráveis e sujas. E uma coisa maior, linda, que só um santo faz – uma coisa inútil, por isso, linda: passava as noites pelas ruas de Calcutá e, ao ver pessoas agonizando nas sarjetas, tomava aquele agonizante e o levava até uma cama, para que ele pudesse morrer dignamente. Nem era para viver, porque isso não era mais possível, mas para morrer com dignidade, e não na rua. Essa mulher tinha o senso da dignidade, da beleza humana e queria que, pelo menos no instante em que uma pessoa fosse ultrapassar a soleira da história, tivesse um mínimo de dignidade, para descansar nos braços eternos de Deus. Amém. (06.09.97)

(*) Fundo Monetário Internacional

ENCONTRO DE LIBERDADES (Mc 8, 27-35)

O evangelho é questionador, porque faz duas perguntas: quem é Jesus e o que é ser cristão? No fundo, são perguntas para nós hoje, sobretudo neste mundo da informática. Parece que Jesus entendia um pouco de *internet*. Ele perguntou sobre o que diziam por aí sobre ele e quais as informações que tinham a seu respeito.

Todos podem ter muitas informações e, cada vez mais, as gerações jovens serão mais informadas. Mas, talvez, sejam cada vez menos capazes de decisões. É muito fácil saber das coisas, mas é muito difícil tomar posição sobre elas. Talvez seja esse um ponto importante dessa geração jovem, que está aqui, diante de meus olhos.

Antes, as gerações mais antigas tinham pouca informação. Havia poucos jornais. Lentamente, chegou a televisão, e agora explode o mundo da informática, com informações a longa distância, celulares, computadores. Aparelhos cada vez menores nos conectam com o mundo inteiro. Já existem geladeiras inteligentes, que dizem o que falta e o que é necessário comprar. Só não conseguem pagar para vocês. Estamos no mundo das comunicações, mas quanto mais informações temos, mais dificuldades de decisão.

Jesus começa perguntando: “o que dizem?” “Dizem que é Elias ou um profeta”, respondem eles. E Ele continua: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Estava lendo um artigo de um pedagogo que dizia da necessidade da escola. Já não tanto mais para informar. Talvez os alunos tenham informações até mais completas do que os professores. A escola precisa é organizar a cabeça dos jovens, ensinar a pensar, a viver, a ser, a conviver. Nada disso se aprende no computador, mas com pessoas. É só convivendo que aprendemos a viver. Apenas com o indivíduo, podemos aprender a ser. Com a máquina você não convive. Ela é coisa, é aparelho. E a máquina dá a impressão de que se pode fazer o que quiser. Os jovens passam o dia todo diante do computador e, quando encontram a namorada, ela não se comporta como o computador. Aí vem a frustração. Não podem enfiar na sua boca um disquete, porque a sua boca não é *drive*.

Quando encontramos uma pessoa, quando encontramos uma liberdade, temos que tomar decisões. E não estamos sabendo nos relacionar. É isso que Jesus propôs aos discípulos: “o que vocês dizem de mim?” Pedro dá a resposta: “Tu és o Messias!” Somos todos convidados a responder o que somos, o que queremos, o que queremos fazer de nós mesmos. Talvez a pergunta mais difícil que temos que nos fazer é o que queremos fazer de nós mesmos. Já se fizeram essa pergunta? O que queremos construir com esse arcabouço biológico que temos em nós? É a pergunta que temos de nos fazer continuamente, e que ninguém responderá por nós. Este programa que existe por aí – “Você decide”(*) – é puro engano. Essas decisões não têm a mínima transcendência, a mínima importância. São feitas perguntas que não afetam a vida de ninguém. Não são decisões nossas.

A decisão que importa é quando eu estou em jogo. Decidir coisas fora de nós não tem a mínima importância.

O que Jesus quis dos apóstolos é uma resposta que os implicasse. É um discurso auto-implicativo, quando o sujeito entra na frase e a comanda. Não é o objeto da frase. Quando Pedro faz a sua profissão de fé, Jesus coloca as condições para segui-lo. Parece um discurso masoquista: renunciar, tomar a cruz. Será que tem sentido para nós, hoje? Com esse vocabulário, certamente, não. Mas o que é a renúncia hoje? Qualquer psicanalista de *meia-tigela* sabe que, se alguém não tiver capacidade de colocar limite na sua vida, através da renúncia, torna-se um monstro. Guardem isto: se não forem capazes de colocar limites na existência, preparem-se para ser monstruosos. O criminoso é precisamente aquela pessoa para a qual não existe limite. São os monstros da corrupção, dos assassinatos, porque não aprenderam, na infância, na juventude, que precisamos de limites. Somos criados para conviver, para sermos história. A convivência nos coloca limites, nos ensina a renunciar, a ceder. Esta é a verdadeira renúncia: da história, do dia-a-dia, da vida. Não é preciso buscar renúncias maiores, porque a vida já nos coloca tantas. É dessa renúncia que fala Jesus: dessa capacidade de eu assumir as necessidades dos outros e abrir mão das minhas comodidades. Amém. (16.09.00).

(*) referência a um programa veiculado na época pela TV Globo.

A BELEZA DE CADA CULTURA (Lc 16, 1-13)

Os evangelhos nos falam em níveis diferentes. Há um primeiro nível imediato, que aparece à primeira vista e nos foi mostrado por quem preparou a liturgia: é o sentido da gratidão. Um voltou e nove não voltaram para agradecer. Isso está muito claro. Vou tentar buscar um sentido mais profundo, porque Lucas era um homem de formação grega, isto é, mais universal, e não ficava preso aos nacionalismos daquela época. Sempre vamos encontrar em Lucas a busca da superação de todo o regionalismo, de todo o bairrismo, de todo o racismo, de toda a preponderância de um país sobre outro, de uma cultura sobre as outras. Ele não perde ocasião para fazer isso, e nesse trecho chama-nos a atenção: aquele que voltou era um samaritano. Poderia ter dito simplesmente que um voltou e nove não voltaram. Para o sentido da gratidão, bastaria. Mas ele quer ir mais longe. Não lhe basta dizer somente que nove não foram gratos. Não é apenas isso que ele quer nos ensinar, mas ele denuncia que nós temos o hábito de julgar as pessoas.

Ele fala aos judeus, que se imaginavam melhores e achavam que apenas eles mereciam a cura. E quem volta é o estrangeiro, o desfigurado, o excomungado, o marginalizado – o samaritano. Isso é o que importa. Lucas coloca no centro do Evangelho exatamente aquele que todos desconhecem e desprezam. O samaritano volta! Portanto, não se trata de simples gratidão, mas de superar a mentalidade de existência de uma etnia superior, seja em raça ou cultura.

Vocês terão lido nos jornais que o primeiro-ministro italiano, Berlusconi, num momento de infeliz expressão, falou dessa guerra como um ato de supremacia, de superioridade da cultura ocidental sobre os árabes e os muçulmanos (*), que considerou atrasados. Depois levou um susto e se desculpou. Cultura não se compara, cada uma tem sua riqueza, sua beleza. Não podemos dizer que há bárbaros, que há povos atrasados. Tive um colega jesuíta, que fez voto de pobreza na Ordem, e nos disse que aprendera a partilhar com os índios, não com os jesuítas. Entre os índios, partilhava-se tudo. Quando vinha a caça, ninguém pegava a parte melhor. Todos se reuniam, festejavam e partilhavam tudo. Isso é cultura atrasada? Quando Lucas coloca esse samaritano, quer nos dizer que não há pessoa que não possa dizer sim ao chamado de Deus, que não há uma cultura que seja superior à outra. Temos tendência a demonizar as culturas. Quando lerem nos jornais que está havendo uma discórdia muito grande, saibam que é sempre por isto: querem considerar uns bons e outros maus, uns certos e outros errados. É a maneira mais ridícula, mais estúpida de analisar a história humana.

Todos nós somos uma mistura de bondade e maldade, de verdade e mentira. Temos que cavar a nossa própria cultura, prestar atenção em nós mesmos, para descobrir o que há de verdade, de beleza na nossa vida, mas também o que há de maldade, de erro. A revelação nos ensina isso desde o início, desde a primeira página do Gênesis, quando fala de Adão e Eva. Já nessa passagem fica claro que

nenhuma cultura está isenta de erros. E nós, no Ocidente, que julgamos ter muito mais clareza, deveríamos nos perguntar: será que estamos construindo uma cultura que mereça o futuro da humanidade? Somos nós que mais fabricamos armas e bombas que, quando explodem, vão matando todas as pessoas no seu percurso. Essa é a cultura superior do Ocidente, que é capaz de matar mais, com mais eficiência. Não se sabe nem quem vai morrer, porque uma bomba é jogada e não se sabe onde ela vai cair. Quando leio tudo isso nos jornais, fico horrorizado e me pergunto: até onde vamos?

O papa teve uma reunião com ministros de várias religiões e com um bispo anglicano, inglês, portanto, do país que mais está apoiando a guerra, que se declarou estarecido. Hoje, olhando essas bombas de fragmentação, eu me pergunto: aonde isso vai nos levar? Dos dois lados, a mesma barbaridade, a mesma maldade, a mesma destruição. Precisamos formar outra cabeça: de paz, de igualdade, de comunicação, de partilha e nunca de superioridade de raça ou de cultura. Nós aprendemos de todos, pois todos nos ensinam. Amém. (22.09.01)

(*) referência à invasão do Afeganistão pelos americanos, após o atentado de 11 de setembro.

CRISTIANISMO É MAIS QUE RELIGIÃO

(Mt 21, 28-32)

Os textos da liturgia de hoje vão todos numa mesma direção. São tecidos de propósito, para que surja, emergja deles uma idéia central, que vamos tentar captar.

Há dois tipos de religião. Um tipo de religiões são mais – perdoem o pleonasma – religiosas, outras são mais éticas. As religiões mais religiosas são aquelas que vêm responder a essa dimensão humana que todos temos, de desejo religioso. O ser humano é um animal religioso. Exatamente como é um animal estético, político, social. Aristóteles definia o homem como animal político. Isto é, todos temos dentro de nós a dimensão da sociabilidade, gostamos de conversar, de conviver. Mesmo que não sejamos políticos no sentido oficial, somos animais societários, vivemos na cidade. Ninguém vai morar sozinho numa caverna, os eremitas são raríssimos. São dimensões humanas. Todos sentimos alguma emoção diante da beleza, de um pôr-do-sol bonito, de uma lua cheia reinando sozinha no céu com sua luz branca jogada sobre nós. Todos viram poetas, e até os cães latem mais. Todos nós temos um senso estético. São dimensões humanas. Mas também existe no coração humano o senso religioso, uma busca misteriosa. Não sabemos como, não sabemos o que queremos. Temos sempre um desejo que vai para além. Para muitos, isso é um tanto confuso. Irão procurar pela vida toda. Por isso, o ser humano, tendo esse sentido religioso, se perde o rumo, vai buscá-lo na droga ou em outras coisas, porque sente uma necessidade de transcendência, de infinito. A religião vem responder a esse desejo. Para isso, cria ritos, celebrações, músicas, como fazemos aqui. Isso enche o nosso coração, e vamos embora felizes. Mas o Cristianismo é uma religião ética. Essa é a nossa grande dificuldade. O Cristianismo considera ótimo aquele que vem para assistir a missa, fazer uma oração, mas isso ainda não é suficiente. Responder de fato, para o Cristianismo, é quando chegamos à prática. O Cristianismo é ético, visa comportamento, visa compromissos reais. Exige que, na sociedade, sejamos honestos, participemos da sociedade, colaboremos na construção deste mundo, sejamos responsáveis na nossa profissão, no nosso trabalho, na nossa família, onde quer que estejamos. É isso que Jesus quer dizer. Não basta que vocês, fariseus, cumpram os ritos; que vocês, anciãos, vão ao Templo, façam sacrifícios. Tudo isso é como se não realizássemos o mais importante da religião, no caso, da religião de Jesus, que Ele chama Reino de Deus.

Quando Ele compara os fariseus com as prostitutas e cobradores de impostos, que eram os publicanos, é para dizer que esses mudaram de vida. Eram ladrões e agora não são mais. As prostitutas começaram a modificar a própria vida, querendo-a digna e humana. É essa transformação que constrói e constitui o Reino de Deus. As prostitutas e os publicanos entram no Reino, e os que ficam

sempre no nível externo, ainda não entraram. É uma exigência muito forte. Talvez a maioria dos cristãos, dos católicos viva esse primeiro nível religioso. Não é ruim, mas incompleto. Jesus não condena, mas é incompleto. Ainda não é o nível que Ele quer. O nível que Jesus pede a cada um de nós é sair, ultrapassar o nível religioso, encontrar no nível religioso uma força, um entusiasmo para atuar, agir, viver, criar, constituir, trabalhar. Para trabalhar na justiça, na honestidade, na verdade, no bem, na beleza.

O Cristianismo só se transforma em verdadeira religião quando a nossa prática é cristã, e essa não se resume ao nível religioso, mas o ultrapassa. Por isso, até hoje, o Cristianismo é palavra viva, porque sempre viveremos em sociedade, sempre viveremos numa realidade que se transforma. O Cristianismo sempre será um fermento na transformação da sociedade. E cada um de nós, que dissemos o primeiro sim, como fez o primeiro filho, devemos procurar em nossa vida a vivência plena na busca do segundo sim verdadeiro e definitivo. Amém. (25.09.99)

ÉTICA É A PALAVRA MÁGICA

Hoje eu queria dizer-lhes, em primeiro lugar, uma palavra sobre essa pequena experiência que eu fiz semanas passadas, quando dei alguns cursos na Colômbia. A passagem por lá me impressionou muito. Vi um país mergulhado, mas mergulhado mesmo, na violência e na corrupção, de uma maneira espantosa. Isso nos deixa preocupados, porque parece um pouco o caminho que o nosso país está tomando. Ver essa realidade de perto faz doer o coração. Para se ter uma idéia, eles estão em ano eleitoral. Há muitos departamentos, isto é, estados, onde as pessoas não querem se candidatar porque a guerrilha seqüestra os candidatos. E, é claro, nenhum deles tem vocação para mártir. Há regiões onde não há candidatos e outras dezenas deles estão seqüestrados. É o poder da guerrilha. São três forças que estão em luta armada. É uma guerra civil dentro de um país. Se você faz uma viagem Medellín-Bogotá, que seria como Belo Horizonte-Rio, mais ou menos –, portanto entre duas cidades fundamentais –, o ônibus pode partir e não chegar. Pode ser assaltado na estrada pela guerrilha, pelos paramilitares ou pelo próprio exército. Por que um país chega a essa situação? Como é que o tecido social se decompôs de tal maneira, que as forças políticas ficaram totalmente imersas na corrupção? Muitos dos deputados, senadores são comprados pela droga, pagos pela droga.

Será que o nosso querido Brasil também não está ameaçado? Quando olhamos a situação do Rio de Janeiro, quando olhamos para São Paulo e já um pouquinho para Belo Horizonte, sentimos alguma perplexidade. Não se trata de uma corrupção isolada, de pessoas corrompidas, porque isso sempre aconteceu em todos os tempos, mas se trata – e isto é o mais doloroso – de uma cultura da corrupção. Cultura é regra de convivência, são as normas que marcam o nosso modo de entender a sociedade. Quando a corrupção entra como fenômeno cultural, roubar, por exemplo, se torna coisa natural. Estranho é quem não está corrompido. Isso é cultura, que faz com que a realidade se torne aceita por todos como uma coisa normal. Como esse ar que respiramos, como esta chuva que, agora, banha esta nossa terra.

O Brasil caminha lentamente para esse lado. E quando é cultura, começa com aquele *pivetezinho* que guarda carros e chega até a Presidência da República. Atravessa todos os seguimentos da sociedade. Já não há mais campo, espaço, grupos imunes. Os políticos, na Colômbia, fizeram, naqueles dias em que eu estava lá, um inquérito sobre a credibilidade. Noventa por cento da população dizia que a Presidência da República é a maior causa da corrupção. Quase uma unanimidade! Não acreditam mais no seu presidente, nos seus ministros, porque estão todos banhados de corrupção. Quando olhamos para essa situação, num país limítrofe, nos assustamos. Sabemos que, na Amazônia, há vários campos de aviação clandestinos, e todos sabem, porque hoje isso é possível saber através dos satélites. Estão lá para que os aviões, os helicópteros transportem drogas e

armas. E ninguém faz nada, porque há uma cultura de corrupção. Não são atos isolados.

Acho que temos de pensar na história, na família, em todos os movimentos cívicos e acordar a consciência. Se não iniciarmos na escola, com os estudantes que já começam a se corromper, colando, a coisa só tende a se agravar. Começam a corromper os colegas, os professores e vice-versa. Ai não há possibilidade de salvação. Se as *tramoiazinhas* já começam cedo, na infância, e os pais não reagem, não sentem que é nesse momento que se deve passar uma consciência ética, amanhã, este país não terá solução. Quando a corrupção chega ao nível cultural, já não sabemos o que fazer. Praticamente, toda a polícia é corrupta. Pega-se um táxi e não se sabe se chegará ao final. Conversa-se com uma pessoa e não dá para saber se é um ladrão ou não. Começa-se a desconfiar de tudo. A vida se torna impossível. Isso é muito sério e nos deixa muito preocupados.

Vi aquele povo sofrido. Agora, começam a fazer passeatas. Participei de uma delas, em Cali. Saímos pelas ruas pedindo paz, honestidade e solidariedade para o país, mas éramos tão poucos, e o povo apenas olhava, não se incomodando. Isso realmente dói-nos, fere-nos, machuca-nos. Se isso um dia chega até nós, até Vespasiano, até Belo Horizonte, o que será destas crianças, desta juventude?

Abramos os nossos olhos, passemos a essas crianças um senso ético. Ética – essa é a palavra mágica. Honestidade, respeito à outra pessoa, respeito ao bem público, para que possamos recriar uma sociedade, em que possamos confiar uns nos outros. No dia em que desconfiarmos de todas as pessoas, a violência dominará tudo, e o inferno se fará realidade. Amém. (Setembro/1997)

NOSSO COMPROMISSO COM AS CHANCES HISTÓRICAS (Mt 21, 33-43)

Esse Evangelho é um pouco difícil e necessita de certas explicações. Como temos aqui muitos jovens que estudam e precisam fazer interpretação de textos nas escolas, nas universidades, vou começar com uma *regrazinha* básica de interpretação.

Num texto, encontramos sempre dois sentidos. O sentido primeiro é o que o escritor pensou ao escrever para aquele auditório do seu tempo. O segundo sentido é o que nós, agora, dois mil anos depois, vemos ao ler o texto, em outro contexto, com outra maneira de entender.

Segunda regra de interpretação: uma parábola é uma espécie de história que não vale pelos pormenores. A metáfora não vale pelos pormenores. Toda metáfora, toda história tem um ponto e por ele pegamos a idéia central. Vou dar um exemplo diferente, depois voltarei ao Evangelho. Quando Jesus compara o fim do mundo a um ladrão, não quer dizer que vem alguém matar ou roubar. Quer dizer que alguém aparece de maneira surpreendente, quando e como ninguém espera. A idéia central é a surpresa, não o roubo. Quem compara Jesus a um ladrão não entendeu nada da parábola. O que Ele quer dizer é que o ladrão não avisa. (*)

A parábola do evangelho de hoje traz duas idéias centrais: uma para o tempo de Jesus e outra para o nosso tempo. Para o tempo de Jesus – um tempo passado, que já não serve para nós: é a disputa entre judaísmo e cristianismo. Os judeus tinham o privilégio de ser o primeiro povo da mensagem evangélica. São os primeiros que ocuparam a vinha. Vêm os profetas – mandou três – e todos são assassinados, um após outro. No final, mandou o Filho – alusão a Jesus Cristo. Matam-no, jogando-o para fora. Jesus morreu fora dos muros da cidade. A idéia é de que o povo judeu rejeita o Filho Jesus. Então os apóstolos vão evangelizar os pagãos: nós que estamos aqui. Hoje somos cristãos, porque os apóstolos deixaram os judeus, que não quiseram se converter naquele momento. Foram pregar em outros lugares, e daí viemos nós. Esse é o sentido de lá.

Para nós, hoje, é mais sério. E para vocês, jovens, é importante saber o sentido da chance histórica. A história não se repete. Não há um fato que se repita. Temos chances, e, se perdermos uma, estará definitivamente perdida. Poderá vir outra, mas aquela não se repete. No Evangelho, vemos que eles tiveram a chance através de três pessoas, que foram os profetas, e todos foram mortos. Aquelas chances estão definitivamente perdidas.

Quantas vezes vocês, jovens, ao longo da vida, encontram um excelente professor e não aproveitam nada dele?! Essa chance está perdida historicamente. Se tivessem aproveitado, poderiam ter caminhado muito. Essa é a grande responsabilidade histórica. Não podemos brincar com a história porque ela não se

repete. Deus está semeando a nossa vida de chances, para que agarremos alguma. Às vezes, numa campanha política, às vezes numa eleição ou em qualquer outra oportunidade. São oportunidades que temos de acordar e, de repente, passa essa chance e esquecemos. A morte de um Ayrton Senna pode acordar um jovem: para que correr tanto atrás de glória, se podemos morrer repentinamente? A morte de Diane: a princesa inglesa de tanta beleza morre num acidente, e lá se vai toda a beleza, toda a riqueza. A quantidade gigantesca de vestidos, de jóias, para onde foi? De repente, leva-se um susto e acorda-se para a história.

Essas são as instâncias históricas. Mas há uma diferença da história de Deus: até o fim teremos chances. Um curso de crisma é uma chance histórica que vocês podem perder, se levarem de qualquer jeito. Ao invés de ganhar, abrir as mentes, perdem a chance que estará perdida definitivamente. Haverá outras, sim, que Deus sempre vai colocar, mas, as que perdermos, estão perdidas. A história não volta, os anos não voltam. Quem perde a chance dos quinze anos, nunca mais os terá novamente. Poderá ter outra aos dezoito, aos vinte, mas nunca mais aos quinze. E há experiências que só vivemos em uma época. A experiência do idealismo você só vive na juventude. Se passarem a juventude sem fazer nenhuma experiência de idealismo, serão como um *saco de batatas* que não sairá do lugar. A juventude é a única fase da vida em que o jovem tem coragem de arrancar o coração e ir longe. Depois vai-se perdendo o entusiasmo. Se passarem a juventude parados, sem entusiasmo, podem nem chegar aos quarenta, aos cinquenta. A vida pode consumi-los antes, no tédio, no aborrecimento, no vazio. Não podemos perder as chances!

A infância é a fase de descobrir o mundo pelas brincadeiras. Uma criança que não brinca, que vive agarrada à televisão, perde a infância definitivamente. Uma adolescente que engravida perde a adolescência definitivamente. Perderam a chance histórica. É importante ser adolescente, ter quatorze, quinze anos, e viver cada ano na sua beleza. Não saltem os anos! Andem ano a ano! Quando saltamos as experiências, somos como essas mangas bonitas, amadurecidas à força. Se as comermos, não sentiremos nenhum sabor. São como essas goiabas enormes que os japoneses criaram e que parecem matéria plástica.

Há pessoas que são como matéria plástica, porque envelheceram cedo, gastaram-se cedo. Não viveram a infância, a adolescência, não viveram a juventude. Aos quatorze anos já estão *transando* desregradamente. Esquecem que a adolescência é o momento da ternura, da descoberta do olhar, e não da descoberta direta do sexo. Antecipem as experiências e acabarão com a vida. Chegam aos vinte anos sem gosto para nada. Casam, descasam, *recasam*, porque nunca tiveram amor, porque nunca viveram a ternura nascente do amor. O amor tem seus caminhos que não podem ser saltados.

Essa parábola está nos dizendo que veio o primeiro, o segundo. São chances que Deus nos coloca. O evangelho coloca três, mas a história tem vinte, quarenta, cem, duzentas chances. Mas se formos jogando todas fora, ficaremos com os

braços vazios. E a coisa mais trágica – eu, que já tenho cabelos brancos, posso dizer – é quando se chega à velhice e não se tem nada que se fez na vida. Olhamos para trás e só encontramos um imenso vazio. É o desespero! Não construímos nada, não vivemos nada, não realizamos nada, não amamos, não construímos ninguém.

Um grande cientista político italiano, Norberto Bobbio, já com mais de oitenta anos, escreveu um livro lindo com a sua biografia. Ele diz que, quando olha para trás, o que vê de bom são aqueles momentos bonitos de vida e ternura, de amor à esposa, de fidelidade. É isso que enche a sua velhice, não as suas glórias, que são muitas, mas as vivências que construiu ao longo de sua existência.

Oxalá, jovens, que a cada ano vocês olhem para trás e, ainda que inexoravelmente fiquem mais velhos, possam dizer que este ano foi lindo, porque semeado. Mas, se cada ano for vazio – vazio mais vazio dá sempre vazio –, a vida será um grande zero, e a soma de zeros é nada. Mas se colocarmos um algarismo sequer, muda toda a soma. Amém. (03.10.99)

(*) Mc 13, 33-37

AMAR É QUERER QUE O OUTRO SEJA ETERNO (Gn 2, 18-24/Mc 10, 2-16)

Se alguém quer entender essa leitura, terá que dar mergulhos mais profundos. Muitas vezes, o seu sentido imediato soa forte, e não é fácil entender o que o Senhor quer nos ensinar.

Tomemos primeiro a leitura do Gênesis. Antes que conhecêssemos o que chamamos gênero literário, ou seja, como as escrituras foram escritas, imaginávamos que esse texto fosse uma descrição do início do mundo. Uma descrição bonita de um lugar para onde todos iríamos, como um casal no paraíso. É até bonito pensar assim. Mas, hoje, sabemos que não é isso que acontece.

Estava lendo uma tese sobre os ciganos, defendida por um jovem paulista. Ele pesquisava como os ciganos se perguntam de sua origem. Há uma tradição que diz que eles vieram de Caim, porque trazem uma marca assassina, nômade, viajando sempre. Eles imaginavam e acreditavam que vieram de Caim. Isso para dizer da necessidade que temos de nos colocar lá no início, na origem. É claro que não vieram de Caim! Outra tradição diz que, quando os egípcios entraram no mar e se afogaram, um casal escapou, e, desse casal, eles vieram. Tanto que a palavra cigano, em inglês, é *gipsy*, que dá em egípcio. Não quero com isso dar uma aula de mestrado para vocês, mas mostrar que todos nós trazemos esta grande pergunta: de onde viemos?

Israel também se fez essa pergunta, e nos contaram essa história de Adão e Eva. Pensamos que era uma história com H maiúsculo, mas, na verdade, é uma estória, com E. Isso é uma maneira de irmos mais profundo no mistério. Vejam que Teologia belíssima! Deus traz para Adão todos os animais, mas ele não se identifica com nenhum. O judeu se achava maior que o animal. Sabia que era espírito, a essência de Deus. Naquele momento, Adão olha todos os animais e não encontra nenhum semelhante a ele. Isso é teológico! É que muitas vezes nos esquecemos disso. Quantas vezes descemos ao nível mais animal que os próprios animais! Vocês acham que as pessoas que vivem se entregando a esses desvarios gigantescos não são mais animais que os animais? Esses, que planejam a morte, não são mais animais que os animais? Pois bem, Adão não se identificou com nenhum dos animais que Deus lhe apresenta e, então, Eva nasce do seu corpo, de sua costela. Devemos ver nisso uma proximidade profunda entre o homem e a mulher. É essa igualdade radical que o judeu já percebia: que homem e mulher fazem uma unidade tão profunda, que nenhum pode usar e abusar do outro. Olhem que profundidade! Nenhum é instrumento do outro. São seres livres, racionais, que se amam na igualdade, porque são da mesma carne. Essa expressão “mesma carne” é a radicalidade da igualdade que temos. Parece que só agora as mulheres descobriram o que Adão e Eva tinham descoberto há milhões de anos.

Essa passagem do evangelho parece tão moralista, mas não é. Jesus não é moralista, e vai muito mais fundo. Primeiro, há uma teologia social escondida. É claro que o homem não repudiava a mulher, mas a entregava à miséria, ao desprezo. Jesus diz que não. O homem não tem o direito de repudiar a mulher. Não temos direito de repudiar nossa igualdade, de qualquer forma que seja. Não é só no matrimônio, mas é o repúdio a qualquer pessoa. Nós temos tanto repúdio, tanta rejeição, tanto ódio, que não entendemos que o Senhor quer nos ensinar esse amor pelos outros. E vai mais longe ainda: é que talvez nunca entendamos a verdadeira natureza do amor.

O amor só pode ser definitivo e eterno. Se alguém disser para outra pessoa: “eu te amarei por dez dias”, isso não é amor, mas outra coisa. Não é só no matrimônio não, mas em qualquer ato de amor, que tem dentro de si a densidade da eternidade. Há um pensador que dizia: “Amar é dizer ao outro: você é eterno!” Amar é querer que o outro seja eterno. Qualquer pessoa que seja – um pobre, um miserável, uma prostituta, um bêbado – se eu amo, vou dizer-lhe: “Não quero que você seja eterno nessa situação de indignidade, de desprezo, de aviltamento. Quero que você seja eterno na dignidade do seu ser. Não no repúdio, mas no amor”.

Se lermos esse evangelho sob essa ótica, veremos que Jesus vai muito longe, e que nós, nesta sociedade moderna, ainda nem percebemos que o amor é desejo de eternidade e dignidade. Amém. (05/10/03)

O GRITO QUE COMOVE O CORAÇÃO DE DEUS

(Mc 10, 35-45)

Não sei se vocês perceberam que o nosso escritor – Marcos – é um rapazinho inteligente. Ele não quer apenas nos narrar um fato. Quer, com a descrição dos pormenores, traçar um roteiro muito mais amplo do que a cura do cego.

Em primeiro lugar, onde a cura acontece? Em Nazaré, onde Jesus cresceu? Não. Junto ao belíssimo lago de Genesaré? Também não. Na capital, Jerusalém? Também não. Em Belém, onde Ele nasceu? Também não. Acontece lá embaixo, em Jericó. Jericó é uma cidade ao sul, distante, com clima quente, por onde os judeus entraram na terra da Palestina. Essa é Jericó, e é lá que o milagre acontece. Na periferia, não na capital. Não em Brasília, mas na cidade-satélite. Para lá Ele vai com os discípulos, com as colunas de sua Igreja, com a multidão, com o povo. Olhem que sinais bonitos!

E o cego? Cego, mendigo, sentado – portanto, não está andando – sem fazer nada, à beira do caminho. Caminho é sempre o símbolo de Cristo – “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Ele estava fora, ao lado, à margem da salvação. Era cego, mas não era surdo. Essa é a sua salvação! Se fosse cego e surdo, estaria perdido. É isso que acontece com muitos cristãos. São cegos, porque não vêem, e surdos, porque não ouvem a Palavra de Deus. Quem é cego e não vê as belezas de Deus no mundo, não vê os grandes exemplos e não ouve a Palavra, está à margem do caminho. Mas esse ouviu!

O ouvido é o início da salvação. Mesmo que vocês andem por caminhos perdidos, *sem eira nem beira*, perambulando por caminhos piores, se não perderem o ouvido, ainda terão esperança de salvação. Os seus filhos que entram na droga, que se perdem, que engravidam adolescentes, se tiverem ouvido, ainda podem ter salvação. O que o cego ouviu? Olhem que coisa bonita! Ele ouviu Jesus passando e aí grita. Quando estamos em dificuldades, quando estamos à beira do caminho, quando estamos fora da verdade, precisamos gritar. Quando o país não vai bem, temos que gritar. Diante da corrupção, temos que gritar. Quando nada funciona, temos que gritar. É o grito ético. É o grito que acorda a nação. A nossa independência começou com um grito. O povo de Israel começou com um grito. Jesus deu um grito na cruz. Os pobres gritam até hoje. É o grito que comove o coração de Deus, que comove o coração de Jesus.

Mas, atenção! Quando ele gritou, os acomodados, os covardes, os que não querem nada, mandaram-no calar, para que nada mudasse. Olhem que sinal feliz! Os companheiros dos maus caminhos querem que não gritemos, que continuemos cegos. Para que gritar? De que adianta gritar? Mas aí estava a sua salvação, porque ele gritou mais forte ainda. É esse grito que vai acordar o Brasil, que vai mudar este país. Ele gritou o nome de Jesus: “Rabi!”, e Jesus mandou chamá-lo. Quando ouvirmos essa expressão bonita: “Chamai-o!”, estaremos salvos. Jesus

não chama diretamente. Usa mediações, usa as pessoas. É através de nós que Ele chama. É através de um amigo, de um colega, de um pai, de uma mãe, é através das pessoas que Ele nos chama. Quantas pessoas estão esperando uma voz que as chame?! Quantos jovens andam por aí afora, com os olhos apagados, escuros, tristes?! Outro dia, a mãe de um adolescente me dizia que o filho não queria mais viver. Um adolescente de quatorze anos não quer mais viver! São esses que temos que chamar. São esses que precisam de uma palavra. Estão amargurados, tristes, deprimidos, aproximando-se da morte numa idade tão jovem. Estão cansados da vida!

Chamai-os e Jesus lhes fará a pergunta que faz a cada um de nós: “O que tu queres que eu faça?” Esse “tu” é cada um de nós. Ele faz, não avança o sinal, não força ninguém. Sempre pergunta o que queremos. Queremos felicidade, queremos alegria, queremos paz? E ele pediu a coisa mais linda que um cego pode pedir: ver!

Teilhard de Chardin, um grande pensador francês, diz: “Nós precisamos aprender a ver!” Ele, entusiasmado com todo o processo evolutivo, um dia, *adolescentezinho*, pegou uma pedra, agarrou-a e começou a ver nela quinze bilhões de anos de evolução. Ele queria ver, como nós também queremos. Não apenas enxergar. Ver é muito mais que enxergar. É abrir os olhos para a verdade. Ver está ligado à verdade. Ele olhou e viu o rosto de Jesus. Oxalá, fosse essa a nossa primeira visão! Olhem que coisa belíssima! Quando ele abre os olhos, encontra o olhar, o rosto de Jesus. O rosto vivo de Jesus! Não o rosto morto, deixado no sudário. Ele viu o rosto vivo de Jesus!

Imaginem o júbilo, a força interior desse homem que voltou a ver! E o Evangelho termina tão simples. Depois que ele viu o rosto de Jesus não há outra coisa a fazer, a não ser entrar no caminho. Estava à beira, era cego, agora está vendo, está no caminho e semeia Jesus. Aí está o nosso itinerário. Amém. (14.10.00)

O AMOR CONSTITUI O NOSSO SER (Mt 22, 34-40)

Se um judeu estivesse aqui, hoje, nesta celebração, teria *tremido nas suas bases*. Há mais de três mil anos o povo de Israel repete o que chamam de *Shemá*: “Escuta, Israel! Amarás o Senhor, Teu Deus!” É uma das coisas mais emocionantes para aquele povo. Mesmo quando estavam nos campos de concentração, quando iam para os fornos de cremação, próximos da morte, os judeus ainda gritavam: “*Shemá!* Escuta, Israel, amarás o Senhor Teu Deus!” Morriam queimados, torturados, desapareciam na fumaça da história, mas com o coração carregado de Deus.

Esse é o grande princípio! E não era evidente, absolutamente não era evidente, porque Israel não vivia como nós, que temos três mil anos de fé em um Deus único. Os judeus viviam no meio de uma quantidade imensa de deuses, sobretudo, mais tarde, no Império Romano. Os romanos tinham a mania de ir recolhendo os deuses de diferentes países, amontoando-os de tal maneira, que até se construiu em Roma o que chamam de *pantheon*, isto é, todos os deuses. Ali cabiam todos os deuses: da Pérsia, da Grécia, da Macedônia. Quanto mais deuses os romanos tivessem, mais se achavam protegidos. Israel só tinha um Deus. “Escuta, Israel, amarás o Senhor Teu Deus!”

Uma segunda idéia, que é mais séria e mais profunda e parece uma contradição: como é que se pode mandar amar? Isso eu me perguntava hoje. É impossível! Um esposo não pode dizer para a esposa: ama-me! Ela não quer, e daí? Acaba tudo. Também não pode acontecer entre namorados, entre amigos. Amar não pode ser mandado, porque, se fosse, não seria mais amor. Mandar não é amor, mas dever, obrigação. Somos obrigados a votar e votamos. Não por amor. Se não cumprimos uma lei, somos penalizados, castigados, pagamos multas. Ninguém pára diante de um sinal vermelho por amor. Paramos porque senão trombamos, podemos nos matar e também aos outros. Amor não pode ser mandado. Como sair dessa?

Fiquei pensando e busquei uma comparação, pois elas nos ajudam. Imaginemos que fôssemos fazer um exame. O médico faria uma análise do nosso sangue, do nosso corpo e nos diria que o nosso organismo está precisando de cálcio, o que poderia acarretar muitas conseqüências negativas. Prescreve uma série de remédios. Mas será que, prescrevendo, ele manda alguma coisa em nós? Ele não pode mandar na minha boca. Ele não pode mandar, mas lê o corpo e diz que ele está pedindo cálcio. Não é o médico que manda, é o corpo que pede. Quando as mães advertem os seus filhos a se alimentarem bem, não estão mandando. É o corpo da criança que está pedindo o alimento.

Também no amor não há mandado, não há ordem, não há mandamento. Percebe-se o outro, na sua interioridade, descobrem-se suas necessidades, para

que ele mesmo realize aquilo que precisa. Façamos agora a comparação. Quem é que nos conhece em profundidade? Quem tem a radiografia do nosso ser, do nosso existir, daquilo que nos constitui como seres humanos? Não é nenhum laboratório americano, mas sim o laboratório do Criador. Ele nos criou, e, quando o fez, como naquela imagem linda da Capela Sistina (*), em Roma, – o homem saindo do dedo de Deus –, sabia quem éramos nós. Nossa consistência chama-se amor. Se não amarmos, não existiremos. Não é Deus quem vai nos matar, mas nós mesmos. Se não amarmos, não seremos, não existiremos.

O amor é o que há de mais profundo em cada um de nós. Deus nos constituiu, nos plasmou, nos forjou por dentro. Se cavarmos no fundo de nós mesmos, esbarraremos com esse mistério. Muitas vezes pensamos que nos amamos, quando nos protegemos na superficialidade. Pensamos que nos amamos, quando nos compramos coisas. Entramos num supermercado e nos abarrotamos de coisas. Como gostamos de coisas e tão pouco de nós mesmos! Que diferença! Quanto *coisificados* somos nós, se nos amamos apenas quando temos coisas! Só nos amamos, quando vamos ao fundo de nós mesmos! Esse é o sentido da estética, da beleza, da verdade, da justiça – as nossas grandes janelas.

As janelas dos sentidos são do primeiro andar, as janelas do animal. Mas as janelas da beleza, da verdade, do bem nos abrem horizontes infinitos e essas só nós temos, porque Deus as criou em nós. Quando Ele diz: “Amarás o Senhor Teu Deus”, quer dizer para abriremos as janelas e olharmos a beleza, olharmos para a verdade, vermos o bem, olharmos para a Transcendência. Isso é que significa amar a Deus, não apenas ficar de joelhos rezando. Todas as vezes que contemplamos a beleza, amamos a Deus. Quando nos maravilhamos com um dia bonito de sol se espalhando sobre as árvores, quando nos maravilhamos com uma tarde dourada, com uma linda manhã ou com uma linda noite estrelada, estamos amando a Deus na sua criação.

Como dizia Cassiano Ricardo (**), referindo-se às estrelas: “pipocas que saltam do prato da lua”. Quando lemos uma poesia, um livro de boa literatura e encontramos a beleza, estamos cumprindo o mandamento: “amarás o Senhor Teu Deus com todo o teu entendimento, com toda a tua vontade, com todo o teu coração, com toda a tua liberdade”. Quando hoje votamos para que não haja mais armas neste país (***), estamos amando o Senhor Deus, porque não queremos violência.

O nosso Deus está aí, presente em todas as coisas. Quando encontramos a verdade, quando encontramos alguém carregado de problemas e nos disponibilizamos a ajudá-lo; quando encontramos a ética, estamos amando o Senhor Nosso Deus.

Amar o Senhor Teu Deus é ir descobrindo-o em todas as realidades, porque são elas que nos realizam. Somos muito mais humanos quando estamos diante da beleza de uma criança, de um Haimonzinho (****), que olha para mim quando

eu entro nesta igreja. Tudo isso é a beleza da vida. Isso é amar a Deus sobre todas as coisas.

Lembro aquela ironia de um pensador francês que dizia que algumas pessoas não sabem amar aos outros e querem amar a Deus. Esse Deus não existe. Aquele Deus do qual falamos, deixando de amar as pessoas, não é o Deus do *Shemá*, não é o Deus de Jesus. E o próprio Jesus acrescentou que o segundo mandamento é igual ao primeiro: “amarás ao teu próximo como a ti mesmo!” É a mesma coisa. Não é amar ao irmão, porque é mandado. Amar é a coisa mais profunda e mais difícil também. É realizante porque é o momento em que nos abrimos. O egoísmo fecha, tranca. O egoísmo é solidão. O egoísmo chama-se inferno. Quem é egoísta já é inferno. Não precisa ir para lá, pois já é. Que coisa terrível!

Já citei tantas vezes e volto a repetir aquele fato acontecido na Índia, onde duas crianças foram encontradas totalmente animalizadas, porque nunca tinham visto um ser humano. Não riam, não tinham expressões humanas, porque só conheceram animais. E alguns, que já andam, já pensam, já existem, já foram humanizados, de repente se animalizam, a ponto de só pensarem em si. Tornam-se inferno. O contrário do que diz Sartre (*****): “os outros são inferno”. Não, o inferno é a solidão egoística. Amém. (23.10.05)

(*) referência à obra do pintor renascentista italiano Michelangelo

(**) jornalista e poeta paulista nascido em fins do século XIX

(***) referência ao referendo sobre o desarmamento, realizado nesse dia

(****) referência a uma criança, presente na celebração

(*****) Jean-Paul Sartre, filósofo francês, nascido no início do século XX

A MARATONA DOS SANTOS (Mt 5, 1-12)

Na festa de Todos os Santos, a liturgia foi buscar, no evangelho, uma espécie de cartografia dos santos. Os cartógrafos, os geógrafos gostam de estudar os mapas. Assim também a liturgia busca uma espécie de mapa para encontrar os santos. Interessante é que escolheram o sermão da montanha, porque acharam que aí cabia melhor essa multidão imensa de santos, cuja memória celebramos.

A primeira pergunta que fazemos é: quem é santo? A resposta parece óbvia, mas não é óbvio se saber quem é santo. Eu imagino que a humanidade inteira foi chamada para uma grande maratona. Imaginem essas maratonas imensas de dois, três milhões de pessoas correndo. Aí vemos aquele atleta queniano (*), que dispara na frente, até uma velhinha que vai de bengala. Mas estão todos nessa grande maratona. Todos os que estiverem seriamente na maratona da vida são santos. Uns disparam, como uma Teresa de Calcutá, e outros vão *capengando*. Todos nós somos santos, todos estamos nessa maratona, sem exceção. É bom saber que somos santos! Não é só São Judas Tadeu, Santo Inácio, Santo Antônio, não. Todos nós somos santos. Mesmo de *bengalinha*, *aleijadinho* é santo. Só não é santo quem diz que não quer participar, quem desiste da maratona.

O que é a maratona? É a opção fundamental que fazemos pela justiça, pela ética, pelos valores fundamentais – verdade, bem, beleza, fraternidade. Olhem quanto espaço na maratona! Alguém que nunca vem à igreja pode estar na maratona, porque é uma pessoa ética, que luta pela justiça. E aquele ladrão? Roubou um único dia e ficou trezentos e sessenta e quatro outros dias sem roubar – também está na maratona. É que temos o olhar muito voltado para o negativo, e é bom pensar nisso. Um esposo infiel?! Não quero dizer que seja maravilhoso! Há dias em que foi um bom esposo, um bom pai? Talvez muito mais numerosos. Temos muito mais santos do que imaginamos, mas só focalizamos os erros.

Precisamos olhar o dia-a-dia da mãe de família que cuidou de um adolescente de quatorze, quinze anos, que passou noites sem dormir. Essa mulher é santa! Uma impaciência não significa nada. Hoje é a festa de todos nós. Os que já estão no céu não precisam de festa. Nós precisamos comemorar esses santos que estão aqui. Andamos muito desanimados ultimamente! Pessimistas, pensamos que todo mundo vai receber uma carta de cobrança. Todo mundo temendo receber uma correspondência. Ligamos um computador, pensando que em cada canto há a possibilidade de um Antraz (**). Não. Para um Antraz há duzentos milhões de *não-antraz*.

Nós temos que encarar a santidade como algo possível. Afirmando isso sem hesitar, porque eu sei, na fé, que todos nós, sem exceção, fomos criados, marcados e carimbados profundamente por um Deus que é amor. A marca mais profunda que temos é o amor, todas as outras são secundárias. A primeira, a maior de todas é o amor, é ser chamado para a comunhão, para viver com os outros, para conviver. Mesmo que não vejamos, o amor lateja no coração de

tantas pessoas, até daquelas que não admitem. De vez em quando, elas põem a mão na consciência e reconhecem que é triste ser ruim. Nesse momento, elas se salvaram. No momento em que se reconhece que é triste ser ruim já é o toque da graça. E a graça toca a todos, sem exceção.

Entremos na maratona. Só peço que não saiam dela. Ficar *deitado eternamente em berço esplêndido* (***) pode não dar certo. Amém. (03.11.01)

(*) referência ao maratonista do Quênia, Paul Tergat

(**) arma química que aterrorizou os Estados Unidos após os atentados de 11 de setembro

(***) frase tirada do Hino Nacional Brasileiro

UM JEITO NOVO DE VIVER AS BEM-AVENTURANÇAS (Mt 5, 1-12)

Esse é o sermão programático de Jesus. Agora, que vamos entrar num ano eleitoral, cada partido, cada candidato apresenta à nação o seu programa, isto é, aqueles valores, objetivos e metas que quer alcançar. Jesus não foi diferente. Quando começou sua vida pública, também quis apresentar o seu programa, a sua meta e o seu objetivo. E qual a sua preocupação ao fazer isso? Essa é uma pergunta interessante.

Podemos olhar esse evangelho sob duas óticas: com os olhos de Deus e com os nossos olhos. Esse evangelho diz duas coisas bem diferentes. A humanidade sempre teve muita curiosidade em saber o que Deus pensa. Sempre queremos saber o que pensam os chefes, naturalmente, para agradá-los. Isso é muito humano. Todos nós queremos, uns mais, outros menos. O ser humano, espontaneamente, lá no início da cultura, quando deixou seu estágio de animal, percebeu, diante de todo o mundo, que não era um ser maior. Não era capaz de dar sentido a tudo, era frágil. Encontrou, então, sentido em um grande Senhor, no fundo, em um grande Deus, ou muitos deuses, conforme as religiões. A humanidade começou a criar sinais, símbolos, religiões. Primeiramente, para submeter os povos e, depois, para favorecê-la – um lado negativo e outro positivo. Assim nasceram as religiões. E os judeus fizeram a mesma coisa, achando que Deus gostava de sacrifício. Mataram uma quantidade gigantesca de animais para acalmar a Deus e conquistar as suas boas graças. Assim viveu o povo de Israel e, a seu modo, vive até hoje.

Jesus chega e diz que não era daquilo que Deus gostava. Ele era o Filho e conhecia o Pai. Mostra que Deus tinha um gosto diferente, que ninguém conhecia. Quando começa a falar das bem-aventuranças, mostra do que Deus gosta, de quem Ele gosta e de quem se aproxima, a quem acolhe, de quem quer estar bem junto. As bem-aventuranças têm este sentido: são para que as pessoas, ao se perceberem na pobreza, saibam que Deus está próximo. Quando todos nos deixarem, nos abandonarem e nos esquecerem, tenhamos a certeza de que Ele não nos esquece. Ele está sempre junto. Bem-aventurados os pobres! Quando estivermos aflitos e desiludidos, aborrecidos, tristes – até com razão, pois as angústias e as preocupações são reais – saibamos que Deus não quer que vivamos isso. Mas quando estivermos nessa situação, não devemos nos desesperar, porque Ele está ao nosso lado. Muita gente pensa que Deus se alegra com a nossa tristeza, com as nossas dores, mas, se lermos as bem-aventuranças com a sua ótica, elas se transformam. Ser perseguido não é bom, chorar não é bom, muito menos ficar atribulado. Ninguém quer ser perseguido, nem por ser cristão, como acontece em muitos países. Queremos que todos sejam respeitados, mas, se isso não acontecer, saibamos que Deus está ao nosso lado. Por essa ótica, a bem-

aventurança modifica a situação. Deus não quer que sejamos pobres, miseráveis. Quer que tenhamos uma casa, dignidade, que possamos viver bem, estar bem. Pode acontecer de não estarmos bem, mas nem assim seremos miseráveis, largados, pois Deus participa de nossa miséria, transfigurando-a.

Essa é a ótica de Deus! Que possamos encontrar o verdadeiro sentido de nossas dores, de nossos sofrimentos, de nossas aflições, redimensionando tudo isso a partir de uma nova maneira de ver a sua ação em nossas vidas. Ele fará com que cada dor, cada aflição, cada perseguição seja um motivo a mais de crescimento humano diante dele e de nós mesmos. Amém. (05.11.97)

COMO ESTAMOS USANDO O NOSSO CORPO? **(1Cor 3, 9-11.16-17/Jo 2, 13-22)**

Às vezes, precisamos manusear um pouco mais os textos bíblicos para entendê-los. Se ficarmos parados num só, talvez não consigamos captar bem.

João coloca essa expulsão dos vendilhões do Templo no início do seu Evangelho. Os sinóticos – Marcos, Mateus e Lucas – colocam no fim da vida de Jesus. A pergunta de quem não entende símbolos é: foi no começo ou no fim? Não tem a mínima importância se Jesus expulsou os vendilhões no início da vida pública ou próximo à sua morte. A importância não está no fato, mas no olhar de quem narra. Os sinóticos, quando colocam esse fato no final da vida pública, talvez uma semana antes de sua morte, querem dizer que toda a vida de Jesus foi uma luta contra o mal, contra a utilização dos corpos, das pessoas, das afetividades, das mentes, das almas. Portanto, é no final que aparece toda a caminhada de Jesus, e esse fato vai decidir a sua morte. Ele abala as estruturas sociais e políticas de seu tempo. Aí os fariseus, os saduceus, os donos do Templo, ficam horrorizados e condenam Jesus, que poucos dias depois será morto. Isso diz Mateus, Marcos e Lucas. E por que João coloca no começo?

João tem um outro olhar sobre Jesus. Ele tem um olhar que, talvez, as mulheres e mães entenderão melhor. Imaginem vocês, mães já maduras que têm um filho já crescido que está no esplendor de sua profissão. Vamos imaginar a mãe do Lula, se ainda fosse viva, vendo o seu filho presidente. Ela, que o conheceu paupérrimo, na infância. Imaginem se essa mulher, olhando o presidente de agora, fizesse uma retrospectiva de toda a sua vida e o imaginasse pequenininho, começando a andar, engatinhando, indo para a escola. Ela então faz o percurso inverso, partindo de onde o filho chegou, para rever toda a vida dele. Lembrará que ele já questionava, que já comentava política, já notava uma disputa esportiva. A mãe começa a descobrir o presidente de hoje naquele menino de sete, oito, quinze anos. É isso que faz João. Ele tem a ótica de quem já viu tudo de Jesus. Já chegou ao fim, mas não ao fim pela morte. João lê Jesus como se já estivesse no céu, iluminado pela glória do Cristo glorioso. Começa a olhar cada passo terrestre de Jesus com o olhar da transcendência, da glória, do final. Ele pergunta sobre o que Jesus veio fazer no início da sua vida e conclui que é a mesma coisa que fará no final. Aquilo que Ele fará, fisicamente, no final, já faz, espiritualmente, a cada dia. Ele veio expulsar os vendilhões do Templo. Essa é a lição de Jesus!

Agora vem a pergunta: quem são os vendilhões do Templo? Nós, os padres? Certamente, alguns de nós. Cada um de nós deve *colocar a carapuça* em si mesmo. Mas, qual o templo que vendemos? O primeiro templo é o nosso corpo, que é vendido quando o entregamos à futilidade. O corpo é a mão, é o pé, é o braço. E quantos passos nós damos que são *despassos*? Quantos olhares nós

damos que são *desolhares*? Olhares de raiva, de vingança! Isso é corpo! Quantas coisas ouvimos que não deveríamos ter ouvido? Quantas coisas saboreamos que não deveríamos saborear? Como nossa imaginação vê o corpo? Quantas coisas imaginamos, desejamos, sonhamos, buscamos, que não são o templo de que fala Paulo? Aí somos mentirosos, porque comercializamos o nosso corpo. Quanto comércio fazemos! Não só esse trabalho escravo que existe tanto, principalmente no interior do Brasil. Esses são os vendilhões dos vendilhões, que estão comprando os corpos e, muitas vezes, nem pagando. Todas essas pessoas que fazem tráfico de mulheres, de crianças, de jovens são muito piores do que aqueles lá de Jerusalém, que vendiam um cabritinho. Os vendilhões de hoje estão aí. Encontram jovens bonitos, sadios e passam para eles o veneno da morte. Vocês conseguem ver vendilhões piores do que esses que estão nas portas das escolas, esperando os adolescentes saírem das salas de aula? Estão eles ali, vendendo seus papelotes de droga. Esses são os vendilhões de hoje. É contra eles que Jesus levanta o chicote, não físico, mas o chicote moral, no esforço de criar uma sociedade que não permita que esses vendilhões imperem. Nós podemos identificá-los por todos os lados. Cabe a cada um de nós fazermos-nos maiores que eles. Amém. (09.11.03)

O EVANGELHO DA NOSSA VERGONHA

(Mt 25, 31-46)

Esse evangelho foi a maior revolução na história de todas as religiões que organizavam os ritos, os sacrifícios para oferecerem a Deus. Era a relação: ser humano e Deus, sem mais. Também os judeus iam ao Templo, sacrificavam animais e ponto final. Vem Jesus e faz a revolução mais radical da história das religiões, abrindo uma porta gigantesca. Vou citar alguns exemplos que me tocam muito. Em Belo Horizonte, havia um médico – Marques Lisboa – que se dizia ateu. Portanto, a porta da salvação estaria fechada para ele. Esse homem subia os morros de Belo Horizonte para buscar os tuberculosos. Carregava-os nos ombros e levava-os aos hospitais para serem cuidados. Certamente, quando morreu, o Senhor lhe terá dito: “Marques Lisboa, quantas vezes me carregaste nos ombros?! Entra na casa do teu Pai!” Assim também Gandhi, Martin Luther King, Teresa de Calcutá e tantos outros anônimos. Talvez nem tiveram tempo de rezar, mas tiveram os braços abertos para acolher todos os sofridos, todos os desprezados.

Em Belo Horizonte, há o famoso Tio Maurício, que anda pela cidade, recolhendo meninos de rua, deixando sua esposa desesperada, talvez cuidando mais dos meninos de rua do que dos carinhos da esposa. Ele vê em cada uma dessas crianças o próprio Cristo. São crianças que usam drogas, que podem atacá-lo e o ameaçar. Não são anjinhos não! São meninos terríveis, perigosos, que assaltam ônibus. Apesar disso, o Tio Maurício continua, e descobrir que dentro deles há o mistério infinito de Deus supõe muito olhar, muita fé, muito evangelho.

O que mais me espanta é que Jesus disse isso há dois mil anos. E na *santa Alemanha*, que deu origem a tantos santos, um neto de iraniano, depois de duas gerações, não é considerado cidadão, porque não tem uma gota de sangue alemão. É o sangue que decide. Haja racismo! Na França, tantos argelinos e marroquinos, que foram explorados durante séculos, vivem agora nas periferias de Paris e são vistos como marginais. Saem às ruas, queimam carros em quantidade. São revoltados, porque são discriminados por não terem o sangue e o sotaque francês, a cor francesa. Como se os cromossomos e a pigmentação da pele fizessem a grandeza de alguém. Dois mil anos de cristianismo não chegaram à filha primogênita da Igreja – esse é o título da França –, como também não chegou à Inglaterra.

Também no Brasil. Aqui próximo, em Mariana, podemos ver, na praça principal, duas argolas, em que se atavam as mãos dos escravos para serem flagelados, enquanto os donos e senhores enchiam as igrejas de ouro e davam presentes maravilhosos para os padres. Será que o Senhor lhes dirá: “Eu estava amarrado no pelourinho de Mariana, enquanto vocês enchiam as igrejas de

ouro”? Não vai dizer que eles encheram as igrejas de ouro.

Um ministro francês, de origem africana, tem um secretário branco que, constantemente, é confundido com o ministro. As pessoas cumprimentam o secretário e deixam o ministro de lado, porque não admitem um ministro de pele escura.

Em dois mil anos desse evangelho não aprendemos que nada disso vale. Os pigmentos da pele não fazem a grandeza de ninguém. O que faz a grandeza da pessoa é a imagem de Deus plantada no seu interior. É isso que Jesus vem revelar. Como tinha uma sensibilidade maior, porque era o Filho e percebia quem era o Pai, via aqueles homens e mulheres jogados na rua e sabia que o seu Pai sofria. Doía-lhe o coração, porque a imagem do Pai era conspurcada, como acontece até hoje.

Outro dia, um bêbado sujo, malcheiroso entrou nesta igreja. Eu fixei-lhe o olhar e só pensei em Jesus entrando por aqui. Não me pensei com essa roupa branca como representante de Jesus. Para mim, ele representava muito mais a Jesus do que todo o meu sacerdócio. Foi Jesus que disse isso. Não sou eu que estou inventando. Vocês ouviram no evangelho: “Eu tive sede e me destes de beber!”

É hora de nos perguntar: por que o país mais católico do mundo é também o de maior injustiça social? Dói-me demais esse evangelho. É o evangelho da nossa vergonha. Amém. (20.11.05)

A PRESENÇA DE DEUS NOS TRAZ GERMES DE RESSURREIÇÃO (Mc 13, 33-37)

A liturgia escolhe para este período – primeira parte do Advento – textos que foram escritos numa perspectiva muito diferente da nossa.

Naquela época – uns dois séculos antes de Jesus –, na época em que Ele viveu e no século seguinte, o mundo vivia a expectativa de que aconteceria uma coisa importante: o término, o fim do mundo e da história. Isso acontece de tempos em tempos na história da cultura, sobretudo no mundo judaico. Era um povo que tinha sofrido muito. Tinham sido presos, levados ao cativeiro; depois veio a dominação grega e, em seguida, a romana. É como se nós, brasileiros, vivêssemos um, dois séculos sob o domínio de poderes estrangeiros. É terrível! Talvez nunca tenhamos tido esta experiência: de sair na rua e encontrar um soldado alemão, um soldado francês nos vigiando. Era isso que o povo de Israel vivia. Saiam à rua e encontravam soldados que falavam latim. Eles não entendiam nada, pois falavam hebraico ou aramaico, e os romanos falavam latim, talvez alguns falassem grego. O próprio governador, Pôncio Pilatos, não deveria falar hebraico, não sabia a língua do povo. Mandava, dava ordens, sem conhecer a língua do lugar. Era esse o ambiente em que viviam. Era como se o mundo fosse acabar, e tudo seria destruído.

Jesus chega nesse momento, e duas coisas se somam e se misturam. Por isso é difícil lermos esses evangelhos. Primeiramente, Jesus trouxe uma novidade radical, trouxe um fim de mundo. Só que não foi esse fim de mundo que todos imaginavam. Veio dizer que tudo aquilo que acontecera na humanidade há um milhão e quinhentos mil anos, que toda a história, todos esses quinze bilhões de anos de criação, todo esse processo evolutivo eram nada mais do que preparação para a sua chegada. Já no ato do *big-bang* estava inscrito o momento da encarnação de Jesus. A matéria que vai-se modificando, segundo as leis da Física Quântica que hoje conhecemos um pouco melhor, todo esse gigantesco processo que vai chegando lentamente, aproximando-se da vida sensitiva, da vida humana, são uma preparação para o grande momento em que Cristo, o Verbo de Deus encarnado, assume esse processo inteiro na sua pessoa. Toda essa natureza entra para a própria vida de Deus. Tudo foi criado em função de Cristo, em função de sua morte, de sua ressurreição.

Jesus tinha consciência disso, pois, quando chega, anuncia esse fim. Mas as pessoas esperavam outra espécie de fim, o que criou grandes confusões nas cabeças. Quando os evangelistas escrevem, muitas vezes estão pensando que o fim do mundo está chegando. Que daí a pouco abririam as janelas e encontrariam o Cristo glorioso terminando a história com chuva de fogo e estrelas, sol, lua caindo sobre a Terra. Eles esperavam isso, e Jesus chega dizendo que chegou o fim, mas referindo-se a outra coisa – daí a confusão. Jesus falava de outro fim, e

eles entendiam diferente.

É o que vai acontecer neste final de ano. Preparem-se! Os *fantásticos* da vida, na Globo, na Bandeirantes, vão mostrar *picaretas* em quantidades. Estejam preparados, porque a *picaretagem* vai ser geral. Todos anunciarão que vai acabar o mundo, e quem estiver com a cabeça *cheia de minhocas*, pensará que vai acabar mesmo. Esse fim do mundo já passou, porque Jesus já veio, já morreu, já ressuscitou. Esse é o verdadeiro fim, e esse todos iremos viver em plenitude.

É isso que o Advento quer dizer. Não precisamos ter medo! O vigiai é cotidiano, é amanhã, é o próximo ano. Não acontecerá nenhuma catástrofe, a não ser que algum doido – isso sim, é possível – aperte os botões onde estão as ogivas nucleares, e então morreremos todos. Os únicos que podem fazer isso são os Estados Unidos e aquele pedaço de país da antiga União Soviética, a Geórgia. De lá, podem matar a todos nós. Um russo louco, lá na Geórgia, pode matar-nos todos, mas não porque Deus quer.

O fim que Deus quer para nós é a glória, é a vida para além da morte. O advento é, primeiramente, um pensar neste grande mundo. O nascimento de Jesus é um anúncio de que começa uma nova era, não uma nova era da *new age*. É uma nova era de um novo modo de existir, de quem nunca mais morrerá, de quem ressuscitará. É disso que participamos. Agora já vivemos uma vida que ninguém nem nada pode destruir. Os médicos irão assistir às mortes biológicas, cerebrais, cardíacas, mas nunca a morte total, porque essa não existirá. Todos temos, dentro de nós, germes de ressurreição. A nossa vigilância não é medo, não é temor, não é pavor. Devemos temer os homens, porque há muito louco por aí fora. Mas ter medo de Deus, nunca! porque Ele quer que vivamos.

Vigiai, isto é, estai atentos, porque a realidade da presença de Deus fala em qualquer pequeno acontecimento. Amém. (27.11.99)

A DIFERENÇA ESTÁ NO MODO DE OLHAR ***(Lc 21, 25-28.34-36)***

Esses evangelhos sempre nos causam problemas, porque estamos habituados a pensar linearmente, isto é, a nossa imaginação é tremendamente espacial. Até na linguagem popular, nas nossas conversas, usamos metáforas espaciais para realidades que não o são. Falamos para um amigo que ele anda distante de nós, mesmo que esteja ao nosso lado. Queremos falar de uma distância afetiva, mas colocamos espaço. Já a maneira de os povos antigos falarem das realidades é colocando-as numa linha de tempo. O fim do mundo é colocado também nessa linha. Viriam os anos, milhares de anos, e, lá no final, chegaria o fim do mundo, no final de uma linha, como um trem que chegasse à última estação.

Jesus não fala disso. Não fala de um prolongar-se da história até um certo momento, quando viria o fim do mundo. Pode ser amanhã, depois de amanhã. Não é nada disso! O fim do mundo aconteceu para os que viviam em Nova York, onde estavam as torres (*). Elas caíram e os mataram. Nós não estávamos lá e, por isso, estamos aqui vivos. A fala de Jesus é qualitativa, é de outra natureza. Ele nos pede um outro olhar para a realidade, que está aí, igualmente, para todos. Mas os olhares não são iguais, isso é o que ainda não percebemos claramente. Chove para todos, vem a doença para todos, todos morrem, todos têm alegrias e tristezas – todos, sem exceção. Ainda agora houve a maior falência da história dos Estados Unidos: uma firma que tinha mais de um bilhão em capital faliu. Uma falência gigantesca que nem somos capazes de imaginar. Quem trabalhava nessa empresa estava numa *torre* maravilhosa que desabou. Para eles, chegou o fim do mundo, chegou o Senhor. É o advento! Temos que compreender que o Senhor quer é que tenhamos olhos atentos para ver.

Quantas vezes ouvi pessoas dizerem que não mereciam uma doença, um desastre?! Não se trata de merecer ou não, mas de saber olhar, porque os acidentes, as doenças estão aí. O que o Senhor diz é que precisamos aprender a olhar. Sabem o que aconteceu com Noé? Ele estava fazendo a barca e todos comendo, dançando, enquanto nuvens negras cobriam o céu. Ele fechou a arca, colocou dentro a família, todas as famílias dos animais, e as pessoas continuaram na maior festa. Ninguém se deu conta de nada, até que veio o dilúvio, e todos morreram.

Jesus não fala de fatos históricos, mas ensina como devemos olhar. Se estivéssemos lá, se tivesse acontecido daquela maneira... O único que viu foi Noé, os outros estavam cegos diante do mesmo fato, dos mesmos acontecimentos. Noé viu, e os outros não viram. Não se trata, portanto, de um acontecimento real, objetivo, mas da forma de se olhar.

O Evangelho traz uma visão interessantíssima nesse sentido. Certa vez, Jesus fez um milagre. O povo aclamou a maravilha: “Deus nos visitou!” Virou

o fariseu e disse que Ele fazia milagre em nome de Belzebu. Para o mesmo fato, um diz que era Deus, outro que era o demônio. O mesmíssimo milagre de Jesus, para o fariseu, era obra de Belzebu, para outros, foi a visita de Deus.

Aprendam: o que nós, cristãos, devemos fazer é saber olhar as realidades. Seríamos muito mais felizes se soubéssemos ver mensagens e palavras nas dores, nas alegrias e nos sofrimentos também. Em quaisquer acontecimentos, deveríamos olhar e perguntar: “o que o Senhor me fala nesse acontecimento?” Essa é a pergunta que devemos fazer. É isso que Jesus quer falar, não de fim de mundo, de cair estrelas. Nada disso! Se Ele estivesse pregando para os americanos, teria-lhes perguntado o que significou para eles a queda das torres, o que esse fato lhes dizia, o que Deus queria lhes falar através dele. Mas, ao contrário, eles querem guerra, querem vingança, porque não entendem nada da presença do Senhor. Ele passou e não o viram. Para que acumular tanta coisa? Para que construir uma coisa tão grandiosa que dois aviões destroem em segundos? Para que acumular tantos bens? Como diz esta passagem do Evangelho: o fazendeiro vendo uma colheita imensa, manda construir um paiol gigantesco e enche tudo. Deus lhe diz: “Eu quero a tua alma ainda esta noite!” O fazendeiro não aprendera nada, pois pensava que, acumulando, seria mais. Se tivesse um olhar de participação, um olhar bonito, pensaria em como distribuir a riqueza com que Deus o tinha cumulado, e tudo seria diferente! A mesma colheita, para um, é ganância, para outro, é participação. O que importa não é a colheita, mas o olhar.

Tenho insistido muito em minhas pregações que nós somos cristãos pelo olhar. Em qualquer acontecimento, podemos ler uma mensagem. Não é que Deus queira aquele acontecimento. Não é isso! Deus não quer a morte de ninguém, não quer acidente de ninguém, não quer que nenhuma torre caia. Ele não quer isso! Mas, caindo a torre, perguntemos: “E agora, o que eu penso disso?” É isso que o Evangelho quer nos mostrar. Que tenhamos olhos para não deixar passar um acontecimento sequer. Vem um ano político, um ano eleitoral. Uma boa hora de nos perguntar: “O que o Senhor quer de nós?” O que quer dizer, para nós, uma eleição? Não como político ou membro de um partido. Também isso, mas mais como cristão. O que isso exige de mim?

Essas são as perguntas do cristão sobre qualquer coisa, sejam sucessos ou fracassos. Devemos ver Deus no sucesso e no fracasso. Não que Ele queira o fracasso, mas também posso vê-lo lá. Talvez me animando, para que eu me reerga, para que não soçobre. Num fracasso matrimonial, numa separação dolorosa, num pai que não é como a gente quer, o que eu vejo? Deus quer o meu mal? Claro que não! Deus quer o melhor para todos nós, mas, se não vem o melhor, busquemos enxergar o que Ele nos ensina naquele fato. É o primeiro passo para aprendermos a ser cristãos. Amém. (01.12.01)

(*) referência ao atentado de 11.09.01, contra os Estados Unidos.

DEUS SE FAZ PRESENTE NA DINÂMICA DE NOSSA HISTÓRIA (Lc 21, 25-28.34-36)

A lei básica de qualquer texto, de qualquer aula de literatura é que nós temos de entendê-lo no seu contexto. Se eu tomo uma poesia de Castro Alves, não posso pensar que estou lendo a poesia de um alemão da época do Nazismo, mas de um poeta brasileiro, que luta contra a escravatura. Aí eu entendo que é um poema forte a favor da abolição. Se tomar um texto de Guimarães Rosa, não vou pensar que foi um inglês que escreveu em Oxford. Saberei que é um mineiro do interior, que descreve o *habitat* do nosso povo. Essa é uma lei básica.

Estamos diante de um texto que foi escrito em um estilo chamado apocalíptico. Primeira coisa: não é descrição. Descrição é o que fazem esses romancistas, como José de Alencar. O escritor bíblico não descreve nada. Portanto, não imaginem nem céu, nem estrela, nem sol, nem lua caindo, porque ele não está descrevendo. Se fosse descrição, deveríamos temer, mas, como não é, podemos sair tranqüilos da igreja. Pode até vir a cair um meteorito, mas será em virtude da lei da gravidade. Poderá também cair esta estação MIR, que os russos irão destruir, mas, se isso acontecesse, seria um acidente, não teria nada a ver com a pregação de Jesus.

O gênero apocalíptico é esse que usamos comumente nas nossas conversas. “Gente, a violência em Belo Horizonte está terrível. Há um assalto em cada esquina!” É claro que é exagero, pois, se houver um assalto em cada esquina, nunca mais poderemos sair de casa. Há violência em Belo Horizonte, mas, dizer “em cada esquina”, já é exagero. “Em Vespasiano, *rola* a droga!” Andamos na rua e não vemos nenhuma droga rolando. Quer dizer, usamos uma linguagem para relatar um fato real e vestimos esse fato. O fato real de que o Evangelho quer falar é que a nossa história é uma luta, é uma dificuldade.

A nossa história é contraditória. Há momentos de vitória, há momentos de derrota. Há momentos de alegria, outros de tristeza. Momentos de festa, momentos de luto. Momentos em que estamos bem, animados, corajosos, e outros, quando estamos deprimidos. Momentos de fracasso, outros de superação. O indivíduo, a comunidade, a sociedade, todos nós vivemos isso. Houve a Revolução Francesa, a Revolução Russa, a queda do Comunismo, chamada Revolução de Veludo, porque não se deu nenhum tiro. Tudo isso se passa na história, e é disso que fala o Evangelho. Fala dessa trama da história, dessa contradição, dessa luta humana. É humana, é histórica. Portanto, está acontecendo sob os nossos olhos. Mas ele quer dizer para nós, cristãos, que, apesar disso, o Senhor virá glorioso. Ele está aqui presente, ao nosso lado. É a nossa força, a nossa esperança. No fundo, quer dizer que o cristão nunca pode estar abatido. Nunca um cristão é realmente derrotado. Podemos perder algumas batalhas, e batalhas dolorosas, que nos farão sofrer, mas já ganhamos a guerra final. Se olharmos um pouco mais para longe,

veremos que a guerra está vencida, porque Cristo morreu e ressuscitou.

Quando dizemos que Cristo desce do céu, não queremos dizer que desce das nuvens. Ele já está aqui entre nós. São maneiras de configurar uma presença real do Senhor na história, configurar essa luta que envolve toda a nossa história. Portanto, sem tragédia, sem drama. Não escutemos esses profetas de maus agouros, que estão anunciando final de mundo para amanhã. Nada disso. Não corram atrás de milagreiros que anunciam qualquer coisa. Não gastem tempo à toa. O Senhor está aqui ao nosso lado. É entre nós que o fim do mundo está acontecendo a cada dia, porque a cada dia a história é jogada no nosso meio, e nós estamos comprometidos com ela. Se estivermos comprometidos, estamos ganhando a guerra. Se não estivermos, estamos do lado oposto da vitória. Amém.
(02.12.00)

O AMOR DE DEUS ANTECIPA A VIDA DE MARIA (Lc 1, 26-38)

Hoje é uma grande festa da Virgem Maria. Muitos cristãos confundem, mas são duas festas: Imaculada Conceição, que é hoje, e a concepção virginal de Jesus. Não é a mesma coisa, aliás, é bem diferente. Imaculada Conceição é a festa de hoje. É o início da vida de Maria no seio de sua mãe. Portanto, é quando ela foi concebida. Não é a concepção de Jesus. Ela foi concebida por Joaquim e Ana. Concepção normal, pelas vias naturais, como qualquer criança. Esperávamos que ela seguisse como qualquer menina. Mas Deus, que conhece os projetos da história, e tem presente, passado e futuro diante de seus olhos, sabia que um dia aquela menina, que estava sendo concebida, iria conceber o Filho de Deus. Olhem bem: mais tarde, cerca de quinze anos depois, ela iria conceber, já no seu próprio seio, o Filho de Deus. Iria entrar na história da salvação, participando de um momento importantíssimo.

Maria é o cruzamento de duas grandes linhas: a linha do projeto de Deus e a resposta da humanidade. Ela está no centro da história. Por isso, Deus antecipou nela as suas graças. Antes que ela respondesse, já estava sendo amada maravilhosamente, abundantemente por Deus. Estava inundada de graça, de tal maneira que não conheceu a mínima mancha, nenhum pecado, nem na concepção, nem depois. Vai ser a Imaculada Conceição da Virgem Maria. Inicia sua vida na graça.

Nós, não. Entramos para uma humanidade pecadora, herdamos o pecado. Entramos no mundo sendo incapazes de comunicar a graça aos outros. Os nossos pais também foram incapazes de nos comunicar a graça. Foi na pia batismal que nascemos para a graça. Maria não precisou de batismo, porque já nasceu na graça. É a única pessoa da história da humanidade que conheceu essa condição. Jesus é diferente, é o Filho de Deus. Mas humana, estritamente humana, Maria é a única pessoa que não precisou passar pelas águas do batismo para ser cheia de graça. Foi cheia de graça pelo ato de entrar na história humana, porque Deus antecipou-se no amor – isso é que é importante.

As mães na Terra amam seus filhos antes que nasçam. Antecipam-lhes o amor. Com o filho já concebido – e hoje, pelos exames, já se pode saber se é menino ou menina e qual o tempo da gestação – a mãe ama a criança antes que ela tenha consciência, antes que ela nasça, antes que ela responda. O amor da mãe invade a criança. Se isso é possível aqui na Terra, entre nós, seres humanos – frágeis, pequenos, pecadores – muito mais na própria família de Deus. O amor de Deus antecipa a existência de Maria, amando-a. E quando Deus ama é diferente de nós. O amor da mãe é forte, é importante, configura o inconsciente da criança, mas não configura o caminho de graça do filho. Essa é a diferença! A mãe pode ser santíssima, pode rezar pelo filho e, mesmo assim, ele pode tornar-

se um estróina, porque ela não consegue configurar a vida de graça dos filhos. Pode marcar seu inconsciente, sua afetividade, seu crescimento. Tudo isso ela pode, mas não pode estruturar a graça no coração do filho. É o limite humano. Se as mães pudessem, seria uma coisa linda. Se elas pudessem fazer os filhos serem filhos de graça, não teríamos tantos criminosos, tantos assassinos, tantos jovens perdidos neste mundo, porque as mães são maravilhosas. Mas elas não conseguem. Fazem muito, mas disso são incapazes. É a tristeza da mãe diante de um filho. Ela não é capaz de convencê-lo a viver na graça, a participar da eucaristia.

Deus é diferente. Quando Ele olhou para Maria, amou-a, e quando Deus ama, configura, estrutura, faz a pessoa por dentro ser graça. Essa é a diferença do amor de Deus. Deus faz o nosso SER ser e inunda esse ser de graça. Quando olhou para aquele *serzinho*, que começava uma minúscula vida no seio de Sant'Ana, Ele diz: "Aí está o meu templo de alegria, o templo do Espírito, a mãe do Verbo Eterno. Aí está aquela que vai entrar na própria vida íntima da Trindade!" Deus vai inundar o coração dessa menina. Será igualzinha às outras no exterior, e conservará, no seu silêncio, na sua vida de menina normal, aquela riqueza gigantesca do amor de Deus. Só ela sabia. Nem José tinha idéia da grandeza daquela mulher. Aproximava-se e podia ter uma idéia vaga. Só seu Filho, só Jesus sabia quem era ela. Andava pelas ruas de Nazaré como qualquer mulher. Buscava água na fonte, assava pães nas pedras quentes, e todos pensavam que era apenas Maria de José e nada mais.

Não, nazarenos, errais! Não é apenas a mulher de José. Ali estava a mãe do nosso Senhor. Por isso, ela nasce, começa a sua vida na graça. Por isso, ela é Imaculada Conceição! Amém. (08.12.99)

UM GESTO PELA PAZ (Is 12, 2-6/Lc 3, 10-18)

O tempo do advento é marcado por três grandes luas: Isaías, no Antigo Testamento; João Batista, no início do advento; e depois a doce figura de Maria, quando nos aproximamos do Natal. Três momentos culturais, três expressões religiosas bem diferentes, três visões bem diferentes de Deus.

Em Isaías, ouvimos essa pequena utopia. Pequena, em tamanho, grandiosa, em visão de futuro. Utopias são sonhos que todas as pessoas de espírito grande têm. Só os grandes têm sonhos grandes! Como diria Leonardo Boff, são as águias que voam alto. As galinhas têm sonhos pequenos, sonham com minhocas, porque as comem o dia todo. As águias sonham com o sol, porque voam em direção a ele. Sonham com o céu azul, porque voam alto. Sonham com as montanhas escarpadas, porque são capazes de pousar nos mais altos montes. Isaías é águia e não minhoca. Ele imaginou um mundo em que houvesse a pacificação dos animais. Isso é simbólico. Os animais podem continuar sendo animais e continuar brigando entre si. Isso não muda o símbolo.

Quando ele diz que o leão vai estar ao lado do cordeirinho, não está falando do leão da floresta, mas dos leões que andam soltos por aí. Agora mesmo, um grande artista mundial, o Pelé lá da Oceania, foi assassinado violentamente. Esses são os leões de que fala Isaías: leões da brutalidade, da guerra, da maldade. Ele sonha que esses deixariam de ser leões para ficar ao lado dos cordeiros, das pessoas que querem a paz e o bem, que querem construir uma sociedade pacífica. É disso que fala Isaías, quando diz que a criança vai colocar a mão na toca da serpente venenosa. Evidentemente não fala de crianças brincando com serpentes. Crianças somos nós! Todos somos chamados a ser crianças, para brincarmos com serpentes que são mais que serpentes. Serpentes se aproximam da traição, é o animal que pica e, às vezes, mortalmente. É o símbolo da maldade, de uma maldade escondida. Isaías sonha que essa maldade vai desaparecer, que os homens não vão mais tramar guerras, não vão fazer porta-aviões com mísseis inteligentes, não vão soltar aviões automaticamente pilotados para jogar bombas gigantescas sobre povos miseráveis. Esses são os sonhos de Isaías. Olhem para a realidade e comparem Isaías com a guerra do Afeganistão, com a guerra no Oriente Médio, e vocês verão como estamos distantes dessa utopia sonhada por um autor que escreveu há vários séculos antes de Cristo. E nós, já depois do ano dois mil, vamos vendo as serpentes armando seus botes, leões cada vez mais ferozes, que não brincam com os cordeiros. Esse foi Isaías!

João Batista já pintou outro mundo. É o fim do Antigo Testamento. Tinha uma visão, uma experiência de Deus um pouco dura, um pouco pesada. Era um homem sofrido, que foi para o deserto e conheceu a rudeza da vida. Um homem que não conhecia a ternura de Deus. Conhecia um Deus exigente, que coloca o machado ao lado de uma árvore para derrubá-la, um Deus que pega uma peneira para joeirar o grão e queimar a palha. É esse Deus que ele conheceu e foi esse

que anunciou.

Maria e Jesus vão dizer que esse Deus era importante para quem ainda vivia no Antigo Testamento. E muitos cristãos ainda estão no Antigo Testamento e precisam estar, porque ainda são duros de coração. Só um Deus duro pode falar-lhes. Jesus, como Maria, quer outra visão de Deus. Eles supõem que já passamos pela água do batismo e que já renascemos. Somos novos, somos ternos, somos humanos e queremos um Deus ternura, um Deus bondade, um Deus misericórdia, um Deus da paz.

A escritura nos coloca diante de tantas imagens de Deus e então nos perguntamos: de que imagem necessitamos? O papa, numa de suas últimas audiências, olhou para o mundo, e seu coração se quebrou pelo atentado aos Estados Unidos, onde morreram milhares de pessoas, e pelas milhares e milhares que ainda estão morrendo no Afeganistão. Ele faz um pedido a todos nós, católicos, e também aos cristãos, e ainda aos homens e mulheres de boa vontade: que no dia quatorze de dezembro, o mundo inteiro pare um pouco e faça dois gestos. Primeiro coloque a mão na consciência e se pergunte: o que fazemos pela paz e para a paz? O papa está sonhando e desejando ardentemente a paz diante de toda a guerra, de toda a violência: a guerra convencional do Afeganistão, de Israel, as guerras da violência das nossas cidades, a guerra da fome, da miséria, da ignorância. Ele quer a paz e pede que cada católico se pergunte seriamente: o que faço pela paz, para que não haja violência, para que não haja criança jogada na sarjeta? Para mostrar que o nosso coração é pequeno diante de Deus, pede nossa conversão interna, de maneira que doemos um pouco o nosso corpo, porque somos unidade. Pede que todos nós, no próximo dia quatorze, façamos um jejum, para que nesse sinal possamos dizer a Deus que nosso corpo e nosso espírito querem a paz. E que esse desejo de paz seja marcado na fisicidade do nosso corpo. O papa pede um jejum bonito, não um jejum formal, farisaico. Não é apenas deixar de comer, mas colocar o nosso corpo numa trajetória de paz. Assim construiremos a paz e, convertidos, poderemos criar e fazer uma paz maior. Amém. (09.12.01)

O VALOR DAS PEQUENAS ALEGRIAS *(Lc 3, 1-19)*

Esse João Batista, forte e corajoso que aparece na leitura, é uma pequena demonstração do que ele quer de todos nós. Somos chamados a responder esta pergunta que constrói ou destrói: o que devemos fazer?

Parece que, quando nascemos, é colocada sobre nós uma espécie de destino. A história está diante de nós, e essa pergunta sempre virá à nossa cabeça. Hoje mesmo, lá no Caieiras (*), as criancinhas estavam recebendo o seu primeiro diploma do maternal. O menino sai com seu canudinho e já pergunta: o que devo fazer com este diplominha? As professoras respondem: “ganhar o próximo e o seguinte”. Chegarão à quarta série, depois à oitava. E essas perguntas sempre faremos. Mesmo depois que os cabelos ficarem brancos, continuaremos perguntando. Pergunta que só se calará, quando cair sobre a nossa tumba o silêncio da morte. Aí não haverá mais pergunta, porque seremos eterna expansão. Sobretudo, quando alguém atinge os quinze anos, como esta juvenzinha, ela se pergunta: o que devo fazer? Essa pergunta talvez inquiete muitos brasileiros.

Estava lendo um livro, em que se comentava porque o grande Império Romano desabou. O autor tentava mostrar que, infelizmente, as causas que levaram um dos maiores impérios da história a cair estão novamente se colocando entre nós. Não seriam mais problema do Império Romano ou do Império Coreano. A nossa memória é muito curta, mas, no ano passado, esse famoso FMI (***) fazia os maiores elogios à Coréia: um país de uma capacidade empresarial maravilhosa, uma enorme capacidade de gerenciar os seus problemas, a sua economia. Hoje, esse país desaba – o grande *high-tech*. Mas parece que a crise é muito maior, é de toda a civilização. Uma das causas que o autor coloca aparece hoje na liturgia como resposta e não como causa. E isso me alertou muito.

Ele diz que o Império Romano começou a decair, quando as pessoas começaram a perder o interesse pelos lazeres pequenos, locais e comunitários. A grande mídia daquela época passou a monopolizar os esportes, para que as pessoas não mais pudessem alegrar-se com as pequenas alegrias. A vida perde a beleza, perde o encanto, a singularidade dos encontros. Interessamo-nos só pela Copa que acontecerá na França. Quem jogará serão somente onze jogadores, e nós ficaremos *patetamente* vendo. Reparem que não participamos. O esporte está ocupando o espaço televisivo, enquanto as pessoas barrigudas ficam apenas vendo os outros jogarem. Quem emagrece são os jogadores. Quem fica na frente da televisão só ganha algum colesterol a mais, porque ainda come batatinha com cerveja. Então, o esporte, que é lugar da alegria, da festa, para as pessoas que se reúnem, não apenas nos clubes, simplesmente desaparece. A gente não pára para pensar nisso, mas é uma decadência gigantesca. Se esse esporte fosse vivido por todos nos pequenos clubes de várzea, de escola, aí sim, criar-se-ia uma

solidariedade. Mas tudo isso desaparece na centralização de uma CBF (**). A juventude está perdendo a alegria das pequenas festas.

Hoje eu só queria falar deste assunto: as festas pequenas. Não as festas dos *funis* (***) da vida. Mas dos pequenos bairros, pois é isso que tece a sociedade. Se isso desaparecer, o que ficará é a tristeza e o tédio. As pessoas perdem o encanto da vida, que é bela quando vivida nos pequenos prazeres cotidianos, e não nas grandes coisas. Essas são para uma, duas vezes ao ano. Quando esquecemos esse cotidiano e só pensamos nas macro-estruturas, caminhamos para um grande e gigantesco cemitério da cultura e da civilização.

Vespasiano ainda tem chance. Não é uma cidade de dez, doze milhões de habitantes, como São Paulo e Rio de Janeiro, onde acontecem o consumo da droga, o crime, a violência, os assassinatos, os individualismos. Vocês, da geração jovem, podem ainda construir as pequenas solidariedades, os pequenos encontros de alegria e de prazer. Prazer de estar junto, de sentir a presença do outro. Não precisam beber não. Apenas estar com o outro. Jovens que se encontram, olham-se, riem. Essas pequenas alegrias constroem a nossa estrutura interna. Quando tudo isso desaparece, somos maculados *xuxamente* pelas grandes televisões, levados *gugumente*, conduzidos *faustonicamente*. Esses nos conduzem e nos arrancam a beleza e a pureza das alegrias pequenas.

João Batista é muito severo. Se fosse responder aos jovens de hoje sobre o que devem fazer, ele diria que devem encontrar as pequenas alegrias, festejar cada encontro, sem precisar de qualquer outra coisa, a não ser a nossa própria presença. Cada um é para o outro o presente do seu corpo, do seu olhar. Deus nos deu cinco janelas belíssimas para sentirmos a presença do outro: os olhos, os ouvidos, o olfato, o tato, o gosto. Tudo isso serve para percebermos que a alegria está nas pessoas que estão ao nosso lado. Esses prazeres, essas alegrias, valem muito mais do que as grandes manifestações globais que giram por aí, pensando que fazem a alegria do mundo. Pelo contrário, elas fazem o tédio, cheio de colesterol, fazendo as pessoas passarem o domingo mais entediadas, mais tristes, mais aborrecidas, para recomeçarem a cada semana. Amém. (14.12.97),

(*) referência a um bairro de Vespasiano

(**) Fundo Monetário Internacional

(***) Confederação Brasileira de Futebol

(****) referência ao Clube Funil, de Vespasiano

A SALVAÇÃO ESTÁ PRÓXIMA

(Lc 21, 25-28.34-36)

Há vários domingos estamos lendo esse tipo de passagem da Sagrada Escritura, que tem um gênero literário próprio. Vou me deter um pouquinho nesta expressão: gênero literário.

Quando vocês assistem a uma novela, sabem que é uma novela, mesmo que se enganem ao pensar que determinado artista está casado com aquela outra na vida real. Quando termina a novela, termina também aquele momento de ficção, de imaginação, que não é o cotidiano daqueles artistas. Quando assistem a um jogo de futebol, sabem que o narrador está dizendo mais ou menos o que está acontecendo no campo. Mas se ele prefere um dos times, exagerará muito mais as jogadas desse time. Quando ouvem um noticiário, sabem que é notícia, mesmo *maquiadas*, modificadas pelos interesses. Quando um pescador conta uma história em que ele teria pescado um peixe de três metros, podem imaginar que certamente o peixe não passava de vinte centímetros, porque ele exagera. É gênero literário! O mesmo aconteceria se contássemos a nossa vida. Quando ouvimos uma história, devemos nos perguntar quem está falando, a quem quer atingir, em que época escreveu. A partir daí, entenderemos. Na missa das nove horas, eu conto histórias para as crianças: “era uma vez...”, e as crianças arregalam os olhos. É história que eu não vou contar para vocês, adultos.

Pois bem, o evangelho de hoje não é descrição, portanto não relata nada do que vai acontecer. Não vão cair estrelas, nem lua, nem sol. Não haverá terremotos, nem tempestades, nem guerras. Não é disso que ele fala! Se não é descrição, o que é, então? É um evangelho que toma as nossas experiências humanas e históricas em toda a sua realidade. As vezes vivemos experiências comparáveis a um dilúvio, a um terremoto, a astros que caem. Imaginem os judeus num campo de concentração nazista. Certamente, foi uma experiência de uma noite terrível. O Nazismo matando milhares e milhares de compatriotas. Também os brasileiros que viveram naqueles anos de repressão. Quantos pais tiveram seus filhos presos, torturados, desaparecidos?! Era como se o sol tivesse escurecido. Que noite terrível para a mãe que sabe que um filho está num presídio! É disso que está falando o evangelho. São experiências reais, concretas, que tantos de nós conhecemos. Ao nosso redor temos noites, terremotos, estrelas que caem.

Mas Jesus não quer que paremos aí. Não quer que fiquemos amarrados a essa morte, a essa tristeza, a esse desânimo: “erguei a vossa cabeça. A salvação está próxima!” Chamo a atenção para a palavra “próxima”. Em português, ela tem dois sentidos: um temporal e outro espacial, ambos, superlativos. Próximo é superlativo de perto, algo que está para acontecer. Um perto que está tão junto de mim, que está próximo a mim. Os dois sentidos valem para a salvação. A salvação está junto de mim, está me envolvendo espacialmente, está me envolvendo em

todos os minutos, em todos os instantes. Para onde quer que eu ande, para onde quer que eu vá, encontrarei a salvação embalando-me, cobrindo-me, tecendo a minha própria existência. Próxima, superlativo de perto. A salvação está pertíssimo de todos nós.

Está próxima também no sentido temporal, está quase acontecendo e, embora só vá se realizar em plenitude no momento final, está acontecendo no cotidiano. A cada dia, estamos caminhando para esta plenitude. Estamos a caminho, porque não terminamos a nossa caminhada. Ela só está fechada para os que já morreram, mas está aberta para todos nós que estamos aqui. No dia em que ela se fechar, só Deus poderá abrir. Até lá, erguei a vossa cabeça, porque a vossa salvação está próxima!

Quando sairmos desta igreja, não saíamos cabisbaixos, abatidos, mas com as cabeças erguidas, felizes, sabendo que a salvação está bem próxima de nós. Amém. (16.12.00)

AS CRIANÇAS CARREGAM ESPERANÇAS

(Is 7, 10-14/Mt 1,18-24)

A primeira leitura e o Evangelho são tão bonitos, e eu acho que devem deixar as mulheres, as futuras mães tocadas. É o mistério da mulher grávida, da vida gestada no seio da mulher e no próprio mistério dessa vida. Ninguém, olhando para uma mulher grávida, consegue dizer o que vai nascer dali. Pode nascer um santo, pode nascer um Hitler, pode nascer um Stálin, pode nascer um criminoso. Quem sabe? É um mistério maravilhoso!

Ainda outro dia, lia um livro de um cientista que dizia, espantado, que, durante uma gravidez, toda a natureza, todo o corpo da mulher se volta para proteger a vida. Tudo passa a existir em função dessa vida. A mulher muda seus hábitos, sua maneira de andar, de pensar, de sentir. Todo o seu corpo se transforma. Sua psicologia, seu coração, seu afeto mudam para proteger aquela *vidazinha* mínima que está nascendo. Grande mistério esse! E a criança pode ser um motivo de alegria ou de tristeza, de esperança ou de desespero. A história está cheia disso! O Antigo Testamento fala várias vezes na criança como salvação, como esperança. Não se refere apenas a Jesus, mas também antes dele.

Na leitura, é claro que Isaías não se refere diretamente a Jesus. Fala de uma mulher normal da época, que está grávida daquele que seria o rei. A gravidez de uma mulher que será mãe de um rei é coisa importantíssima. O povo estava em guerra e precisava de futuro. Se o rei morresse, quem conduziria o país? Na expectativa de nascer um príncipe, um rei, Isaías grita de alegria. Uma jovenzinha vai gerar aquele que será rei de Israel, e os ajudará a vencer a guerra.

Nós conhecemos, na história de Portugal, que grande desastre causou o fato de não ter nascido uma criança. É o caso de Dom Sebastião, que morreu com vinte e quatro anos. Era rei de Portugal e não deixou nenhum filho. O reino de Portugal passa para a Espanha, os holandeses invadem o Brasil, e segue todo aquele pandemônio, tudo isso porque não nasceu uma criança. Caso contrário, o destino de Portugal seria outro. Por anos, Portugal ficou sonhando com esse herdeiro de Dom Sebastião, que deveria nascer de algum lugar. Eles imaginavam que ele sairia do mar, com um exército para libertar Portugal.

Isaías anuncia que vai nascer uma criança – o rei de Israel. Mateus toma a profecia e diz que Isaías era cego, não sabia do que estava falando. Havia uma criança muito mais importante! A única, cujo destino, mesmo antes de nascer, tínhamos certeza de que não poderia ser um fracasso. Isaías fala do filho de uma princesa, e agora Mateus diz que outra criança será o verdadeiro Emanuel, Deus conosco, Jesus.

Quando Maria ficou grávida, não sabia o que iria sofrer. Nunca poderia imaginar que aquela criança iria morrer numa cruz. Ficará sabendo na hora, no dia. Não sabia o que iria acontecer, mas sabia que era o Salvador. Ela aceita

essa missão, e a criança irá nascer para nos salvar. Portanto, ver essas mulheres grávidas, essas crianças aqui na igreja, é belíssimo. “Nasce uma criança, tudo começa de novo!” (*). A criança, nascendo, traz esperança.

Na Europa, vários países estavam ameaçados de acabar, porque os casais não tinham filhos. De repente, acordaram, levaram um susto. Deram-se conta de que não tinham mais crianças e poderiam desaparecer. Agora dizem, os que estiverem recentemente na Alemanha, que já se vêem, pelas ruas, mães carregando criancinhas. A vida está voltando, porque há crianças nascendo novamente.

Esperemos a criança Jesus e alegremo-nos com todas as crianças que estão para nascer e com as que já nasceram e alegam a nossa humanidade! Amém.
(19.12.99)

(*). citação do escritor mineiro, João Guimarães Rosa.

NATAL É TEMPO DE BUSCA E ESPERANÇA

(Lc 1,39-45)

Estamos nos aproximando da grande festa do Natal. É a única festa litúrgica em que há três celebrações diferentes, com textos diferentes: uma, à meia-noite; outra, na aurora, e outra, durante o dia. A Igreja acha que esta festa é tão importante, que seria necessário repetir a celebração, mas não de modo igual. À meia-noite, celebramos a famosa missa do galo, que não tem nada a ver com o animal, nem com o time. É que, antigamente, não se usavam relógios. Todos se orientavam pelas vozes dos animais. E como o galo canta, servia de referência. A missa se fazia ao primeiro canto do galo.

Estamos nos aproximando dessa festa, que tem uma importância muito grande. Liturgicamente, Páscoa e Pentecostes são mais importantes. Páscoa é a morte e ressurreição de Jesus, é o começo de sua vida para além da morte. No nascimento, Ele era mortal, frágil, pequenino, vulnerável. Morrendo e triunfando, torna-se invulnerável, triunfante, é Senhor da História. Ninguém mais consegue apossar-se dele. Nasceu em Belém, foi ameaçado por Herodes, foi perseguido. Foi preso, flagelado, porque nasceu com este nosso corpo. Ressuscitado, nenhum poder do mundo, nenhum Clinton (*) podem tocar Jesus. Ele triunfou sobre a morte.

Pentecostes é o Espírito que nos faz Igreja. Mas, simbolicamente, isto é, naquilo que toca os nossos sentidos, o nosso coração, é o Natal a grande festa. Jesus se faz a coisa mais terna que existe na humanidade, que são as crianças. A coisa mais linda que existe é a criancinha pequena, porque ela tem toda a humanidade. É um ser humano completo, mas ainda não contaminado. Livre, com toda a pureza e transparência. Não tocada, não marcada pela sociedade. A criança ainda está no seu desabrochar. Quando Deus se faz criança, assume a nossa humanidade desde o início e, por isso, nos toca profundamente.

E o que nós somos? Por que procuramos a Igreja? Por que precisamos desses símbolos? Nós começamos lá, há vinte bilhões de anos, com uma explosão nuclear, aquela explosão gigantesca, com trilhões e trilhões de graus centígrados, cuja temperatura é inimaginável, mas ainda não havia consciência, não havia liberdade. Esse processo evolutivo foi atravessando bilhões e bilhões de anos e, de repente, chega ao ser humano, animal. É como se, neste animal, Deus colocasse uma luzinha, que é a nossa liberdade e a nossa consciência.

No momento em que, no animal, acorda a consciência, Deus coloca, lá dentro, o desejo e a busca infinita. Colocou dentro de cada um de nós o infinito. Ao nos tornarmos infinito, não paramos mais de buscar. Não há possibilidade de um ser humano parar. Ele é insaciável! Busca sempre, está sempre procurando, nunca pára. É insaciável em tudo. Vejamos um Bill Gates, que é considerado a maior fortuna do mundo, com treze bilhões de dólares. Não dá para imaginar,

mas ele continua a projetar programas de computador para ganhar mais dinheiro ainda. Insaciável! Ronaldinho faz gols e sempre quer mais. Insaciável! Todos nós, que estamos nesse processo histórico, não nos saciamos nunca. Por isso, tem um jogo, e vem outro e mais outro. A competição não acaba nunca. Buscamos sempre prêmios e troféus. Insaciáveis *canecos!*

Com o tempo, o homem insaciável percebe que a comida não basta. Não dá para comer churrasco e beber o dia todo. Onde poderá se saciar? A religião é o espaço privilegiado em que o desejo infinito encontra o desaguar. É como se a religião fosse o oceano, e nós, esse imenso Amazonas (***) de desejos e buscas que, de repente, se joga no oceano e se espraia. As pessoas, quando não têm a religião, sofrem e se desesperam. São rios caudalosos que ainda não encontraram o oceano da paz.

Natal tem esta característica: é a festa que mais nos enche de Deus, que mais plenifica o nosso coração. É uma maneira de lavar as águas turvas da nossa vida, as nossas inquietudes, as nossas angústias, os nossos problemas, as nossas mágoas, tudo o que carregamos durante anos: os desempregos, as crises econômicas, as ameaças, a corrupção em todos os níveis, tudo isso que amarga e azeda a nossa vida. De repente, nos perguntamos onde encontrar força, paz, tranquilidade, para beber luz, esperança, futuro, sentir prazer na existência? Onde podemos sentir que a vida não é só maldade, só perversão, só as más notícias da televisão? Natal nos mostra que a vida também é lugar de beleza, gozo, prazer, tranquilidade. Natal quer oferecer isso para todas as pessoas.

Por isso, o Betinho (***) pedia e insistia que, na noite de natal, nenhum brasileiro fosse dormir com o estômago vazio. Que, pelo menos na noite de Natal, todos tenham um bom prato de comida e possam alimentar-se, porque Jesus nasceu! Amém. (20.12.97)

(*) referência a Bill Clinton, então presidente dos Estados Unidos.

(**) referência ao rio Amazonas

(***) referência ao sociólogo Herbert de Souza, falecido em agosto de 1997, criador do programa Natal sem Fome.

OS SINAIS DE DEUS (Is 9, 1-6/Lc 2, 1-20)

Tudo se tornou absolutamente diferente depois que o Verbo de Deus se encarnou e entrou na nossa história. Até então os seres humanos não sabiam, não sabiam mesmo as maravilhas infinitas do Mistério de Deus. O Antigo Testamento vislumbrava o início da revelação, apenas o início. Era Javé, poderoso, soltando raios no meio de relâmpagos, trovões. Era um Deus terrível! Vocês devem se lembrar daquele fato do Antigo Testamento, quando eles carregavam a Arca. Ela ia caindo, e alguém, em meio à multidão, encostou a mão nela e caiu fulminado. Imagino o terror, o medo que eles tinham de Javé. Quando Moisés voltava do encontro com Ele, cobria o rosto, porque irradiava tanta luz que o povo não podia olhá-lo. E Deus disse que Moisés devia se virar de costas, porque Ele não podia ser olhado de frente. Assim viveu Israel durante séculos. Assim viveu a humanidade durante milênios. E assim este grande projeto criativo de quinze bilhões de anos esperou este instante da história, este minuto da história, este segundo da história em que uma juvenzinha acolhe em seu seio o próprio Verbo Divino.

Hoje, nesta noite, ela coloca esta Criança para nós. Nasceu, para nós, o Salvador! Irmãos, isso deveria deixar-nos perplexos, estremecidos, tocados até o mais profundo. Aconteceu! É um fato! Para os povos, a religião era um círculo e, como todo círculo, sempre se repetia. Agora não é mais um círculo, mas uma linha. E se é uma linha, indica um caminho, e a história sempre caminhará. Nunca mais será como antes! Nunca mais será como era! Sempre será novo e diferente! Não pensem que o Natal do ano passado é igual a este. Passaram-se trezentos e sessenta e cinco dias! Um ano inteiro atravessou todos os umbrais de nossa existência, e está de novo acontecendo. Não de novo, porque nada se repete. Estamos fazendo uma celebração nova, sempre diferente, porque o Senhor está sempre aparecendo, sempre se mostrando.

O Evangelho nos surpreende porque, quando os pastores ouviram falar que tinha nascido um Salvador, imaginavam que deveriam ir a Jerusalém, ao Palácio de Herodes, quem sabe ao Templo. Não, mas não mesmo! E aí o homem vê os sinais: uma criança envolvida nuns trapinhos, colocada numa manjedoura, num lugar pobre. Esses são os sinais de Deus. Nós gostaríamos que os sinais de Deus fossem diferentes, mas não são. Precisou um anjo dizer aos pastores que acreditassem que não iriam ver nenhuma maravilha extraordinária. Lá no céu, sim, havia uma festa, os coros angélicos cantavam. Mas na terra apenas o silêncio, o choro pequenino de uma criança, a pobreza, a mãe, um pai e nada mais. Esse é o mistério de Deus!

Quando quisermos saber um pouco mais quem é Deus, despojemo-nos de todas as glórias, de todos os poderes, de tudo que seja maravilhoso. Sejamos um pouco como Francisco de Assis. Quando estava morrendo, quis morrer no chão de terra, para estar mais próximo da maneira como nasceu o Salvador.

E mais recentemente, Paulo VI deixou no seu testamento um pedido para que colocassem o seu caixão sobre a terra. Ele queria que o seu corpo encontrasse a terra como o corpo de Jesus encontrou. Esses são homens que entenderam o mistério da encarnação, o mistério do nascimento de Jesus.

Que este Natal seja para nós um encontro com a grandeza de Deus, na pequenez de uma criança. E toda vez que encontrarmos os pequenos, saibamos que aí encontramos Deus. Amém. (24.12.01)

JESUS ESPERA O NOSSO ASSUMIR NA FAMÍLIA E NA SOCIEDADE

(Eclo 3,2-6.12-14/Cl 3,12-21/Mt 2,13-15.19-23)

As duas primeiras leituras não são nada mais que experiências que os homens foram colhendo e percebendo que nelas havia uma presença de Deus. Aqueles que as escreveram, provavelmente um velho do Antigo Testamento e o apóstolo Paulo, estavam transmitindo para a comunidade a certeza de que, naquelas experiências, Deus estava presente.

Podemos imaginar que o livro do Eclesiástico tenha sido escrito por um velho. Vamos imaginar um senhor sentado na praça. Não havia televisão, Gugu, Fantástico, Sílvio Santos, nem jogo do Cruzeiro. Todo o povo se reunia na praça, para ouvir a sabedoria do velho que contava as suas experiências. Ele olhava para a juventude e dizia: “Jovens, aprendei. Se não tendes respeito por vossos pais, mais tarde, quando fordes pais, vereis como será terrível e triste! Porque eu vi muitos pais abandonados”, e assim por diante. Hoje lemos esse livro e vemos que sabedoria tinha aquele velho. Por isso dizemos: Palavra do Senhor!

É claro que ele refletia sobre a família judia, em que a figura do pai é central, é uma cultura patriarcal. Sempre imagino o judeu no centro da mesa, presidindo as refeições. Em torno dele, tudo girava. A mãe era quase uma sombra. Os filhos eram sempre pequenos, mesmo que fossem fisicamente grandes, pois a figura do pai cobria todos os espaços.

Os tempos mudam e tantas famílias se rompem, mas fica sempre a idéia de que a família precisa de uma regra, de uma norma, de um ponto de referência. Esta é a vocação do pai: ser lei, ser exemplo, ser maieuta. Ser lei para que o adolescente possa saber onde fica o rumo. Sobretudo, porque ele verá muitos outros pontos de referência e sempre precisará de um que seja mais firme. Essa é a responsabilidade do pai. Quando o pai não é ponto de referência, é volúvel, muda pra lá e pra cá, isso é um desastre para o jovem, que não saberá para onde olhar. Também a criança, sem a referência do pai, não terá a norma, o modelo, o maieuta, que fará brotar, de dentro dela, aquele jovem ideal.

Todas as crianças têm seus sonhos, seus desejos, suas potencialidades, seus valores, mas são ainda pequenas. O pai é aquele que faz tudo isso crescer. Não à sua imagem e semelhança, pois fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Cada criança, cada jovem, cada adolescente vai encontrar o seu próprio caminho. Será livre, autônomo, ajudado pelo pai, que o acompanha, e pela mãe, que também é maieuta. Não só no sentido biológico, porque deu à luz, mas também no sentido psicológico, social, político, porque vai acordando, despertando nos seus filhos os valores, as responsabilidades, a cidadania. Assim descobrirão que pertencem a uma sociedade. É disso que falava o velho do Antigo Testamento.

O Evangelho de Mateus é muito difícil para entendermos. Parece fácil,

mas não é. Ele não está contando um fato. Não está contando que Jesus foi perseguido por Herodes e fugiu para o Egito. Provavelmente, Jesus nunca terá ido ao Egito. Que história será essa? Aí está cheio de símbolos, que são mais reais que a realidade. Quando falo em símbolo, não falo de invenção e imaginação, mas de algo muito real. Mateus olha para toda a vida de Jesus e pergunta como aquela vida se explicaria. Olhem o mistério da encarnação! Desde o início, Jesus é procurado e perseguido. Ao assumir a história, Jesus assumiu todos os riscos e nenhum privilégio. Eu acho que a idéia central de Mateus é esta: Jesus não aceitou nenhum privilégio e, diante de qualquer dificuldade, procurou uma solução. Mesmo quando fala que um anjo avisou José, não se refere a anjo do céu. Os anjos somos sempre nós, os conselheiros. Cada pai que dá um ótimo conselho para o seu filho é anjo. Cada mãe que usa uma palavra certa para a sua filha é anjo. Os anjos estão entre nós, ajudando-nos a ser livres. Essa é a nossa vocação!

Olhando a realidade, José teve que encontrar meios de proteger Jesus em todas as dificuldades ao longo de sua existência. Como logo o Evangelho se cala sobre José, é bem provável que ele tenha morrido cedo, quando Jesus ainda era criança. Há uma hipótese de que, quando Jesus tinha onze, doze anos, os romanos invadiram a capital de seu Estado – Séforis, que era bem próxima de Nazaré. Provavelmente, José ia muito a essa cidade vender os seus trabalhos. Quem sabe se naqueles ataques dos romanos, José não terá sido assassinado? Jesus terá sofrido mais essa terrível passagem em sua história! Teve que conhecer, desde cedo, a ausência de seu pai. Deus não o protegeu, e Jesus assumiu as coordenadas da história até o extremo. Em nenhum momento sequer foi privilegiado. A infância de Jesus já está-nos dizendo como Ele quis viver.

Nós também somos chamados a olhar para a nossa existência, não em busca de privilégios, mas de responsabilidades, de compromissos na nossa família e na sociedade. Amém. (26.12.98)

NATAL: MEMÓRIA, PRESENÇA E ANÚNCIO

Há momentos do ano que falam mais a nós, e talvez a festa que mais toca o coração humano seja esta. Já nem é mais, necessariamente, uma festa cristã, mas um dado cultural. Eu diria que é um arquétipo. São dessas categorias profundas que vão para o nosso inconsciente, que trabalham e sonham dentro de nós. Natal já pertence a um sentir humano, de tal maneira que, se quiséssemos abolir essa festa, talvez arrancássemos de dentro de nós uma potencialidade imensa.

Natal faz história de três maneiras: com H maiúsculo, com h minúsculo e, como gostava de dizer Guimarães Rosa, faz estória.

Natal é História com H maiúsculo, porque entrou na grande história. Hoje já não depende mais de querer ou não ser cristão, aceitar ou não o nascimento de Jesus. Qualquer pessoa que assina um cheque, de qualquer religião que seja, data: 1997. De quê? Do nascimento desse Menino. Está aí em todos os documentos. Vocês que trabalham num Tribunal, quando termina um julgamento, assinam e marcam uma data que fala do Menino Jesus. Houve um erro de um monge, Dionísio, que cochilou na contagem do tempo. Então, Jesus nasceu seis anos antes da data comemorativa. Já teríamos atravessado o ano 2000, mas isso não interessa. Simbolicamente, a data que marca a história do Ocidente é o nascimento de Jesus. Pertence à grande História!

Houve uma época, depois da Revolução, que os franceses quiseram aboli-la do calendário ocidental, criar novos meses, novos anos, mas não tiveram êxito. Todos os tibérios, cézares e domicianos desapareceram. Só ficou esse Menino, cujo lugar do nascimento não sabemos, e cuja data exata também não sabemos. Portanto, o próprio dia é simbólico. Ninguém sabe em que dia nasceu Jesus. Certamente, não foi em 25 de dezembro. Essa data apareceu muito mais tarde, já no quarto século. Por isso eu digo que tudo é cheio de símbolos. Se não trabalharmos com símbolos, perderemos a dimensão mais bonita da vida. A coisa mais linda que existe são os símbolos.

Vou fazer um pequeno parêntese para deter-me na etimologia da palavra símbolo. Primeiramente, é o oposto de diabo: *dia+balein* é o que separa, *sym+balein* é o que une. Símbolo une e o diabo separa. Quando quiserem dizer o antônimo de símbolo, digam o diabo. Onde há divisão está o diabo, que coloca a parte mais sectária, de não compreensão. O símbolo liga, une. A palavra símbolo quer dizer que se cria uma ponte com uma realidade muito mais profunda. As realidades que vemos com os olhos, fisicamente, são quase nada em relação ao que existe. Um cientista começa a falar da Física Quântica, da maravilha dessas substâncias, dessas partículas mínimas que nos escapam aos olhos. O que os nossos olhos captam é quase nada. Esse lado não visível, não captável da realidade, só alcançamos com os símbolos.

Voltemos ao Natal. Em Roma, no tempo do imperador Aureliano, criou-se uma grande festa no iniciozinho do nascer do sol no hemisfério norte. Quando

termina a maior noite do ano, no dia seguinte o sol começa a tomar força até chegar o verão. Por isso, eles chamam *dies natalis solis invicti* – o dia natal do sol invicto. Os romanos cultuavam esse deus sol invicto que estava nascendo no dia 25 de dezembro. Os cristãos pararam e pensaram que o invicto que nascia só poderia ser aquele Menino que nasceu em Belém! Escolheram esse dia para o seu nascimento, porque estava nascendo o sol invicto, aquele que nunca mais seria derrotado. Para o cristão era certo que não seria derrotado, porque Ele havia morrido e ressuscitado, enquanto os sóis invictos dos romanos foram todos derrotados e desapareceram. Os cristãos estabeleceram essa festa exatamente nesse dia, a partir do quarto século, na Igreja de Roma. Depois, lentamente, foi-se propagando, sendo hoje, praticamente, uma data universal nos países cristãos. Em muitos países não cristãos, como Cuba, não se celebra o Natal. Quem chega lá leva um susto. A grande festa é o primeiro de janeiro, o começo do ano, não o Natal. Mas no mais profundo do inconsciente, o Natal sempre está presente, mesmo nos países onde não é celebrado.

Eu fico pensando no que aconteceu, quando caiu o regime comunista em todo o leste europeu e, sobretudo, na Rússia, no caso a União Soviética. Imaginem que de 1917 até 1989 lá prevaleceu o ateísmo. A erradicação de qualquer percepção de Deus foi ensinada em todas as escolas como matéria obrigatória, sem nenhuma menção à transcendência. Cai o regime, e as igrejas voltam a se encher. As celebrações de Natal no rito oriental, que nem sempre coincidem com as nossas datas, são bastante concorridas. O que aconteceu com essas pessoas que foram formadas no mais radical ateísmo? Conservaram esse inconsciente profundo que carregamos e que é bimilenar. É a História com H maiúsculo, essa que marca toda a história.

Essa nossa história cotidiana, diria com h minúsculo, é o nosso dia-a-dia. O Natal é um dia de fraternidade, reúnem-se vocês aqui numa confraternização. Encontram-se, sorriem, trazem pessoas diferentes. É essa história do cotidiano, quando o Natal vai mexer com todas as famílias. Mexe com as casas comerciais, que vão querer faturar mais, com as pessoas que esperam conseguir um trabalho. Mexe nas celebrações, nas compras, nos presentes. É a história cotidiana! Não há uma família que não note uma diferença no seu cotidiano nos dias que antecedem o Natal. Ele mexe com a história com h minúsculo.

Queria agora referir-me a um tema menos pensado e menos dito: como o Natal mexe com as estórias. Eu sempre gostei muito de contar estórias para as crianças. Na paróquia onde eu celebro há muitos anos, na missa das crianças, sempre conto uma estória. O que muito me moveu foi um livro que li há muitos anos atrás, de um psicanalista já falecido, que, pelo nome, é judeu – Bruno Bettelheim: “A psicanálise dos contos de fadas”. Ele dizia que as estórias, os contos de fadas não são coisinhas bobas, mas de uma profundidade enorme. Trazem os problemas maiores que a criança tem e também os problemas humanos mais profundos que são propostos e resolvidos simbolicamente. Por isso, a criança se identifica. Na

sexta-feira passada, estive celebrando numa *comunidadezinha* bem popular lá em Vespasiano. Um *meninozinho* de três anos me disse: “eu *tive* na sua missa”. Perguntei-lhe: “o que eu fiz?”, e ele respondeu: “o senhor contou a estória do sapinho”. Era uma criança de três anos que não sabia a estória, nem o nome. Fez o gesto do sapo que pula. O que mexe com uma criança de três anos, ao ouvir uma *estoriiazinha*, que não era minha, mas dos gênios dos contos infantis?

Natal hoje é uma estória. Esse trecho que vocês ouviram (Lc 2, 1-20) é muito de estória, muito simbólico. Pergunto a vocês que são pais e mães: qual criança que não quer ser como o Menino Jesus? Ele é um arquétipo que mexe com as crianças. Todos o imaginam como uma criancinha bonitinha amada pela mãe. Qual criança não quer ser apaixonadamente amada por sua mãe? Todos imaginam o Menino Jesus, com São José tomando conta. Qual criança não sonha com um pai como São José? O Natal está cheio de anjos cantando. Achamos graça, ridicularizamos, mas para a criança o anjo é importante. Com o Paulo Coelho, os anjos voltaram à moda, mas para a criança eles têm outro sentido. Qual criança não sonha com anjo? O Natal tem coros de anjos que cantam. A criança dorme ouvindo os anjos cantando. Infeliz da criança que não ouve estória! Infeliz dela se não tem essa matéria-prima para, mais tarde, elaborar, quando a vida for amarga, dura, seca. Que falta farão as estórias! E qual criança não gosta dos presentes? Os magos vêm lá do Oriente, trazendo ouro, incenso e mirra. Elas nem sabem o que é mirra, e é ótimo que não saibam. Mas como é uma palavra que soa, não saber o que é mirra é muito mais importante. Mirra é uma palavra extraordinária. Ouro, elas sabem o que é. Do incenso, talvez já tenham sentido o cheiro. Mas, quando aparecem aqueles homens, inclusive um negro, que têm nomes, é um espanto! É a força do símbolo, porque nunca existiram os reis magos, e, ainda assim, na catedral de Colônia, na Alemanha, existe o túmulo desses homens. Qual criança não sonha com essas estórias, com os presentes, com os pastores? Isso é fundamental! Pais que têm crianças pequenas, contem estórias, dêem arquétipos para elas! Nutram o inconsciente delas com essas belezas, porque isso será a força para que possamos sonhar um Brasil melhor.

Quando aconteceu aquele crime dos jovens de Brasília, Jurandyr Costa Freire, um dos nossos maiores psicanalistas, escreveu duas colunas no “Jornal do Brasil”, que eu considero antológicas. Começava dizendo: “aqueles jovens não são monstros!” A nossa vontade é achar que são monstros, porque poderíamos colocá-los nas jaulas. Se não fossem seres humanos, não seria problema nosso. Ele continua: “são filhos da nossa cultura. Nós os criamos com a nossa cultura”. Isso quem fala é um psicanalista, não um padre piedoso. Nós os criamos, porque passamos para esses jovens a total ausência de sentido, a ausência do símbolo, da dignidade. O negro, o índio, o mendigo não existem. Ele usa a imagem de moscas: “são moscas que espantamos, como fazemos também com os meninos de rua. Paramos o carro, eles oferecem alguma coisa, e simplesmente fazemos um sinal com a mão, como se espantássemos moscas. Estes jovens de Brasília

viram isso a cada dia, e assim criaram os seus arquétipos de total impunidade – e falo isso num Tribunal. Foram acostumados a andar *sem eira nem beira*, acima de toda a lei. De repente, queimar um índio ou um mendigo não é nada, como tantos outros crimes que vemos na televisão. Isso nos mostra a falta de símbolo, falta de arquétipo, falta de estória, de anjos, de reis magos, de Maria, de José, de Menino Jesus.

Prescindo-me da fé e refiro-me a um dado cultural. Maria é um dado cultural, assim como Jesus. José, anjos, tudo isso pertence à cultura. Arrancar isso da cultura é arrancar a nossa alma, porque nascemos nesta cultura. Poderíamos ter nascido numa tribo indígena, mas, nesse caso, teríamos que saber quais os seus símbolos sagrados e respeitá-los. É claro que os índios também os têm! Os seus *josés*, as suas *marias*, os seus anjos, mesmo sendo outra cultura. Não é mais nem menos que a nossa, é outra. O Cristianismo hoje pertence à cultura. Podemos dizer que a cultura ocidental está empapada. Para alguém dizer que não é cristão, tem que negar dados culturais, e acaba negando a si próprio.

Conta-se de um primeiro-ministro russo que falava com João XXIII: “graças a Deus, eu sou ateu!” Até para dizer que era ateu, usou a expressão “graças a Deus”. E até para dizer a palavra ateu colocamos Deus dentro: *a Theos* – não-deus. Logo, Deus está sendo afirmado. Não se pode negar sem afirmar. Toda vez que uma cultura afirma uma realidade, mas não consegue defini-la por ela mesma, e a define por outra, quer dizer que essa outra é referencial. Não temos uma definição para ateísmo. Por isso, temos que falar de Deus. Afirmar para depois negar. E se temos que afirmar Deus, é porque Ele é.

Há uma outra palavra que, talvez, ainda não tenhamos recorrido à sua etimologia: “profano”. Falamos de festa profana, com salgadinhos, bebidas. Profano vem de *pro* – em frente – e *fanum* – sagrado. O profano se define pelo sagrado, e não vice-versa. Logo, o referencial é o sagrado. O referencial mais profundo, arquetípico é o sagrado. Eu acredito que não haja ser humano que não tenha um longínquo referencial sagrado. Não digo fé, mas referencial sagrado. Quando se quer falar do que não é sagrado, coloca-se a palavra “sagrado” dentro.

Os antropólogos, quando encontram uma ossada após milhares de anos, sabem que ela é humana se foi sepultada, se os ossos foram colocados como alguém que foi cultuado. Se a ossada é de um corpo que caiu e ficou, é animal. O primeiro dado antropológico é o dado sagrado do sepultamento, que pertence a todos os ritos, todos vestidos de simbologia. Natal para nós sai do mundo estritamente cristão e entra no mundo construtivo da nossa própria cultura, da nossa própria identidade interior.

São Tomás, quando fala de uma festa, diz que ela é um tríplice sinal. Como eu estou diante de juízes, que gostam muito de latim, citarei em latim. Ela é um *signum rememorativum* – um sinal que recorda; é um *signum demonstrativum* – sinal que indica presença; e é um *signum prognosticum* – um sinal que anuncia

o futuro. Cada Natal é memória, é presença e é anúncio. É passado, é agora, é início de uma realidade que virá. Enquanto passado, recupera a História com H maiúsculo. Enquanto presente, é história, com h minúsculo. Enquanto futuro, é estória. Ele projeta os nossos desejos, os nossos sonhos, as nossas buscas, as nossas esperanças. Por isso, dizemos: infeliz da cultura que não tem passado, que esqueceu a sua história. Por isso a história é tão importante e fundamental. É o *signum rememorativum*. Infeliz de quem não sabe viver o presente, porque Deus nos deu cinco janelas belíssimas para usufruirmos o presente, que são os cinco sentidos: os olhos para ver; os ouvidos para ouvir; o olfato para perceber os perfumes; o paladar e o tato. São cinco janelas que Deus colocou em todo corpo humano. Alguns têm deficiências que procuram suprir, para que possam abrir suas janelas. E nós, a grande maioria, temos as cinco janelas abertas e podemos olhar para este presente.

Nós somos *prinzip hoffnun* – princípio esperança. E quem disse isso não é um cristão: Ernst Bloch. Somos um princípio, origem, fonte, raiz, esperança. Estamos sempre voltados para o futuro, somos seres em construção. Como dizia o existencialista mais existencialista, Jean-Paul Sartre, a nossa essência só se completará no momento em que a nossa existência se realizar. Primeiro está a existência realizando a nossa essência. E nós, sem Sartre, sem Bloch, a partir da nossa cultura ocidental, podemos dizer que o Natal significa todos os desejos, sonhos, fraternidade, beleza, anjos, *marias*, *josés*, reis magos, presentes. Tudo isso são sonhos, desejos, aspirações.

Agora, com o *signum demonstrativum*, participemos deste ágape. Com o *sigum rememorativum*, recordemos a festa que estamos celebrando, e com o *signum prognosticum*, levemos um pouco de esperança para este país, que necessita tanto dela. Boa noite! (11.12.97)

(*) Palestra proferida no extinto Tribunal de Alçada de MG, por ocasião da festa de Natal.

SE REALMENTE HOUVESSE AMOR...()*

Creio que falar de Natal, celebrar Natal é um grande passeio que podemos fazer. Já se passaram dois mil anos do nascimento de Jesus. O monge que calculou a data se equivocou. Deveríamos estar no ano 2004. Mas o que vale é o símbolo, e estamos em 1998.

É estranho que comemoremos o nascimento de uma pessoa mais de dois mil anos depois. Principalmente se pensarmos que, na época em que viveu, esta pessoa foi absolutamente desconhecida. Não consta em nenhum anal da história humana o nascimento de Jesus. Se um pesquisador revirar os anais do Império Romano, não encontrará nenhuma alusão ao nascimento desse Menino. Os textos que relatam esse fato não são históricos, no sentido moderno da palavra. Nenhum historiador, no sentido que entendemos por historiador, debruçou-se sobre a sua infância nos seus primeiros anos. Mais tarde, sim, mas só depois que Ele ficou importante. Quando os imperadores Teodoro e Teodósio converteram-se e transformaram o Império Romano em um império cristão, o Cristianismo tornou-se a religião oficial para o mundo ocidental e dominou a cultura.

Mas, se olharmos os primeiros séculos e, sobretudo, o que estamos celebrando, que é o nascimento, é espantoso o absoluto desconhecimento. Até mesmo a cidade onde teria nascido é discutida. É simbólico que tenha nascido em Belém. E é bonito que seja Belém, porque é a terra de Davi. Mas pode ser que tenha nascido em Nazaré, embora isso não interesse. No sentido mais nu e cru, quando o símbolo é tão importante, a história perde a sua dimensão. Essa curiosidade que temos de vasculhar a realidade, essa inteligência analítica, ocidental, dissecante, de certa maneira, sente-se desarmada diante do símbolo, do mistério, da beleza. A estética, a maravilha nos surpreende.

Como dizia Platão e, depois dele, tantos repetiram, a filosofia nasce do espanto. E eu diria que a teologia nasce de dois espantos. A filosofia nasce espantando-se pelo simples fato de existir o ser e não o nada, e aí o ser humano começa a ficar perplexo. Já pararam para pensar nisto: por que existe o ser e não o nada? Pelo contrário, estamos aqui. Por quê? Assim começou a filosofia. E a fé diz porque somos criados. Que loucura, que aventura teve Deus um dia, de resolver criar o ser humano livre, autônomo, para, inclusive, poder dizer-lhe não?! Pode nem querer aceitá-lo, mas Ele o criou e o respeita.

Vamos voltar agora ao nosso fato mais importante, que é o nascimento. Eu me perguntava quais são os dois eventos que a humanidade, em todas as culturas, mais envolveu com símbolos. Os dois grandes fatos que a humanidade rodeia de símbolos é o nascimento e a morte. De tal maneira que os antropólogos e paleontólogos, quando querem saber se determinada ossada é humana ou não, eles pensam: se essa ossada estiver bem colocada, isto é, se foi sepultada, é de um ser humano. Se foi simplesmente jogada, é de animal, porque o ser humano envolve a morte e o nascimento com símbolos. E vejam com que quantidade

de símbolos envolvemos o nascimento. A mãe, que espera a criança por tantos meses, fica pensando no nome a ser dado a ela, tem curiosidade sobre como ela será. E, depois do nascimento, ficamos repetindo a cada ano o nosso nascimento, com o tal aniversário. Viram como não queremos abrir mão do nascimento?! Não damos conta de apenas dizer que nascemos. Temos que lembrar, porque não conseguimos nos desprender. Estamos vinculados a ele. Quando o nascimento é desse Jesus, tudo fica ainda mais bonito e mais cheio de símbolos.

Não vou falar de todos os símbolos, porque são tantos, mas vamos tomar o primeiro, que usamos muito, já no Advento, que é a vela. Pensem primeiro na vela, que está sempre ao lado do altar ou junto ao presépio. Em todas as festas há alguma vela, que lembra tanta coisa. Vejamos primeiro a nossa tradição judaica, pois somos filhos dos judeus, cultural e religiosamente. O cristianismo é a união das culturas semita e grega. De lá viemos. Esse é o nosso solo, o nosso húmus. Os judeus têm a famosa *chanuká*, a festa da vela, da iluminação. É uma celebração bonita, porque lembra o momento em que o povo de Israel estava dominado pelos pagãos. Foi uma dominação violenta, e aqueles jovens macabeus quiseram a revolução, para libertar o povo. Durante pouco tempo, tiveram liberdade para cultuar seu Deus. Depois, novamente, vieram os romanos, dominaram e destruíram Israel, e só em 1947 nascerá o Estado de Israel. Mas essa vela que o judeu acende lembra aqueles anos de liberdade e de vida. Essa Criancinha que nasce só tem um sentido: tornar livre a humanidade. E é só na Revolução Francesa que o povo vai gritar igualdade, liberdade e fraternidade.

Paulo, que viveu aproximadamente mil e setecentos anos antes da Revolução Francesa, já dizia que onde está o Espírito aí está a liberdade. Em toda a sua pregação, o ponto central é ser livre “de” e ser livre “para”. Ele joga com as duas preposições. Ser livre “de” pode me levar à libertinagem. Não me vincula a nada, me coloca descompromissado. Então Paulo diz que essa não é a nossa liberdade, que devemos ser “para”. Ser livre para o que esse Menino significa, que é a entrega absoluta de Deus a nós.

Deus não nos pede nada, como muitas vezes imaginamos, e alguns padres pregavam naquelas infâncias um pouco tenebrosas, que nos mostravam um Deus que está sempre sugando, pedindo, cobrando, exigindo. Ele não pede nada, não exige nada. Nós é que nos exigimos muito. Os analistas vivem trabalhando com as pessoas obsessivas, que se exigem demais, são perfeccionistas. Deus não exige nada de ninguém, Ele só espera!

Portanto, essa liberdade “de” é para compreendermos a única experiência profunda que podemos fazer na vida: sermos livres e amar. Falamos que Ele trouxe o amor, mas é uma palavra tão gasta, que, às vezes, não gosto de usá-la. Eu quero citar um livro de um autor francês que se professa histórico, não cristão – André Comte-Sponville, que foi *best-seller* na Europa e já está traduzido em português: “Pequeno tratado das grandes virtudes”. É um livro bellissimo, cujo último capítulo é sobre o amor. Realmente, o autor é alguém que não tem fé,

conhece as Escrituras, mas não crê. Quando fala do amor, apesar de não crer, vai dizer que o único amor verdadeiro é o que Deus tem. Achei até engraçado. Ele distingue o amor em três dimensões, e nós, em português, e, no caso dele, em francês, não temos uma palavra para as três realidades que o amor traduz. Então, vamos buscar no grego as palavras *eros*, *filia* e *ágape*. Quando ele busca *eros*, diz que é o amor da falta. É aquele famoso mito grego que diz que homem e mulher eram dois e foram cortados. É como se o amor fosse a constante busca do outro, enquanto esse outro me é complementar. É o amor mais baixo, o que eu chamo de porão do amor, em que talvez viva a maioria da humanidade. Talvez não saibam, nem consigam ultrapassar esse andar. O outro falta para mim.

Continuando, ele dá um passo à frente e diz que o amor é *filia*. Esse já é mais bonito. Amor *filia* é alegria que dois amigos têm, quando se encontram, simplesmente porque se encontram. Não é pela falta, mas porque superabunda. É uma alegria imensa! Imaginemos encontrar um amigo que não vemos há muitos anos! É a *filia*, a contemplação do outro. Nada mais que a felicidade de estar ao lado do outro. Já é muito amor! Ele acha que esse é o máximo que nós, humanos, conseguimos atingir.

Mas olhem que beleza o amor *ágape*, que é o amor de Deus! *Ágape* é o amor em que eu me retiro para que o outro possa crescer. Eu saio do espaço do outro, para que ele possa ter todo o espaço e crescer. E ele diz isso de Deus. Se Ele é infinito, então não haverá espaço para nós. Se o infinito está ocupado, onde vamos ficar – já pensaram nisso?! Alguém pode entrar numa sala que já está cheia? Ora, Deus é infinito, então o espaço está totalmente cheio. Como vamos caber num espaço ocupado por Deus? Ele se retira, abre o espaço, para que nós sejamos. É o verdadeiro amor!

Agora, quando vem essa Criança, ela abre o espaço para que nós sejamos. Sejamos, nada mais! É o verbo ser. Não para que tenhamos, mas para que sejamos. O verbo ser é o mais bonito em filosofia. Santo Tomás diz que o ser é a perfeição. Quando toco o ser, eu toco a perfeição. Deus quer que sejamos perfeitos e, para isso, Ele sai. Não exige, não ocupa, não pede, não cobra. Ele abre mão de tudo e vive da sua onipotência, para que participemos e sejamos nós mesmos, uma liberdade diante dele.

Se quisermos amar, e, certamente, queremos, é isso que devemos fazer com os nossos irmãos, e é isso que esse Menino vem fazer a nós. Diz o Evangelho que Ele foi amarrado em faixas. Foi amarrado para que nós estivéssemos desamarrados. Era *in fans* – infante: aquele que não fala. Nasce mudo, para que falemos. Ele não nasceu na onipotência. E o mais maravilhoso ainda: Ele nasce pequenino, inerte, indefeso, para que possamos ocupar todos os espaços, e Ele, sem nenhum ciúme das nossas liberdades, se alegra com elas.

Natal é celebrar essa liberdade, na responsabilidade. Livres de tudo. São Paulo tem a ousadia de dizer que não há nenhuma lei para o cristão – e olhem que eu estou falando isso no Judiciário! Ele acreditava que quem ama cumpre a

lei, tem a plenitude da lei. E se, de fato, nós, humanos, amássemos, poderíamos fechar todo o Judiciário. Tudo isso existe, porque não existe amor. No momento em que houver amor, haverá aquilo que faz a nossa existência ser bonita, porque abriremos sempre espaço para o outro. Nunca ocuparemos o espaço do outro. Todo crime acontece quando eu entro na liberdade do outro, quando ocupo o espaço do outro. E, às vezes, eu chego a ocupar de tal maneira, que quero tirar-lhe a vida, quero matá-lo. Se respeitássemos o espaço de cada um, nunca haveria crime. Viveríamos sem Judiciário, e eu nunca mais falaria aqui para vocês. Boa noite! (18.12.98)

(* palestra proferida no extinto Tribunal de Alçada de MG, por ocasião das comemorações de Natal.

ESCATOLOGIA: REALIDADE OU SIMBOLISMO? (#)

Refletir sobre a escatologia é buscar um ponto central a partir do qual possamos entender estas diferentes realidades: céu, inferno e purgatório. Não vamos vê-las como coisas separadas, mas procurar entendê-las como um conjunto que, ao mesmo tempo, mostra que cada uma implica as outras, e todas fazem uma única realidade, que chamaríamos de realidade escatológica. Vamos procurar esquematizá-las em um sistema, e mostrar também os aspectos pessoal e pastoral.

O QUE É ESCATOLOGIA?

Não é tanto o estudo das últimas realidades. Eu diria que é o estudo do último e definitivo de todas as realidades. Cada ação humana, feita em liberdade e consciência, se defronta com o mistério de Deus, e nisso ela tem algo de transcendente, de escatológico. Tentar descobrir esse aspecto, que ora pode ser de céu, ora de purgatório, ora de inferno, é o primeiro olhar escatológico. Isso vamos procurar fazer rapidamente, passando por estas três realidades: céu, inferno e purgatório.

Escatologia não é descrever, nem especular sobre essas realidades, mas descobrir o último e definitivo de todas as coisas.

Freqüentemente, falar das últimas realidades serve para atemorizar as pessoas, para fazer discursos moralistas. Nós, pelo contrário, vamos procurar um discurso muito mais pessoal, mais existencial. Vamos falar do último e absoluto de todas as coisas. E qual é esse último, definitivo e absoluto de todas as coisas? Naturalmente, eu falo que é Deus e, para nós, um Deus que é Trindade e que já está presente em todas as realidades humanas, embora ainda não desvelado totalmente.

Vou deter-me um pouco na dialética, na tensão escatológica, nesta dimensão do já e ainda não. **Já** porque já tocamos as últimas realidades. Depois que Cristo ressuscitou, de certa maneira, o fim do mundo aconteceu nele. E nós, enquanto participantes da ressurreição de Cristo, participamos desse último e definitivo, mesmo continuando a viver aqui na Terra. Ainda não aconteceu, porque essas últimas realidades não se desvelaram totalmente, não ficaram inteiramente transparentes, ainda há uma caminhada. Mesmo depois da morte de cada um de nós, outros ainda virão, de forma que essa realidade vai-se desvelando continuamente até que a última pessoa livre e consciente a desvele. Podemos dizer que a realidade escatológica já está presente e ainda não está presente.

Mas qual é esse último e definitivo do qual falamos? É claro que não é último na sucessão do tempo, porque não é uma fila de acontecimentos. Não me

refiro a uma lista de pessoas ou de acontecimentos. Esse último é qualitativo, isto é, envolve e dá sentido a todas as realidades. Não é necessário que se espere uma sucessão de acontecimentos, para que esse último aconteça. Ele acontece em todas as realidades e acontecimentos. Essa percepção não é tão simples para nós, porque somos muito habituados a pensar em tempo, espaço, em tempo linear, em espaço geográfico, de movimento, como quem vai de um lugar para outro. Precisamos fazer um esforço para pensar a escatologia a partir de outras categorias. Não de tempo ou espaço, mas, sobretudo, na categoria das relações. Isto é, vamos nos relacionar com uma realidade última e definitiva, uma realidade que ultrapassa todo o tempo, todo o espaço, apesar de experimentá-la num tempo e num espaço determinado. Haverá um momento em que vamos experimentá-la na sua plenitude, ultrapassando, nós mesmos, tempo e espaço.

Vivemos a realidade escatológica em dupla dimensão. Vivemos superando tempo e espaço dentro do tempo e do espaço, até o momento em que superaremos definitivamente o tempo e espaço. E é nesse momento que a realidade vai desvendar-se totalmente para nós. Podemos dizer que o futuro absoluto, esse **último** é o próprio Deus, enquanto é sempre futuro para nós. Está presente na nossa história, mas nunca totalmente. A história humana não consegue esgotá-lo, por isso Ele sempre nos move para um fim maior. É o último momento da nossa história, não no sentido linear, mas para dar a essa história uma realização plena a cada momento. É essa mesma história que chegará à sua plenitude.

Continuando a nossa reflexão, podemos dizer que, quando Jesus veio à Terra, pregou, como nós dizemos, o Reino de Deus, e, quando pregava, estava dizendo alguma coisa de final. Dizia que o Reino de Deus estava entre nós, como uma realidade **última** que estava acontecendo. Quando fazia milagres, curando cegos, leprosos, ressuscitando mortos, sempre passava a idéia de que aquela realidade continha alguma coisa de definitivo: o Reino de Deus, quando todas as realidades serão recuperadas, todas as enfermidades serão curadas, todos os pecados perdoados e a morte será vencida. Aquilo que ensaiava na sua vida terrena e vai realizar plenamente na ressurreição, Ele chama de Reino de Deus.

Podemos dizer que Reino de Deus é essa presença de Deus atuando na história, começando já aqui no presente, até levá-la à sua plenitude. Haverá um momento em que todas as realidades serão superadas e, nesse momento, podemos dizer que o Reino de Deus atingirá a sua plenitude. De novo voltamos à mesma tensão do **já e ainda não**.

Mas volto à pergunta: isso é realidade ou simbolismo? Essa alternativa não está bem colocada, pois realidade não se opõe a simbolismo, se entendermos simbolismo no sentido bem mais forte, bem mais compacto da palavra. Tomemos a sua etimologia. Vem de símbolo, que vem de *sym*+*balein* – ligar, colar, unir. É o oposto de *dia*+*balein* – diabo, dividir, separar. A idéia nasce de um contrato. Vamos imaginar que tenho um bastão. Eu o quebro e faço um contrato com alguém, que terá direito à recompensa, onde encontrar a outra parte do bastão que

se colar com a sua. Quando as duas partes do bastão se colarem, é *sym+balein*, haverá direito ao cumprimento da promessa.

Passemos agora ao campo espiritual, isto é, uma realidade visível, sensível, que aponta para uma realidade que ultrapassa. É o visível que aponta para o invisível, uma realidade sensível que aponta para outra que a transcende. Quando olharmos essas realidades aqui na Terra, tentaremos buscar o que elas têm que apontam, que mostram uma realidade definitiva. Para isso, precisamos distinguir símbolo, sinal e imagem. São três coisas parecidas.

Quando falamos de sinal, falamos de alguma coisa que só tem um significado. Ao andarmos pela rua e depararmos com a luz vermelha do semáforo, sabemos que devemos parar o carro. Não podemos chamar isso de símbolo, porque tem um só sentido. Mas, se por acaso, encontrássemos numa rua um vaso de flores, nos surpreenderíamos, pois isso pode significar muitas coisas. Não é mais sinal, mas símbolo. O símbolo tem a vantagem de mostrar muito mais significados. Quando ouvirmos falar de jardins celestes, bodas, saberemos que não se trata de descrições, de narrações, mas de símbolos, isto é, querem mostrar que há uma realidade por trás. Por exemplo, quando Jesus falava de banquete, não queria dizer que no céu haveria comida em abundância. A mesma coisa quando falava de fogo. Banquete é símbolo, fogo é símbolo. Há sempre uma realidade por trás. O símbolo quer mostrar, apontar exatamente para essa realidade. Portanto, a melhor linguagem para falarmos da escatologia é a linguagem simbólica e dela a Escritura está cheia. Mas o nosso equívoco é querer entender o símbolo como descrição. É como a imagem, que quer desvendar a realidade para nós. Durante a Guerra do Iraque (*), as narrativas, as imagens eram tão nítidas que tínhamos a impressão que tudo aquilo estava acontecendo na nossa sala. Não havia símbolo algum, mesmo porque as imagens midiáticas destroem a capacidade simbólica, porque nos impedem de imaginar alguma coisa invisível.

Neste curso de escatologia, vamos trabalhar todo o tempo com uma linguagem simbólica. Mas é importante lembrar que isso não quer negar uma realidade. Símbolo não se opõe à realidade. Opõe-se sim, a realidades visíveis e sensíveis, porque é através delas que vamos mostrar uma realidade maior. Todas as realidades escatológicas tocam o último e definitivo, que é Deus, que não pode ser abarcado por nenhum conceito.

É bom lembrar que Deus vem de *dies*, que é dia, que é luz. Deus é luz elétrica? É luz solar? Não, são símbolos. A luz mostra beleza, transparência, clareza. Portanto, luz é uma linguagem simbólica, mas, por trás do símbolo, existe uma realidade maior que os nossos sentidos não podem tocar. Falando sobre céu, inferno e purgatório, vamos precisar de toda essa linguagem dos símbolos, que não são sinais, porque são muito mais ricos, têm uma dimensão muito maior, pois fazem com que possamos pensar.

Há um filósofo francês, Paul Ricoeur, que disse esta frase tão bonita: “o símbolo dá a pensar”. Quando olharmos um símbolo, procuremos ver nele algo

que nos ajude a conduzir o nosso pensamento, a elevar a nossa criatividade. Que não fiquemos presos a uma descrição. O que mais dificulta a nossa compreensão é que, muitas vezes, pensamos que a Escritura descreve céu e inferno, demônios e anjos. Toda essa linguagem é simbólica, e precisamos lutar para recuperá-la, não no sentido negativo, numa linguagem para criança, mas num sentido muito mais profundo. Não é infantil no sentido vulgar, mas no sentido de pessoas abertas, livres interiormente para perceber a beleza do símbolo. É nesse sentido que vamos continuar refletindo sobre a realidade escatológica e deixo uma última pergunta: o que é esse último e definitivo? Como pensar, como imaginar, como concretizar, como transformar em símbolo a realidade escatológica de céu, inferno e purgatório?

JUÍZO E PURGATÓRIO:

Recordo, mais uma vez, que vamos usar uma linguagem simbólica, para nos ajudar a penetrar o mistério maior desta realidade que chamamos purgatório. Vamos tentar interpretar o que se descrevia de uma maneira visual, quase narrativa, para que possamos entendê-lo melhor, dentro do nosso horizonte cultural.

Para começar nossa reflexão, gostaria de dizer algo que chamo de imaginário religioso-social e é muito marcante: representamos, isto é, colocamos presente, através de imagens, a realidade. Por exemplo, a criança, quando quer falar de Deus, diz que Ele está lá em cima. **Em cima** é uma representação. Representamos o inferno **embaixo**. Cada país tem sua cultura, portanto, precisamos de nossas representações. Quando queremos mostrar que estamos alegres, imaginamos a alegria entre pulos, gritos, abraços, fogos, como num jogo de futebol que o nosso time vence. Isso cria o imaginário, de tal maneira que, quando ouvimos uma gritaria, conforme o seu som, sabemos se é alegria, e até de qual time foi o gol.

O mundo religioso é muito mais rico na criação de seus imaginários. Chega o domingo e, de repente, o sino toca. Logo nos lembramos da missa. Sempre associamos um ruído a uma representação. Quando, às dezoito horas, toca-se um disco, lembramos a Ave-Maria, e assim por diante. Tudo é imaginário. Toda a nossa vida está povoada de símbolos, de representações que constituem o nosso imaginário religioso. Ele foi formado, sobretudo, por grandes representações. Sabemos que em Roma existe a Capela Sistina, onde Michelangelo pintou o juízo final. Alguém, vendo aquela imagem, representa o juízo final daquela maneira, contribuindo para a criação de um enorme imaginário religioso do juízo final: Cristo como julgador, as almas sendo condenadas, todo aquele fogo. Tudo isso representa, faz com que pensemos que o juízo final é daquela maneira.

Outro que contribuiu muito para o crescimento do nosso imaginário é um grande poeta, também italiano, Dante Alighieri. Escreveu a “Divina Comédia” que, no fundo, é uma descrição do purgatório, do céu, do próprio inferno. Há uma famosa frase que ele coloca na entrada do inferno: “lasciate ogni speranza

vois ch'entrate" – os que aqui entraram deixaram toda a esperança. É um grande elemento para o nosso imaginário, porque logo imaginamos o inferno como um lugar onde se perde toda a esperança.

Há um poema bellissimo de Antônio Vieira (**), no qual ele fala que a morte tem duas portas – uma pela qual deixamos essa Terra e outra pela qual entramos para a eternidade. Não existe nenhuma porta, é imaginário. Esse imaginário vai-nos ajudar a entender como as pessoas compreendiam essas realidades e como, de repente, a cultura começa a se modificar, de forma que aquele imaginário já não nos serve mais.

O que ajudou a construir esse imaginário já sabemos – histórias que ouvimos, imagens que guardamos desde a infância: lobisomem, mulas sem cabeça, capetas que nos levam a imaginar alguém que iria castigar. Sem querer, ou querendo, fomos construindo um imaginário. Mas tudo isso, todas as nossas imagens de céu e inferno começaram a ser lentamente destruídas. Tudo começa a ruir, quando Galileo Galilei (***) questiona a certeza de que o céu físico era um firmamento – uma espécie de placa, daí firmamento, que se apoiava em duas grandes montanhas, como todos pensavam. E nesse firmamento se dependuravam as estrelas, o sol, como hoje dependuramos as lâmpadas. Assim imaginavam que, no fim do mundo, esse firmamento se agitaria, provocando a queda de estrelas e sóis sobre a Terra, num grande fogo que acarretaria o fim do mundo.

Vem a ciência e diz que não há firmamento, mas camadas de gases. Que os astros se movimentam em gigantesca velocidade, em constante expansão. Todo o cosmo continua crescendo, expandindo-se. Portanto, não há uma natureza fixa, não há um lugar. Daí a estupidez da famosa frase do astronauta russo – Lúri Gagárin –, que deu a primeira volta em torno da Terra. Ele voltou dizendo que Deus não existia, porque ele fora ao espaço e não se encontrara com Ele. Imaginavam que existia uma casa onde Deus morava. Esse imaginário já não funciona.

Vamos avançar um pouquinho mais sobre o que acontecia com o imaginário do purgatório e do juízo. O imaginário do juízo é antigo. Havia um grande vale – de Josafá – onde todos os seres humanos se reuniriam para serem julgados. Só podia mesmo ser imaginário, pois como, num vale, caberia toda a humanidade, de todos os tempos?! Que vale comportaria tanta gente? Mas que realidade esse vale queria mostrar? Há outra coisa nesse mito, mais que o próprio símbolo. Não basta destruir o imaginário. Começamos então a nos perguntar como podemos experimentar o juízo através de algo que pertença à nossa vida concreta. Quem de nós não percebe o seu superego, essa força interior inconsciente que, de repente, nos julga, nos preocupa, nos incomoda?

Conta-se que um grupo de jovens sérios e cristãos que entraram na clandestinidade durante o regime militar brasileiro, quando decidiram fazer o primeiro assalto para arranjar dinheiro, ao entrarem num banco, gritaram: “Isso é um banheiro, entrem todos para o assalto!” Nesse sentido, percebemos que

existe um consciente que julga, que complica a nossa vida. A nossa consciência está continuamente nos criticando, nos acusando. Também os nossos colegas, nossa família são juízos que experimentamos. Há o juízo que fazemos em nossas confissões, não só sacramentais, mas entre esposos, entre amigos. Isso também é um juízo.

Assim, podemos perceber que o juízo – como o já e ainda não – começa aqui na Terra. Não totalmente, mas já um começo, mesmo que imperfeito. A História também julga. Temos, na História do Brasil, pessoas, como Tiradentes, que foram condenadas e depois transformadas em heróis. Outros foram heróis, ditadores, e depois julgados como vilões. Nesse sentido, também a história faz o seu julgamento. O juízo é, então, uma experiência que fazemos. Isso muda o nosso imaginário. Somos pessoas relacionais. Relacionamos com nós mesmos, com as pessoas, com a história, com as realidades que vão-se desvelando. Juízo é um momento de transparência. Faz-se na história e vai para além dela. É claro que haverá um momento de um juízo final e particular. Particular porque ficaremos transparentes diante de Deus; final porque será a última verdade sobre nós.

Na hora da morte é que realmente acontecerá o verdadeiro juízo, porque diante de Deus vamos perceber quem somos, toda a verdade de nós mesmos. E essa verdade também é a verdade da história, porque eu faço parte dela. Nesse sentido, o juízo já se manifesta ensaiado, por assim dizer, e se tornará para nós o juízo definitivo, no momento em que chegarmos diante da transparência de Deus.

Alguém pode continuar a perguntar: e o que é purgatório? É diferente do juízo? É e não é. O juízo se faz, porque nos tornamos transparentes diante de Deus, que é o nosso Senhor, o nosso Salvador. E quando ficarmos transparentes diante dele, iremos perceber, com toda a clareza, tudo aquilo em que lhe ofendemos. Ele, todo amor, não foi amado por nós. E essa experiência de eu não ter amado aquele me ama de maneira infinita, vista em sua transparência, causará uma dor imensa. Mas não precisa de fogo, basta o amor. Penso que o maior purgatório que possamos ter é o momento em que estivermos diante da verdade de nós mesmos, diante de Deus. Tudo o que havia em nós de impureza, de egoísmo, de materialidade, irá desaparecer no fosso gigantesco do amor. Então, posso dizer que purgatório é a experiência de amor na dor. Qualquer pessoa que fez a experiência de se ver diante de um filho, de um amigo, de uma esposa a quem magoou, experimentou essa dor. Lembro o exemplo de um esposo que se encontra diante da esposa inocente, quando ele vem da traição. Talvez o amor dela será para ele a maior punição, a maior dor. É amor e dor!

Não precisamos pensar em fogo no sentido material. As almas não se queimam, porque o amor não pode queimar. Os nossos corpos, depois da morte, não poderão ser atingidos pelo fogo, mas poderemos ser submetidos a uma purificação e precisamos dela, porque ninguém poderá chegar impuro diante de

Deus. Juízo e purgatório são realidades que encontraremos na transparência, nos purificando para vivermos eternamente em Deus.

Purgatório, céu, inferno são realidades e não simbolismos. Mas temos acesso a essas realidades por meio do símbolo – essa ponte que me permite compreender uma realidade que ultrapassa a minha capacidade de entrar em um mistério maior, que é Deus na sua grandeza. E podemos percebê-lo de diversas formas. No fundo, a escatologia é o encontro com Deus. Quando percebo que preciso ser purificado, chamo a isso de purgatório. Quando me vejo diante de Deus e percebo toda a transparência de minha história, eu mesmo me julgo à luz de Deus. Quando sei que esse Deus é o último e definitivo, que Ele é o verdadeiro Reino de Deus e o Deus do Reino, aí entendo o núcleo fundamental dessa realidade.

INFERNO:

Talvez seja uma novidade para muita gente, mas eu diria, com toda a coragem, que Deus não criou o inferno para ninguém. Os únicos que podem criar o inferno somos nós mesmos. Isto é, podemos rejeitar o amor de forma definitiva. Isso realmente seria a realidade do inferno. E por que falar dessa realidade? Não para ameaçar, porque já vai longe o tempo em que as missões populares, as pregações procuravam freqüentemente carregar as tintas com discursos moralizantes, que intimidavam as pessoas. Comparavam céu e inferno como dois destinos iguais. Há uma diferença profunda: o céu é uma realidade, o inferno é uma possibilidade real.

Tratando-se de céu, a realidade é um substantivo. Tratando-se de inferno, a realidade é um adjetivo. O substantivo é uma possibilidade, e isso já nos faz tremer. Mas, do inferno, pouco sabemos, nem mesmo se há alguém lá. Que há alguém no céu, sabemos. Portanto, o céu é o ponto central de nossa fé. O inferno não é objeto de pregação, mas de reflexão sobre a nossa liberdade, a nossa responsabilidade. Isso é o que vamos tentar refletir e aprofundar, a começar da própria palavra inferno, que tem vários sentidos.

As pessoas mais velhas devem se lembrar da forma antiga do Credo, que dizia que Cristo desceu ao inferno, para se dar a certeza de que Jesus ressurgiu dos mortos. Foi o que aprendi no catecismo. Em formas mais modernas do Credo, diz-se que Jesus desceu à mansão dos mortos. Evidentemente, ficou bem mais *light*. Antigamente, inferno pertencia ao imaginário do povo judeu. Imaginavam que, morrendo o ser humano – compreendido como coisa única, sem separação de corpo e alma –, ele iria inteiro para um lugar embaixo, inferior, que eles chamavam *sheol*, onde ficavam todos os mortos. Essa foi uma primeira idéia. Bons e maus, todos num lugar escuro. E havia salmos pessimistas que diziam que de lá Deus não tiraria ninguém.

Lentamente, começam a pensar que Deus não seria tão impotente diante da

morte, e também que não poderiam todos ficar, igualmente, no *sheol*. Começam, então, a distinguir dois tipos de *sheol*: um para os maus, que vai ser traduzido em latim, chegando até nós como inferno, e um outro *sheol*, em que os justos estariam esperando a ressurreição, transformou-se no famoso limbo. Esse era o *sheol* ao qual Jesus desceu, chamado mansão dos mortos na atual formulação do Credo. Essa simbologia está clara nesse sentido antigo da palavra.

Hoje vamos usar outra maneira de formular essa experiência. Não vou falar nem de espaço nem de tempo. Não vou fazer como faziam os antigos para amedrontar as crianças: mandavam-nas imaginar a Terra como uma imensa bola de chumbo e que, a cada mil anos, um pássaro dava uma bicadinha e arrancava uma lasca dessa bola. No momento em que ela acabasse, o inferno estaria começando. É claro que causava um terror imenso! Vamos pensar inferno em outro tipo de reflexão, enfrentando todas as nossas resistências.

A própria Escritura diz que a vontade maior de Deus é que todos se salvem. Há uma frase na carta de São Paulo a Timotéo que diz que Deus quer que todos se salvem. Também somos levados a pensar na infinita misericórdia de Deus. Qual pai, mesmo aqui da Terra, seria capaz de condenar um filho a um suplício? Que Deus sádico seria esse? Começamos a sentir uma certa resistência, um certo desapontamento. Se nós, seres humanos, que somos maus, não somos capazes de pensar numa tortura, como Deus poderá criar fogo para queimar as pessoas eternamente? Uma outra razão para fortalecer nossas resistências é pensar que nossas decisões são sempre fragmentadas. Às vezes, não queremos fazer e fazemos. Paulo já dizia: “eu faço o mal que não quero”. Mesmo esses criminosos bárbaros, teriam agido livremente? Nem sempre tiveram pai ou mãe, foram maltratados, violentados quando crianças. Teriam realmente culpa a ponto de merecer o inferno? Não haveria uma desproporção? Todos esses argumentos levaram muitas pessoas a pensar de maneira diferente.

Por outro lado, existe uma resistência a essa resistência, que não veio da Igreja, de pessoas piedosas não. Quando terminou a Segunda Grande Guerra de 39/45, os judeus que não estiveram em campos de concentração começaram a tomar conhecimento do que acontecera, dos milhões e milhões de judeus que foram cremados, e começam a questionar: pode o carrasco prevalecer à vítima? Um Eichmann, que matou milhares de pessoas, poderá ter o mesmo destino de suas vítimas? Em termos bem concretos: Hitler poderá estar ao lado de Edith Stein, e de tantos outros mártires, vítimas do nazismo? Também Stálin, que matou milhões na Rússia, quase exterminando os chamados *pivetes* que viviam nas ruas de Moscou, poderia ter o mesmo destino de suas vítimas? Esses homens, que continuam tramando guerras, criando bombas, chamadas inteligentes, poderão estar ao lado das crianças por eles assassinadas? Essa é a razão por que não é tão fácil passar por cima do inferno.

Ao mesmo tempo em que ficamos horrorizados com a existência do inferno, também nos horrorizamos se ele não existir. E aí está o problema. Mesmo as

pessoas que querem se convencer de que não há inferno, também elas têm um senso ético, que diz que não é possível que todos sejam iguais depois da morte. Então, tudo o que fizemos aqui na Terra não tem sentido nenhum? Portanto, há razões muito sérias para pensarmos que o inferno deve ser, pelo menos, imaginado. É uma possibilidade sobre a qual devemos refletir, porque está em jogo a ética, a responsabilidade humana, a justiça em relação às pessoas. Não somos animais sem liberdade, sem consciência, que podem pensar em cremar crianças, em criar bombas atômicas e depois ir sorrindo para o céu. São esses fatos que nos colocam diante da realidade muito séria do inferno.

Há uma longa tradição na Igreja de que realmente haverá um juízo final. Orígenes foi um grande teólogo que defendeu a teoria, cujo nome em grego é muito complicado: *apocatástase* – que significa que todos serão redimidos, inclusive os demônios, e que as penas do inferno são medicinais, portanto, pedagógicas. Isto é, para que as pessoas se purifiquem, até chegarem à plenitude da vida. Mas a posição mais tradicional da Igreja é a afirmação da existência do inferno.

Aprofundando um pouco mais a nossa reflexão, concluímos que não podemos negar que a vida humana é um risco, que as nossas decisões são carregadas de responsabilidade, que temos uma ética e que não podemos agir de maneira irresponsável. Deus não força a liberdade de ninguém, não vai salvar ninguém à força, arrancar alguém do inferno contra a própria vontade, obrigando-o a amá-lo. Deus respeita a liberdade da pessoa humana em todas as suas decisões. Portanto, aceita que alguém não o queira. Isso muda bastante a nossa compreensão: já não é Deus que cria o inferno, que condena a pessoa ao inferno. Ele respeita alguém que não o quer amar. E o não querer amar a Deus nunca, nem a si mesmo, é o que eu chamo de inferno. Isso quer dizer fechar-se em si mesmo, num egoísmo tão radical, numa solidão total, num isolamento absoluto, sem uma migalha mínima de amor por ninguém. Se alguém quiser experimentar, poderá saber o que é inferno. É a incapacidade concreta de amar, é o ódio, a raiva, o desejo de destruir todas as pessoas, é querer estar sozinho. Por isso, o grande, o único, o verdadeiro pecado é o orgulho satânico, que eu chamo *luciferino*, de alguém querer ser absoluto e infinito, de não suportar ninguém diferente dele. Obviamente, não pode comungar com ninguém. É o ser só, absolutamente só – isso é inferno! Não é apenas querer estar só, mas, ao longo da vida, ir construindo seus egoísmos, seus isolamentos, ir buscando apenas a si mesmo, sem abrir-se a ninguém. Há pessoas que dizem amar os outros, quando, na verdade, só amam a si mesmas.

Essa é a reflexão que queria deixar para vocês: quantas vezes dizemos que amamos, mas será que amamos do verbo amar? Qual é o objeto indireto do seu verbo amar? Muitas vezes o verbo amar é reflexivo. A pessoa se ama, ama apenas a si mesma, excluindo qualquer outro do seu amor. Isso é inferno!

A partir daí, podemos pensar em amar a Deus. Qualquer pessoa que quiser

voltar a amar a Deus, poderá fazê-lo a qualquer hora, porque Ele não rejeita, não condena, não expulsa ninguém, não joga ninguém no inferno por um simples ato isolado na vida. Simplesmente respeita a decisão radical e fundamental que fazemos. Essa seria a compreensão mais consentânea com a nossa liberdade e com a compreensão do ser humano de hoje. Inferno não é fogo, não é lugar, mas é solidão absoluta. Experimentem ficar só e terão uma pequena visão do que é inferno. Não desejo isso a ninguém. Amem e conhecerão o contrário do inferno.

CÉU:

Realidade ou simbolismo? Realidade e simbolismo não se excluem. Realidade, porque existe, tem consistência, tem inteligibilidade, há uma lógica por dentro. Podemos compreender que assim seja e que assim deva ser. Simbolismo porque só tem sentido, partindo-se de experiências, de realidades humanas que apontam para algo muito maior. Por exemplo, eu falava que, quando nos lembramos de purgatório, pensamos em fogo, em sofrimento, em pessoas pensando de dor, de perda. Falava de inferno como uma solidão radical. E, para exprimirmos a solidão radical, pensamos que o fogo é a melhor maneira, porque as pessoas simples imaginavam as suas realidades imediatas. Se pensarmos em símbolos, em relação, em imagens como estou usando aqui, chamarei purgatório de um encontro de purificação diante do amor de Deus. É o sofrimento de perceber não ter amado quem me amava infinitamente. Só quem experimentou isso sabe como dói. Lembro o exemplo de casais, eu mesmo conheço casos pessoais de dor terrível, tanto de esposas quanto de esposos, depois de momentos de infidelidade. Se não houvesse amor, não haveria dor. Pensar o purgatório dessa maneira é muito mais humano e muito mais plausível para nós. Não é preciso colocar fogo nem outras coisas. Da mesma forma, quando falava de inferno, falava em solidão radical. Sempre por trás de inferno e purgatório está o não amor.

Antes de inferno e purgatório está o céu. Ele é o primeiro, é o plano de compreensão que permite ver as outras realidades, não vice-versa. O céu é a realidade, enquanto inferno e purgatório são possibilidades reais. O céu é a primeira realidade que precisamos pregar, anunciar. É a esperança para a qual fomos criados, de onde viemos, por assim dizer. Se viemos do amor de Deus, viemos do céu e caminhamos para lá. É a realidade fundamental. As outras só podem ser entendidas a partir dele. É exatamente o contrário do que sempre imaginamos: não é que tenhamos de sofrer para chegar lá. O céu é que dá a luz, para que compreendamos todas as realidades. O fim é o início e o início é o fim. Podemos dizer que o céu é a última e primeira realidade. É a última, porque caminhamos para lá. Estamos em processo de caminhada, portanto céu é o objetivo. Mas também é início, porque nos faz compreender todas as coisas. É

o que está diante da mente de Deus desde toda a eternidade. É o que Ele pensa e quer para nós. Portanto, nesse sentido, céu é o primeiro, é a plenitude.

Mas não é uma coisa para ficarmos imaginando e sonhando. Novamente temos os imaginários. É claro que vem da Idade Média, das pinturas, dos antigos livros de catecismo. O próprio Jesus usou imagens: o banquete, as núpcias. São imagens que Ele escolheu para o seu céu, porque achava que eram as experiências mais bonitas do ser humano. Um banquete é uma refeição alegre, festiva, em que as pessoas estão bem nutridas, bebem um bom vinho, como nas bodas de Caná. Tudo isso é símbolo para céu, para nos dar idéia de plenitude, e caminhamos para lá. Mas podemos dizer, como dissemos do purgatório e do inferno, também na Terra temos experiências de céu.

O céu não pode nos cair como surpresa absoluta, como se, de repente, acordássemos numa realidade que nunca tivéssemos vislumbrado. Pelo contrário, é a plenificação de um caminhar e de uma história. Essas experiências, nós fazemos todas as vezes que vivemos uma realidade de alegria e de esperança, em qualquer nível que seja. A alegria é o início, é um ensaio do céu, mas há de ser uma alegria profunda, não dessas alegrias químicas que precisam de *Prozac* para fazer rir. Nada disso é alegria, mas reação orgânica, como no caso das bebidas. A pessoa pode começar a rir, contar piada, mas não é dessa alegria que eu falo. Não nasce de experiência nenhuma, não tem consistência, não nasce de um ser livre e consciente, mas de uma reação orgânica, provocada por substâncias químicas. Qualquer médico pode nos dizer que há substâncias que produzem bem-estar físico. Depois de duas horas de ginástica, o organismo produz substâncias químicas que provocam bem-estar. Nada mal, mas isso não é céu. É orgânico, e isso os animais podem sentir.

Essa mesma substância pode ser produzida por um ato de liberdade, de entrega, de participação com o outro. Certa vez, um senhor me falava que, ao assistir ao parto de seu primeiro filho, sentiu um êxtase, uma alegria imensa: sua vida dando vida, uma vida nascendo do amor que existia entre ele e sua esposa. Esse elo que o ligava a seu filho, à sua esposa, era uma experiência inaudita. Também outro me dizia que, quando voltava cansado do trabalho e encontrava o filhinho pequeno dormindo na cama, aquilo o enchia de alegria, acabando com todas as suas dores e cansaços. São experiências de céu que todo pai faz. Portanto, já o experimentamos aqui na nossa Terra. Quando falamos de céu, falamos de experiências que já estamos vivendo. Quanta alegria sentimos quando, depois de uma luta árdua, conseguimos nosso objetivo?! Fazemos aquela festa gostosa com guaraná, pipoca; dançamos e cantamos a noite toda. Também isso é um pequeno ensaio do céu. Também certos momentos da vida política do país, de exuberância, de alegria, de esperança, quando os mais pobres e oprimidos aparecem e mostram a sua força, são experiências de céu.

O que nos impede de perceber isso é uma cultura que coloca as felicidades,

os gozos, na materialidade. Por isso eu uso a palavra **química**. A química está destruindo a felicidade do ser humano. E cada vez se descobre mais química, mais remédio, mais maneiras de nos enganar por mais tempo. Esse é o terrível! Antigamente não havia tanta química, e as pessoas tinham que procurar verdadeiras alegrias. Hoje, com toda a parafernália farmacêutica, podemos ter uma vida gostosa todo o tempo, podemos abolir todas as dores, todas as tristezas, porque qualquer *remediozinho* nos faz eufóricos. Pensamos que somos felizes, mas, no fundo, é tudo alegria animal. Alegria da vaca, que fica feliz quando vê um pasto verde. Mas nós somos diferentes. A nossa alegria é da liberdade, da consciência, da comunicação, da relação entre as pessoas.

Enquanto alguém não conseguir perceber isso, nunca saberá que coisa é céu. É o materialismo, o hedonismo mais baixo e grotesco. Não sou contra a felicidade, pois ela é fundamental e nascemos para ela. Mas a grande pergunta é: como somos felizes? Então, céu é já anunciar a possibilidade de sermos felizes aqui na Terra e começar a mostrar que existe essa felicidade.

Impressionou-me muito um teólogo, chamado K. Rahner, que escreveu algumas poucas páginas sobre a experiência de Deus, que, no fundo, é a experiência de céu. Ele deu um exemplo muito simples: de repente, num dia qualquer, encontramos uma pessoa numa situação terrível. É uma pessoa que não pode nos agradecer, pois tem uma deficiência profunda, sem nenhuma capacidade de reagir. Vamos até ela, ajudamos, acolhemos. Ao voltar para casa, sentimos uma alegria diferente, sem precisar de nenhuma recompensa, de nenhum retorno para nos sentirmos felizes.

Conta-se que Teresa de Calcutá, ao passar pelas ruas, encontrava pessoas agonizando, em meio a uma miséria indescritível. Lá as pessoas morrem nas sarjetas, de miséria, de fome. Dizem que ela chegava diante do agonizante e sabia que não podia fazer nada, pois a morte era inevitável. Simplesmente tomava-o em seus braços frágeis, levava-o para uma casa, dava-lhe um banho, vestia-o com roupas limpas, deitava-o numa cama limpa, simplesmente para que ele morresse dignamente. Nunca iria agradecer a ela, sequer saber o que ela tinha feito. Mas ela podia sentir a felicidade de ter feito algo por aquele agonizante. Isso é céu, porque não se explica! Se se tratasse de alguém que fosse sobreviver, que pudesse agradecer, entenderíamos. Mas ela apenas pretendia dar a um ser humano uma morte digna. São essas experiências que nos levam a pensar.

Agora, imaginemos viver num lugar em que tudo é só isso: não há nenhum ódio, nenhuma agressão, ninguém planejando nada contra ninguém, e todos vivendo na maior plenitude, na maior comunhão! Isso já experimentamos muitas vezes aqui na Terra, assim como experimentamos os purgatórios, os juízos e, às vezes, até o inferno. Mas que possamos, cada vez mais, fazer a experiência de viver profundamente a nossa humanidade!

CONCLUSÃO:

A escatologia é o último e definitivo de todas as coisas, e esse último e definitivo podemos viver nas pequenas realidades, como um juízo, como uma purificação. Quando vivemos na solidão absoluta, podemos perceber um pouco o que é inferno. Mas nunca queiram entrar por esse caminho, nunca queiram ser tão egoístas, que pensem poder bastarem-se a si mesmos, porque a frustração é gigantesca. A solidão é a maior dor que o ser humano pode ter.

Convido todos vocês a experimentarem a alegria, a entrega, a partilha, a comunhão, pois estarão experimentando um pouco do que é céu. É isso que nos espera para além da morte. Amém.

(*) referência à invasão do Iraque pelos Estados Unidos, após os atentados de 11.09.01

(**) sacerdote jesuíta português que viveu no Brasil no século XVII

(***) astrônomo italiano que viveu no século XVI

(#) Curso ministrado no ISI (atual Faculdade Jesuíta), em Belo Horizonte, em junho de 2003

EUCARISTIA E RECONCILIAÇÃO (#)

Sempre que recebo um tema para ser objeto de reflexão, escrevo um texto, como me é pedido. Mas é claro que não vou ler para vocês. Esses textos que teólogos escrevem são como caquis verdes: difíceis, pesados. Se alguém tiver ânimo, pode ler depois. Mas, diante de um público como este, como um teólogo pode falar, a não ser com o coração?

Ontem à noite, ao rezar, eu me perguntava como iria começar a falar sobre eucaristia e reconciliação. João nos diz que Deus é amor, mas eu lhe pedi licença e retruquei que acho que Deus é mais que amor. Ele me questionou: “Mas existe algo mais que amor?”, ao que eu lhe respondi: “Deus é perdão!” E sabem por que perdão é mais que amor? Amor é dom, e perdão, com licença da etimologia, vem de *per* + *donum*. É dom com um *per* antes. Quem está acostumado com o português, sabe que esta partícula, este afixo *per*, eleva uma realidade a um grau maior. Portanto, *o dom mais dom* é o perdão. Podemos doar alguma coisa aos outros, mas, se perdoamos, doamos mais ainda.

Já estudei a vida de um bispo, que dizia que as pessoas que não sabem perdoar são infelizes. Essa frase me tocou muito. São pessoas que sofrem muito, por não serem capazes de perdoar. E Deus é só perdão. Imaginei Deus no céu, olhando para nós e dizendo: “Gente, eu vou criar uma enorme quantidade de maneiras, para que as pessoas recebam meu perdão!” Pensamos que Ele criou um só sacramento, mas estamos enganados, pois Ele criou muito mais meios para nos perdoar.

Quando eu ainda era criança – vejam como as coisas são importantes para as crianças – meu pai espiritual, que hoje está no céu, me disse que a água benta perdoava pecados veniais. Então eu me encharcava de água benta, mas só fui entender essa frase muito mais tarde, depois que me ordenei padre e fui abençoar a água. Percebi que, na bênção da água, nós dizemos que ela lembra, recorda a água do batismo. Então fui entender que, se tomo a água benta, que me faz lembrar a água do batismo, aquele momento em que a graça me invadiu, sobretudo no batismo de adultos, esse é um momento fantástico. Muitas vezes o adulto – como Santo Agostinho, por exemplo – traz um *caminhão de pecados* e, quando é batizado, este sacramento tem uma força gigantesca. Assim, a água benta, uma coisa tão simples, tem um significado enorme. Quando a tocarem, façam sobre si o sinal da cruz, recordem-se da graça do batismo e saibam que a graça de Deus está presente. Portanto, o perdão de Deus vai desde a água benta até o sacramento da reconciliação. Aí sim, Ele *esnobou* mesmo, deixando um sacramento só para o perdão. Todo ele feito para perdoar, nos educando e nos preparando para o momento áureo do perdão.

Não me pediram para falar do sacramento da penitência. Mas será que a Eucaristia também perdoa, também reconcilia? A essa pergunta eu vou responder.

Não colocarei em questão tudo o que a Igreja ensina sobre o sacramento da reconciliação. Mas vou dizer que Deus criou um meio ainda mais maravilhoso de nos perdoar, que é a eucaristia. Estamos pouco habituados a pensar que a eucaristia também perdoa, que é um sacramento de reconciliação. Não é o sacramento **da** reconciliação, mas é **um** sacramento **de** reconciliação.

Santo Tomás diz que na eucaristia cabem todos os sacramentos e ainda sobra. De certa maneira, todos os sacramentos participam da eucaristia. Primeiramente, o batismo, que nos prepara; o crisma, que nos fortifica para receber a eucaristia; para os que vão se casar, o seu amor será envolvido pela eucaristia. Os doentes, os fracos, nós, os mais velhos, que já pertencemos ao *departamento paleontológico do Museu Britânico*, também precisamos desse sacramento para nos dar força. Enfim, todos os sacramentos, de certa maneira, participam da eucaristia. Volto agora à pergunta que gostaria de fazer: em que sentido a eucaristia é um sacramento de reconciliação?

Quando João Paulo II escreveu a carta sobre o sacramento da reconciliação, que chamou de confissão, começou falando de duas idéias bonitas que servem para a nossa reflexão sobre a eucaristia. Ele disse que o mundo de hoje está dilacerado, porém tem uma nostalgia de reconciliação – dilacerado, com nostalgia de reconciliação. E nós, no Brasil de hoje, com as notícias que vêm de São Paulo (1), entendemos que realmente vivemos num mundo dilacerado.

No avião, quando vinha para cá, ouvia pessoas conversando, falando do medo de andar em São Paulo, uma cidade dilacerada. Conversava com uma pessoa da milícia, que me dizia estar trabalhando, enquanto sua esposa e filhos estavam em casa. Dizia do seu medo de viver numa cidade dilacerada. É claro que o papa não falava de São Paulo, pois esses fatos ainda não estavam acontecendo. Ele falava de todos os dilaceramentos que sempre nos cercaram: campos de concentração, fanatismo religioso, guerras no Iraque e no Afeganistão, violência urbana. Uma quantidade enorme de dilaceramentos. E nós estamos aqui para falar do sacramento que reconcilia, portanto, que toma esses dilaceramentos e une-os numa realidade. Esse é o nosso sonho, um sonho eucarístico!

Diria que nós temos saudade – perdoem-me o paradoxo – do futuro da reconciliação. Pensamos que só temos saudade do passado, mas temos saudade do futuro também. Essa se chama desejo. Quando o papa disse que há uma nostalgia, não falava de saudade, mesmo conhecendo bem o português. Nostalgia nos lembra aquela cara triste *de sexta-feira santa de tarde*. Saudade é uma palavra bonita, conhecida apenas por duas línguas: português e galego. Nós temos a palavra para dizer que temos saudade da reconciliação, e, falando do sacramento da eucaristia, devemos lembrar que também ele é um sacramento de reconciliação.

Começo lembrando que há duas linhas, duas grandes tradições eucarísticas. Toda tradição sempre tem uma riqueza e um limite. Uma riqueza, porque nos comunica algo, algum valor, mas tem também o limite do tempo. Toda tradição

está localizada e tem o limite da época, da cultura que vai-se sucedendo. Depois que passa uma cultura, percebemos o seu limite, que não percebíamos quando estávamos dentro dela. Por exemplo: qual de nós, hoje, teria coragem de defender a tortura? Qual de nós teria coragem de queimar um herege? Hoje abominamos essa idéia, mas, ontem, fizemos, no passado, fizemos. E, nesse sentido, Frei Betto (2), que é muito perspicaz, diz que, talvez amanhã, teremos vergonha dos meninos de rua, dos pobres mendigos que dormem debaixo dos viadutos nas noites frias das nossas cidades. Hoje, passamos por eles nos nossos automóveis e nem reparamos. Não têm onde tomar banho, a não ser nas fontes das praças. Daqui a pouco, isso será um escândalo enorme! E quando recordarmos que um dia pusemos seres humanos atrás de grades?! Talvez, um dia, achemos isso um verdadeiro horror, mas continuamos fazendo, em 2006. Assim as tradições carregam algo de positivo, mas também carregam limites.

Começemos pela tradição da eucaristia ocidental, que é mais próxima de nós. A nossa cultura quer verificar cada detalhe cartesianamente. Descartes (3) foi um homem muito sério, que gostava de tomar as coisas e ir cortando. Acabou achando somente ele, quando chegou à conclusão: “penso, logo existo!” Também nós temos uma espécie de bisturi para dissecar a realidade, querendo saber das coisas tal qual elas aconteceram. Vou dar um exemplo: Jesus fez a mudança da água em vinho nas bodas de Caná. Um ocidental vai querer saber quantos litros ele transformou, para ver que quantidade de vinho aquela cidadezinha consumiu: seiscentos litros de vinho! A cidade ficaria três dias dormindo! Nós, ocidentais, queremos saber números exatos. Ao saber que Jesus curou um cego de nascença, um oftalmologista argumentará que provavelmente ele não tinha o nervo ótico, que foi regenerado por Jesus. Queremos precisar as coisas, pois temos uma cabeça de análise. Para mim, a melhor imagem é o aluno do primeiro ano de medicina. Pega o bisturi, dão-lhe um defunto, que chamamos de cadáver, e ele começa a dissecar: músculos, nervos. Assim é um pouco a nossa inteligência.

Imaginem, então, diante da eucaristia, olhando-a com esse olhar. Vamos querer saber a hora exata em que o pão se transformou em corpo de Cristo: terá sido quando o padre pronunciou a última palavra, ou terá sido na antepenúltima? O coroinha precisará tocar a campainha para dizer que foi naquela hora? Enquanto isso, o oriental não perguntará pelo instante, mas considerará toda a celebração como presença do Senhor. Nós queremos saber o minuto exato, se houve ou não a mudança substancial. Já houve quem quis colocar a hóstia no microscópio para ver se houve alguma mudança. Isso tem uma vantagem: cultivamos o realismo da presença de Jesus, fazemos procissões, adorações, o que desenvolve uma enorme piedade eucarística, mas corremos o risco de *coisificarmos* a eucaristia.

Lembro-me de um irmão leigo, piedosíssimo, que já deve estar no céu muito à vontade. Ele sabia, porque os padres tinham-lhe ensinado, que a essência da missa era a consagração. Quem assistia à consagração, assistia a toda a missa. Era uma época em que, no colégio Santo Inácio, havia uma quantidade enorme de altares

e não havia concelebrações. Uma *forrada* de padres pegava o seu *calicezinho* e ia celebrando as missas, separadamente, um em cada altar. O coroinha tocava a campainha no momento da consagração. O irmão acompanhava o toque da campainha e ia saltando de altar em altar no momento da consagração. Quando chegava o recreio, anunciava que tinha assistido quinze missas, isto é, quinze essências de missa. Era um santinho, e, com toda certeza, está no céu, mas hoje estamos mais esclarecidos.

Este é o perigo de nossa visão ocidental: querer *coisificar*, tornar exato, saber os pormenores. Tudo isso eu chamo de tradição da eucaristia, como se ela fosse um momento só da missa, nesse caso, a consagração. Quando eu era criança, os padres ensinavam que, quando o coroinha trocava o missal de lado no altar, a missa estaria efetivamente começando e, para se cumprir o preceito dominical, não se podia chegar depois disso. A troca se dava na hora do evangelho. Ele pegava o missal, onde tinha sido lida a epístola, e o levava ao outro lado. Muitos ficavam esperando na porta da igreja. Quando o coroinha trocava o missal de lugar, entravam, porque achavam que, naquela hora, começava a real missa que eram obrigados a assistir aos domingos. Graças a Deus, hoje isso não acontece mais. Quando eu entro no presbitério, a igreja já está cheia. As pessoas vêm, porque percebem que toda celebração é importante, do início ao final, já que toda ela é a presença do Senhor. Essa é uma tradição antiga dos santos padres.

Eu dei o exemplo do vinho e volto a ele. Um oriental, como João, quando quis falar do milagre de Caná, quis falar da abundância da vida que Jesus viera trazer. Daí coloca seiscentos litros de vinho. Para João, o número é simbólico. Diz da grandeza, da generosidade, da magnitude de Deus. Essas duas linhas vão-nos mostrando que temos que começar a reler, reencontrar, *recompreender* a eucaristia numa perspectiva da tradição mais tradicional.

Em geral, situamos a primeira tradição até o ano mil, e a segunda, depois do ano mil. A primeira era muito mais mistagógica, isto é, queríamos ensinar às pessoas a entrarem no mistério – *Mista + agogein* é conduzir para o *mysterion* – conduzir para dentro do mistério. A mesma coisa com a pedagogia. Pedagogia vem de *pais + agogein* – *pais* é criança, *agogein* é conduzir; portanto, conduzir a criança. Mistagogia é, pois, conduzir para dentro do mistério.

Certa vez, estava discutindo com um grupo de teólogos – não temos nada para fazer a não ser discutir –, enquanto o padre geral escutava. Ele vivera muitos anos no Líbano e contou-nos que lá as crianças não tinham catequese formal. Eram colocadas como cabritinhos soltos na celebração. Ficavam todas encantadas, mexendo em tudo, admirando os incensos, velas, alfaias. E, de tanto olhar o mistério, iam-se adentrando na celebração, assimilando toda a eucaristia, sem necessidade de maiores explicações.

Vou contar a vocês dois exemplos de crianças. Certa vez, estava pregando na minha paróquia, quando uma criança sai e vem para o meu lado. Eu parei e ela perguntou-me: “Padre, quem fez Deus?” Eu a abracei e fiquei espantado: como

uma criança de sete, oito anos, pode fazer essa pergunta? Só aquele ambiente de Igreja, sem precisar de nenhuma catequese, e sem sequer entender o que eu estava falando, fez com que ela percebesse alguma coisa no ar. Percebeu um cheiro religioso, captou, pelo conjunto da celebração, o espírito da liturgia. Isso é uma grande catequese existencial, simbólica. Há outro acontecimento que eu também achei lindo e serve para vermos como o Espírito Santo age. Uma senhora assistia à missa com seu filhinho. Na hora da comunhão, ela, que estava um pouco afastada da prática religiosa, evidentemente, não foi comungar. O filhinho tomou-a pela mão e empurrou-a: “Vá!” Ele notara que tantos outros tinham ido, e a sua mãe não fora. Aquela mãozinha pequenina era a mão do Espírito Santo. A mãe não obedeceu imediatamente, mas logo depois procurou confessar-se e retomou a vida cristã. A mãozinha da criança foi o instrumento para a grande ação do Espírito Santo. A criança teria visto alguma coisa e observado algo de sagrado. Notou que as pessoas se encaminhavam bem comportadas, meditativas. Parece que há um fato semelhante na vida de Santa Terezinha, quando era ainda bem pequenina. Estava com o seu pai na igreja – e para a criança o pai é sempre muito alto. Ele a colocou nos ombros durante a missa e se ajoelhou. Tempos depois, já adulta, ela fala de como aquele gesto a marcou – o seu pai se ajoelhar diante de uma *caixa* era sinal inequívoco de que ali havia um mistério gigantesco, pois, para uma criança, o pai é como Deus. Portanto, se um deus se ajoelha diante de Deus, é sinal de que Deus é mais Deus ainda. Essas são formas como muitas crianças vão assimilando o mistério. É como a tradição oriental, que é muito mais simbólica e trabalha muito mais esse lado.

Santo Tomás fez uma síntese muito interessante. Tomou essa tradição antiga e, lá pelo século XIII, começou uma nova tradição. Tentou mostrar que esse lado simbólico é muito importante, assim como também o lado real. A eucaristia não só significa, mas manifesta e mostra. É um sinal visível, mas também realiza, concretiza, efetiva tudo aquilo que mostra. A eucaristia não apenas mostra a reconciliação, mas faz com que a reconciliação aconteça. Vamos, então, nos deter agora no conceito de reconciliação.

É bom saber que a gente aprende até morrer, e isso é o mais bonito. Aprendemos de todas as pessoas: das senhoras do Apostolado da Oração, dos coroinhas, dos alunos. Eu aprendi algo muito bonito de um pensador inglês. Os ingleses têm um inverno muito rigoroso e longo. Durante seis meses de inverno, eles ficam pensando e, depois de tanto tempo, brota uma idéia. E um deles disse esta frase, que eu nunca mais esqueci: quando formos falar de um assunto do qual não entendemos – e tantas vezes eu falo de assuntos dos quais não entendo –, para começar, devemos ir à etimologia da palavra, porque ela traz por dentro uma experiência humana fundante que ajudará a nossa compreensão. Vou dar um exemplo, depois voltamos à reconciliação. Tomemos a palavra **entusiasmo**. Ontem vocês estiveram lá no estádio do Figueirense (4). A imprensa noticiou que os torcedores tinham um grande entusiasmo. Sabem de onde vem essa palavra

e que outra palavra ela traz por dentro? *Teos* – Deus. A palavra **entusiasmo** - *en+thousia+mos* – significa estar cheio de Deus. Referia-se às pessoas que participavam das celebrações pagãs e que ficavam envolvidas. Começavam a cantar, dançar, gritar, gesticular – como ainda vemos tantas vezes entre nós – e dizia-se que elas estavam entusiasmadas, cheias de Deus. Portanto, se vamos à etimologia, descobrimos o primeiro fio.

Lutero, o fundador de uma Igreja, quando começou a Reforma, notou que alguns avançavam demais, e ele os chamou de entusiastas, porque diziam ter revelações de Deus através da força do Espírito Santo. Diziam estar cheios desse *teos*. Não discuto se verdadeiro ou não, apenas estou tentando explicar a força da etimologia. Vou, então, à etimologia de *conciliar*. É claro que todos vocês sabem que o **re** significa voltar para trás – no caso dos automóveis, marcha-a-ré - mas pode também significar *de novo*, isto é, vem reforçar a palavra. Vamos então nos deter na palavra **conciliar** e encontraremos três metáforas muito interessantes, que vão nos ajudar a entender a reconciliação.

A primeira é bem física, embora não estejamos mais habituados, porque já não existe mais. É um verbo português e, se formos ao Aurélio, o encontraremos – **apisoar**. Podem também ir ao Houaiss – que é o dicionário mineiro: *dois uais formam um Houaiss* – e encontrarão. Pisão era uma máquina usada para amaciar um pano. Naquela época, não havia máquinas modernas, como existem hoje em Santa Catarina. Os panos eram tão duros que pareciam silício. Usava-se uma camisa, e a pessoa não podia nem se mexer. Então, colocavam os panos no pisão para amaciá-los. A primeira idéia é, pois, amaciar conflitos, assim como devemos amaciar coisas duras, contradições. Reparem como o verbo é bonito! Se existe alguém entre nós que parece espetar quem se aproxima, devemos tentar apisoá-lo, apertar todos aqueles espinhos, para que ela fique suave e doce.

Uma segunda idéia de conciliar é médica. Hoje nenhum médico compõe remédios, mas, no meu tempo de criança, sim. Meu pai era médico, e eu me lembro dele receitando fórmulas. Não havia indústria farmacêutica, mas de pós. Uma enorme quantidade de pós que se misturava para fazer os remédios. Portanto, se se sabia fazer bem as combinações químicas, estava-se conciliando duas, três ou mais substâncias que iriam fazer o remédio. Ainda hoje todos os remédios que tomamos são reconciliados, por isso, os farmacêuticos ficam felizes – reconciliamos com eles comprando e pagando os remédios. Eles reconciliam substâncias químicas dispersas e as unificam: mercúrio, magnésio e tantos outros nomes esquisitos que constam nas bulas, que só um jovem de quatorze anos pode ler. Imaginem, em uma comunidade, quantas substâncias químicas diferentes existem?! Temperamento, classe, cor – precisamos tomar todos eles e reconciliar.

A terceira idéia vem da palavra **chamar, convocar**. Tomemos a palavra concílio: o papa convoca o concílio. Há uma reconciliação dos bispos – não que eles estejam brigados –, mas porque o papa os convocou. É preciso acertar a hora.

Se eles estivessem brigados, seria o segundo sentido; se estivessem muito duros, seria o primeiro. Mas, como estão ótimos e fraternos, é o terceiro sentido.

Reconciliação tem, portanto, três matrizes. E, quando falamos em reconciliação, queremos dizer que alguma coisa ainda está dura, que ainda temos algo a combinar, que precisamos nos reunir para decidir alguma coisa. Vamos então ver agora o que se passa com a eucaristia, como é que ela reconcilia. Mas não podemos ficar apenas na etimologia. Antes precisamos dar uma passadinha pela semântica. Se a etimologia é a origem da palavra, semântica é o estudo do seu significado.

Vamos, pois, buscar o sentido da palavra, primeiramente na Bíblia: o que a Escritura fala de conciliar? Vamos perceber que o termo conciliar aparece como aquela iniciativa de Deus, o grande sujeito que vai conciliar. Portanto, o sujeito principal da conciliação não somos nós, mas Deus, que quer conciliar, em primeiro lugar, toda a humanidade. Realmente, nunca paramos para pensar no mistério maravilhoso da criação. Esse é o grande milagre, tão grande que todos os outros ficam como *fosforozinho* diante do sol: como é que, do nada, surgiram, não meia dúzia de *sózinhos*, como pensávamos antigamente, mas duzentos bilhões de galáxias que, por sua vez, têm seus bilhões e bilhões de estrelas e todo esse cosmo gigantesco que ainda está em expansão? O *big-bang* ainda continua! O universo continua crescendo ainda hoje. Esse é um milagre gigantesco, e é um milagre de conciliação! Deus reconcilia este universo todo. Imaginem se uma estrela resolvesse cair sobre as nossas cabeças? Se caísse um meteorito enorme, poderia destruir São Paulo inteira, muito mais do que as ações do PCC(1). Se houvesse um desequilíbrio nessa grande conciliação cósmica, nós não estaríamos aqui.

Na antropologia atual, há um conceito – um pouco técnico, mas tentarei explicar de forma bem simples – que se chama princípio antrópico. Essas palavras feias são para as pessoas pensarem que são inteligentes e depois voltarem ao natural. Se houvesse uma distorção qualquer no processo evolutivo, portanto, desde a criação até chegar ao surgimento dos primeiros seres humanos – provavelmente, na África – não estaríamos aqui. Foram milhares e milhares e milhares de coincidências, para que fosse possível surgir a vida. Outros milhares e milhares para que surgisse a vida sensitiva. Foram necessárias tantas circunstâncias, que teria sido mais fácil pegar um saco cheio de letras, despejá-lo, e, no chão, saírem escritos os nossos nomes, do que se concretizar a criação do ser humano. Pensem na quantidade de aleatórios! Será que pode ser fruto de acaso e necessidade, como disse Jacques Monod (5)? Claro que não! Foi necessária uma grande arquitetura cósmica, só possível através de uma inteligência divina, que fez com que todas as leis entrassem, funcionassem e que nenhuma derrubasse a outra. Se todos saíssem pela janela do último andar de um edifício, estariam mortos. Mas como sabemos que a lei da gravidade nos faz descer, saímos sempre pela porta. Troquem a porta pela janela, num edifício de doze andares, e sairão

uma vez só. Lá embaixo estarão todas as funerárias da cidade esperando vocês. Isso significa que, se mexêssemos numa única coisinha nesse grande processo de reconciliação cósmica, não existiria a vida.

Uma segunda reconciliação foi feita através do nosso *bisavô* Noé, logicamente, cercada de elementos míticos, como o dilúvio universal. É uma maneira bonita de falar que realmente houve uma grande catástrofe. Vocês, principalmente aqui do Sul, com grande ascendência alemã, sabem que os alemães são muito inteligentes. Um alemão, que não tinha muito o que fazer, resolveu calcular o número de litros de água necessários para que houvesse o dilúvio universal. E sabem que não é tão difícil! Tomou a altura do monte Everest, com seus mais de oito mil metros, traçou uma linha imaginária em torno da Terra, e fez o cálculo. Eu vi o número – enchia várias páginas – dos litros de água necessários para que tivesse havido um dilúvio realmente universal. Ele termina concluindo que não teria havido tempo para que toda a água evaporasse, e todos nós ainda estaríamos em Veneza. O mundo todo seria uma grande Veneza e, ao invés de vir para cá de avião, teríamos vindo de barco, porque a Terra não teria secado. Isso quer dizer que o dilúvio é uma figura simbólica, mas importante. Noé pode nos mostrar que nunca mais a humanidade será destruída pela água. Claro que é simbólico! Reflete um pouco o coração de Deus, o lado positivo do seu coração. Ele não quer a morte de ninguém, nem com água, nem com fogo, nem com tiro. Ele sofre as nossas mortes, a violência, os terremotos. Portanto, a reconciliação em Noé é simbólica, embora no sentido real, profundo: Deus quer que toda a humanidade tenha vida, que todos possam viver bem. E vejam que coisa linda aquela *pombazinha*, que é sempre o símbolo da paz, carregando no seu biquinho o ramo verde da esperança! Precisamos ler a Bíblia com os olhos simbólicos e, assim, encontraremos coisas muito mais profundas. Deus não quer que todos nós apodreçamos debaixo das águas, pois bastou um *tsunami*, lá na Ásia, para nos assustar tanto. Imaginem, então, se toda a humanidade morresse afogada! É uma coisa impensável!

Deus fez a conciliação da natureza, mas o ser humano continua complicado. Se fôssemos somente natureza, teríamos a frieza da minhoca, o vôo da águia, o cacarejar do galo – *aquele time maravilhoso que tem em Minas, cacarejando forte na segunda divisão*. Mas Deus foi muito inteligente: deu-nos duas coisas terríveis – consciência e liberdade. Acho que nenhum de nós teria a coragem de Deus. Se chamássemos qualquer chefe de partido, nenhum deles iria querer esses dois dons. E Deus teve essa coragem: criou um ser que pode dar sentido à história, construir um mundo harmonioso de beleza, conhecendo e até pervertendo as leis da natureza. Pode até usá-las para matar, como a lei da balística, que é feita para matar. A interpenetrabilidade dos corpos não é para que a gente mate, mas, como os corpos são interpenetráveis, uma bala pode nos matar e quebrar essa lei. Isso é efeito da liberdade e consciência. Mas Deus não nos abandonou. Chamou o *senhor* Moisés, que estava lá no Egito, e recomeça toda a reconciliação, através

da história do povo de Israel. Sobre isso, Betto (2) tem uma frase bonita, que diz que o Antigo Testamento não é nada mais do que o diálogo de um Deus fiel com um povo sempre infiel. Todos os seus mensageiros foram mortos, um após outro, até que Deus resolve mandar o seu próprio Filho (6), para que fosse respeitado, e vocês já sabem no que deu.

Vem agora o último ponto alto da reconciliação. Deus olha para a humanidade e decide que o mal, que o pecado, que a morte não vencerá. Quem vencerá será o amor e, para isso, manda o Filho. Querem reconciliação mais linda que essa?! Querem Pai mais pai que esse?! E nós ainda temos coragem de falar que Deus tem raiva, que castiga, que pune. Como me dói ouvir isso! Ele foi capaz de mandar o próprio Filho para assumir toda a nossa maldade e redimir tudo isso, para depois morrer sozinho, no silêncio de uma sexta-feira. Esse Homem é que reconcilia – como diz Paulo – todas as coisas, toda a humanidade com o Pai. Essa é a grande reconciliação!

Uma última idéia eu vou pedir emprestada ao grande Santo Tomás de Aquino, mas de uma forma muito simples. Uma de suas obras, chamada “Suma Teológica”, fala de sacramentos e tem uma definição muito bonita. Como já falei um pouquinho antes, ele fala que sacramento é um sinal, portanto, algo visível, pois não existe sacramento invisível. Se for invisível não é sacramento, pois deve tocar os nossos sentidos. Uns são percebidos pela vista, às vezes, pelo tato, pelo gosto, como no caso da eucaristia. Pelo tato, sentimos o óleo, no crisma; o bispo nos dá um tapinha carinhoso, e ficamos bem crismados. E eu, que fui ordenado por *uma bispo* alemão, fiquei bem ordenado porque ele quase me afundou a cabeça. Portanto, todo sacramento precisa de sinais visíveis, mas não pára aí. Ele manifesta, indica, revela, realiza uma realidade invisível, que é a mais importante. Esta é a nossa tragédia: o mais importante não é o que vemos. Não é a hóstia, não é o vinho, não é o padre todo *encasulado*, mas a entrega de Jesus a nós, para que nos entreguemos aos nossos irmãos, e isso ninguém vê. Algum de vocês vê Jesus se entregando na eucaristia? Também nenhum de vocês vê que a comunidade, ao receber o Corpo do Senhor, está pronta para entregar-se aos seus irmãos. Esse é o núcleo da eucaristia! Mas o sinal é importante. Eu preciso do pão, do vinho, das palavras, do ministro, do coroinha que toca a campainha, e, na quaresma, toca a matraca. Tudo isso para que eu ouça, perceba, cheire. Entramos numa igreja e sentimos um cheiro forte de incenso – os coroinhas adoram incenso – e é maravilhoso isso. *Mas, porém, contudo, todavia, sem embargo*, se não formos ao mistério que isso revela, nunca tocaremos a eucaristia. Sobre isso, meu padre geral dizia que a catequese oriental ajudava: para a criança perceber o mistério através de cores, sons, roupas, panos, gestos. Tudo isso, para mostrar que algo de misterioso está acontecendo.

Santo Tomás diz três coisas sobre o sacramento. Vou dizer em latim, que é bonito, e depois traduzo para o *japonês*. Ele diz que o sacramento é *signum rememorativum*, um *signum demonstrativum* e um *signum prognosticum*. É um

sinal que recorda, é um sinal de ontem. Toma algo que já aconteceu – rememorativo é memória – algo do passado. É *demonstrativum*, porque faz ficar presente. Demonstra, mostra como real algo que está aqui. O sacramento acontece agora, aqui nesta sala, nessas igrejas, com esses padres, bons ou maus, carecas ou não. O sacramento acontece, mas também anuncia, avisa, aponta para uma coisa que vai acontecer além da história: *prognosticum*. Ainda não aconteceu, é futuro.

Passado, presente e futuro – essa é a nossa estrutura humana. O sacramento nos toma como seres humanos que somos. Nós somos memória, somos presente, somos desejo, somos futuro. Todos nós somos assim! A criança que mal nasceu já tem uma memória mínima da sua primeira mamada. Vai construindo a memória, vivendo o presente, sonhando e desejando o futuro. O ser humano, como o sacramento, é memória, atualização e sonho. Quem não sonha não tem sacramento. Eucaristia é sonho, mas é real também, é ontem também. São essas as três dimensões da eucaristia.

A eucaristia traz de reconciliação o que ela recorda: toda a história da salvação até chegar à máxima reconciliação em Jesus. Na eucaristia tem Davi, Abraão, Isaac, Jacó e todos aqueles nomes complicados da genealogia de Jesus, porque Ele carrega nele mesmo toda a história de seu povo. Hoje, com toda a nossa visão de história das religiões, eu diria mais: também entram na eucaristia os budistas, xintoístas, taoístas. Todas as religiões se fazem presentes na grande memória salvadora de Deus. Todo o passado salvífico está presente na eucaristia. Isso é maravilhoso! Ela recorda o Deus que está batalhando, lutando continuamente para que as pessoas se reconciliem. Assim como o técnico da seleção está treinando jogadores o dia todo, dando conselhos e ensinando (7), Deus é o grande técnico da seleção da reconciliação. O grande jogo que Ele faz conosco, sopra nas nossas orelhas, no nosso coração, para que nos reconciliemos com Ele, entre nós, e com toda a humanidade e quase todas as coisas. Isso nós recordamos!

Se fosse só reconciliação, a missa seria sentimental, e seria preciso levar um lençol: todos chorando, enquanto o padre contava histórias de tantos que já morreram. Seríamos uns românticos, sentimentalistas, vazios, porque o passado sozinho já passou e não volta mais. Aí entra o original da nossa religião – é a única que tem isso: toma o passado e o faz presente pela força do sinal. O sacramento agarra todo o passado, joga no presente, e faz com que ele aconteça agora. Então, quando estiverem muito tristes, com inveja de Nossa Senhora que está junto de Jesus, tenham certeza de que também estamos com ela, ao lado da cruz, no momento da eucaristia. Não precisam ter saudade, porque o ato da morte de Jesus está presente na eucaristia, como toda a história da salvação. Assim, se a história da salvação é também de reconciliação, cada eucaristia está nos reconciliando.

Ainda outro dia tive uma idéia velha e atrasada. Muitas vezes, cometemos um pecadinho e pensamos que só receberemos o perdão na próxima confissão.

O pecadinho ficará colado em nós por meses e meses. Então eu pensei que, se toda eucaristia perdoa, cada vez que eu saio de uma, saio totalmente livre, sem nenhum pecado. Acordei alegre e celebrei muito mais feliz. Quer dizer que nós, cristãos, que comungamos e vivemos da eucaristia, somos purificados a cada momento.

Peço licença para ler uma frase linda de Santo Ambrósio: “Cada vez que recebemos Cristo na eucaristia, anunciamos a morte do Senhor. Se anunciamos a morte, anunciamos a remissão dos pecados. Se cada vez que o sangue é derramado, ele o é para remissão dos pecados, então, devo recebê-lo sempre, para que sempre me perdoe os pecados. Eu que sempre peço, sempre devo ter o remédio”. Portanto, quem participa da missa todos os dias, ou mais freqüentemente, não precisa guardar seus pecados com *durex*. Quando começamos a perceber isso, a eucaristia muda de sentido também, deixa de ser uma obrigação maçante. Se vamos participar da remissão do Senhor, vamos sair novos, renovados, totalmente purificados. Que experiência gigantesca! Se eu não posso me confessar, porque o padre foi passear, não preciso ficar com os meus pecados dependurados no varal. Participo da grande missa, e todos os pecados caem no chão, porque a eucaristia nos limpa, como disse Santo Ambrósio.

Agora eu vou citar um Concílio sério – de Trento. Para falar dele, é preciso colocar até colarinho. Este Concílio traz duas grandes idéias sobre a remissão. A primeira é aquela que todos conhecemos: que os pecados graves devem ser confessados antes da comunhão. Mas ainda não se sabia da força gigantesca e sem limite da eucaristia. Deus não coloca limites, de modo que os pecados veniais sejam perdoados e os mortais permaneçam conosco. Se realmente estamos arrependidos, profundamente arrependidos, nada me impedirá de comungar. Acho profundamente pedagógico se procurar o sacramento da reconciliação, mas falo como teólogo e sei que a eucaristia tem uma força gigantesca para perdoar pecados. Por exemplo, alguém numa situação de emergência, se sentir uma necessidade absoluta de receber o Senhor, poderá lhe ser negado esse direito? De forma alguma quero desfazer o sacramento da penitência, apenas acredito e confio no poder gigantesco da eucaristia.

E o Concílio prossegue solene, dizendo que a eucaristia se realiza na missa e está nela contida, incruentamente, imolada no Cristo, que se ofereceu de uma vez para sempre, de maneira sangrenta no altar da cruz. Esse sacrifício é verdadeiramente propiciatório, isto é, se com o coração sincero e reta fé, com temor e reverência, contritos e penitentes, aproximamo-nos de Deus, obtemos por Ele misericórdia, e encontramos a graça como auxílio oportuno. Aplacados por essa oblação, o Senhor concedeu-nos a graça e o dom da penitência, perdoadando os crimes e pecados, por maiores que sejam, pois uma só e mesma é a vítima, que se ofereceu outrora na cruz, oferecendo-se pelo mistério do sacerdote. Quer dizer que é para os pecados normais da nossa vida. Quando me afasto da Igreja, devo também afastar-me da eucaristia, pois ela é o sacramento da unidade. Quem está

fora da Igreja não comunga e nem teria sentido, pois é o sacramento da unidade. Mas quem está vivendo na Igreja, como nós, com nossas falhas e pecados do cotidiano, em cada eucaristia encontraremos purificação.

A eucaristia demonstra, rememora e também anuncia. Anuncia a grande reconciliação. Primeiramente com nós mesmos. Ela tem força psicanalítica de nos integrar por dentro, como pessoas humanas. Vivemos divididos, esquizofrênicos, doloridos, macambúzios, tristes, fechados, espinhentos, mas a eucaristia molda-nos por dentro. Se a comunidade vive a eucaristia, ela começará a superar seus conflitos, suas brigas, a luta de grupinhos religiosos, as guerrinhas entre as pastorais. A eucaristia é o sacramento da unidade dos movimentos, das pastorais, de todo o conjunto da Igreja. Anuncia também a grande reconciliação social, e isso a Teologia da Libertação trabalha muito bem. A eucaristia nos leva a um compromisso, à luta para que o povo participe da vida da sociedade. Uma eucaristia que não termina no social não terminou ainda. A grande irradiação escatológica, isto é, do futuro, faz com que ela vá construindo a sociedade, através do perdão e do amor, uma sociedade definitiva, que chamamos de céu. Amém. (18.05.2006)

- (1) referência a rebeliões nos presídios paulistas, comandadas pelo Primeiro Comando da Capital
 - (2) frade dominicano, Carlos Alberto Libânio Christo
 - (3) pensador francês do século XVI/XVII
 - (4) referência a um clube de futebol catarinense
 - (5) biólogo francês, que viveu no século passado
 - (6) Mt 21, 33-45
 - (7) referência à Copa do Mundo da Alemanha, que aconteceria no mês seguinte
- (#) palestra proferida no 15º. Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Florianópolis (SC), em maio de 2006

Índice Remissivo

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Juventude – Memória e Sonho		I	14
A Arte de Formar-se		IV	123
Espiritualidade Inaciana		IV	143
Deus Pai		IV	156
Ética é a Palavra Mágica		VI	72
Natal: Memória, Presença e Anúncio		VI	114
Se Realmente Houvesse Amor...		VI	119
Escatologia: Realidade ou Simbolismo?		VI	123
Eucaristia e Reconciliação		VI	136
Refletindo a Vida		V	59
Fé e Religião no Terceiro Milênio		V	107
Qual o Futuro do Cristianismo?		V	118
Como Estamos Usando o Nosso Corpo	1Cor 3, 9-11.16-17	VI	88
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	1Cor 7,29-31	II	25
A Beleza na Diversidade	1Cor 12, 4-11	IV	14
Nosso Valor Está na Singularidade	1Cor 12,12-30	III	25
Amar a Face Escura	1Cor 12,31-13,3	I	20
A Verdadeira Experiência do Amor	1Cor 13,1-8	I	22
Nossa Vocação é Criar as Relações	1Cor 15,1-11	I	24
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	1Cor 15,20-27	IV	72
Só Descobrimos o que Já Temos	1Rs 3, 5.7-12	IV	65
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	1Rs 19, 4-8	IV	70
Barcas ao Mar	1Rs 19,9.11-13	III	97
Pais: Parceiros na Criação de Deus	1Rs 19,9.11-13	VI	53
A Grande e Total Presença	1Rs 19,9a.11-13a	II	148
O Chamado que Desacomoda	1Sm 3, 3-10,19	II	20
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	2Cor 12, 7-10	VI	39
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	2Mc 7, 1-2.9-14	IV	104
O Amor Reconstrói por Dentro	2Sm 12, 7-10,13	I	104
Amar é Ser Para o Outro	2Sm 12, 7-10.13	VI	27

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	2Tm 4, 6-8.17-18	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	2Tm 4, 6-8.17-18	III	80
Autoridade x Poder	Am 7,12-15	II	86
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Ap 7,2-4.9-14	III	132
Cordeiros e Pastores	Ap 9,14b-17	I	94
Maria Nos Fala da Proximidade Com Deus	Ap 11,19a-12,6	VI	55
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Ap 12, 1-5.13.15-16	V	76
Nós Precisamos de Tempo	At 1, 1-11	I	78
Ascensão é o Mistério da Ausência	At 1, 1-11	IV	43
Pentecostes: História e Limite	At 2, 1-11	I	81
Um Outro Pentecostes	At 2, 1-11	I	83
Babel x Pentecostes	At 2, 1-11	I	85
Locomotiva, Trilho e Destino	At 2, 1-11	II	57
Jesus Não Deu Conta	At 2, 1-11	IV	37
Pentecostes Cria Comunidade	At 2, 1-11	IV	46
A Vida Sem o Espírito Santo	At 2, 1-11	V	26
Os Dons do Espírito Santo no Nosso Cotidiano	At 2, 1-11	VI	21
Percebendo o Anjo em Nossas Vidas	At 12, 1-11	I	98
Pedro e Paulo	At 12, 1-11	I	106
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	At 12, 1-11	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	At 12, 1-11	III	80
Igreja Plural	At 15,1-2.22-29	III	72
A Importância da Família	Cl 3,12-21	I	130
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Cl 3,12-21	III	154
A Sacralidade da Família	Cl 3,12-21	V	104
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Cl 3,12-21	VI	112
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Dt 4,1-2.6-8	VI	62
Alegria se Celebra com Alegria	Dt 5,12-15	III	43
A Felicidade Nas Coisas Simples	Ecl 1, 2.2,21-23	V	46
A Igreja Começa na Família	Eclo 3,2-6.12-14	III	152
O Alicerce da Autoridade é a Verdade	Eclo 3,2-6.12-14	III	154
A Sacralidade da Família	Eclo 3,2-6.12-14	V	104

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Eclo 3,2-6.12-14	VI	112
A Família Precisa de Ritos	Eclo 3,3-7,14-17a	II	144
Fé e Razão	Ef 3, 2-6	III	15
A Quem Iremos?	Ef 5,21-32	II	81
Um Amor do Tamanho do Amor de Deus	Ef 5,21-32	VI	60
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Est 5, 1-2; 7,2-3	V	76
Um Nome Não É Simplesmente Um Nome	Ex 3, 1-8a,13-15	I	39
Deus Age Através de Nossas Ações	Ex 3, 1-8a,13-15	V	23
A Pergunta que Nos Move	Ex 17, 8-13	II	114
Jesus Revela o Coração de Deus	Ex 19,2-6a	III	74
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Ex 22,20-26	III	125
Deus Ouve o Grito dos Excluídos	Ex 22,20-26	IV	96
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Ex 34, 4-6.8-9	IV	40
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	Ez 2, 2-5	VI	39
Responsabilidade Ética	Ez 33, 7-9	IV	80
Lidando Com as Perdas	Gl 3,26-29	IV	52
O Bem e o Mal: Tentações	Gn 2,15-24	I	52
Homem e Mulher Constroem Felicidade Juntos	Gn 2,18-24	V	72
Amar é Querer Que o Outro Seja Eterno	Gn 2,18-24	VI	77
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Gn 9,8-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Gn 9,8-15	III	53
Marta e Maria	Gn 18, 1-10a	I	112
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Gn 18, 1-10a	IV	60
Pedir é Abrir-se	Gn 18,20-32	III	86
Nós Somos a Vinha do Senhor	Is 6, 1-7	V	70
As Crianças Carregam Esperanças	Is 7,10-14	VI	106
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Is 8,23-9,3	II	23
Deus Prefere o Silêncio da Noite	Is 9, 1-6	V	102
Os Sinais de Deus	Is 9, 1-6	VI	110
Antes da Ternura de Belém, a Aspreza de João Batista	Is 11, 1-10	II	134
Pequenas Utopias	Is 11, 1-10	V	88

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Um Gesto Pela Paz	Is 12, 2-6	VI	100
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Is 35, 1-6a.10	V	94
Buscando Sinais que Nos Unam	Is 55,1-3	III	88
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Is 55,1-3	VI	46
Ser Pai é Desacomodar e Encorajar	Is 56, 1.6-7	V	50
Fé e Razão	Is 60, 1-6	III	15
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Jn 3, 1-5.10	II	25
Natal – Valeu a Pena Criar (Um Diálogo Trinitário)	Jo 1, 1-18	I	127
A Força do Olhar de Jesus	Jo 1, 1-18	III	150
Ser Profeta no Cotidiano	Jo 1, 6-8.19-28	V	98
Somos Testemunhas da Luz	Jo 1, 6-8.19-28	V	100
A Novidade da Fé	Jo 1,19-28	III	27
O Espírito Como Sinal de Reconhecimento	Jo 1,29-34	VI	11
O Chamado que Desacomoda	Jo 1,35-42	II	20
A Transformação Passa Por Dentro de Nós	Jo 2, 1-11	V	76
Reação a Uma Sociedade Desumanizante	Jo 2, 1-12	VI	57
O Sagrado é Inegociável	Jo 2,13-22	II	45
Como Estamos Usando o Nosso Corpo	Jo 2,13-22	VI	88
Amar É o Verbo de Deus	Jo 3,16-18	II	63
Jesus Está Sempre em Má Companhia	Jo 3,16-18	IV	40
Crescemos na Reciprocidade	Jo 3,16-18	V	29
Água: Sinal e Símbolo	Jo 4, 1-26	I	55
Multiplicando por Palavras	Jo 6, 1-15	II	90
Jesus Se Nos Dá na Intimidade	Jo 6,24-35	VI	51
O Pão da Convivência	Jo 6,30-50	III	90
Eucaristia é Participar da Intimidade de Deus	Jo 6,41-51	IV	70
Nossa Alegria É a Alegria de Deus	Jo 6,51-58	II	66
A Quem Iremos?	Jo 6,60-69	II	81
Buscando Força Interior	Jo 6,60-69	IV	74
A Grande Lição de Paciência e Esperança	Jo 8, 1-11	IV	27
A Originalidade do Perdão de Deus	Jo 8, 1-11	V	19
Luz: A Caminhada da Fé	Jo 9, 1-41	I	57
Razão se Faz com Lama e Luz na Medida Certa	Jo 9, 1-41	II	37

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
As Cegueiras em Nosso Dia-a-Dia	Jo 9, 1-41	III	48
Somos Pastores na Igualdade	Jo 10, 1-10	II	49
Nós Temos Sede de Infinito	Jo 10, 1-10	IV	31
Mães Para Todas as Estações	Jo 10,11-21	II	54
Cordeiros e Pastores	Jo 10,27-30	I	94
Vida é Movimento de Dentro	Jo 11, 1-44	I	59
Lázaro: Milagre por Amor	Jo 11, 1-44	I	61
Sinais de Morte e Ressurreição no Amor	Jo 11, 1-45	II	39
Deus É, Deus Ama	Jo 11, 1-45	II	150
Jesus Assumiu na Liberdade	Jo 12,12-19	I	63
O Grão que Cai na Terra	Jo 12,20-33	III	58
É Noite!	Jo 13,21-33	I	65
Mães	Jo 13,31-33a,34,35	I	96
Amar é Desejar a Vida Para Todos	Jo 13,31-35	IV	34
Construindo Eternidade	Jo 14, 1-12	III	65
Caminho, Verdade e Vida	Jo 14, 1-14	I	29
O Amor se Faz na Acolhida do Diferente	Jo 14,15-21	III	69
A Presença Que é Certeza e União	Jo 14,15-21	V	25
A Paz que Vem de Cristo	Jo 14,23-29	I	76
Nó de Relações	Jo 15, 1-8	II	60
Somos Árvores Que Precisam de Raízes Para Sustentar Nossos Sonhos	Jo 15, 1-8	VI	18
Amar Como Jesus Amou	Jo 15, 9-17	VI	23
Deus Nos Revela o Mistério Trinitário	Jo 16,12-15	V	33
O Sentido da Morte na Morte de Jesus	Jo 18,1-19,42	I	69
Deus Pai Entrega Seu Filho à História	Jo 18,1-19.42	V	21
A Realeza que Recebemos no Batismo	Jo 18,33-37	IV	113
Entendendo a Ressurreição	Jo 20, 1-9	I	70
Jesus Não Deu Conta	Jo 20,19-23	IV	37
A Vida Sem o Espírito Santo	Jo 20,19-23	V	26
Tomé – O Crucificado é o Ressuscitado	Jo 20,19-31	I	72
Tomé – O Amor é Incondicional	Jo 20,19-31	I	74
A Identidade do Ressuscitado	Jo 20,19-31	II	52
Amar a Face Escura	Jr 1,4-5/17-19	I	20

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
A Quem Iremos?	Js 24, 1-2.15-18	II	81
Buscando Força Interior	Js 24, 1-2.15-18	IV	74
Um Amor do Tamanho do Amor de Deus	Js 24, 1-2.15-18	VI	60
O Ser Humano Como Lugar de Deus	Lc 1,26-38	III	148
O Amor de Deus Antecipa a Vida de Maria	Lc 1,26-38	VI	98
Maria Irradia o Amor de Deus Pai	Lc 1,28-38	V	90
Noite Silenciosa	Lc 1,39-45	I	126
As Três Dimensões da Assunção	Lc 1,39-45	III	95
Maria Nos Fala da Proximidade Com Deus	Lc 1,39-45	VI	55
Natal é Tempo de Busca e Esperança	Lc 1,39-45	VI	108
Assunção – Fé Pretensiosa	Lc 1,39-56	I	122
Assunção: A Festa da Esperança	Lc 1,39-56	II	98
Maria Traz para a História Sementes de Eternidade	Lc 1,39-56	IV	72
Na Assunção, A Totalidade de Maria	Lc 1,39-56	V	52
João Batista: Tradição e Profecia	Lc 1,57-66.80	II	75
Natal é Mergulhar no Mistério de Deus	Lc 2, 1-14	II	140
A Transformação da História Começa no Mistério do Coração de Deus	Lc 2, 1-14	IV	120
Deus Prefere o Silêncio da Noite	Lc 2, 1-14	V	102
Os Sinais de Deus	Lc 2, 1-20	VI	110
Ano Novo – Portas Abertas para o Ser	Lc 2,16-21	I	11
As Três Fogueiras	Lc 2,16-21	II	13
Um Dia Diferente	Lc 2,16-21	II	146
Deus Pai nos Propõe o Ano da Misericórdia	Lc 2,16-21	IV	9
A Renovação Que Um Ano Novo Nos Oferece	Lc 2,16-21	V	9
Entrando Num Novo Milênio com Cristo	Lc 2,41-52	III	11
Preparar Para a Festa Já é Festa	Lc 3, 1-19	V	96
O Valor das Pequenas Alegrias	Lc 3, 1-19	VI	102
Advento é Tempo de Confiança	Lc 3, 1-6	IV	116
As Presenças de Cristo no Nosso Cotidiano	Lc 3, 1-6	V	92
Um Gesto Pela Paz	Lc 3,10-18	VI	100
Batismo é Compromisso Com o Futuro	Lc 3,15-16.21-22	IV	11
Tentações em Lucas	Lc 4, 1-13	I	50

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Nós Somos o Limite de Deus	Lc 4, 1-13	IV	22
A Nossa Liberdade Pode Domar o Animal da Tentação	Lc 4, 1-13	VI	14
Nossa Vocação é Criar as Relações	Lc 5, 1-11	I	24
Avançar para Águas mais Profundas	Lc 5, 1-11	I	26
Bem-Aventuranças em Lucas	Lc 6,17-26	I	43
Jesus Responde à Grande Pergunta	Lc 6,17.20-26	III	127
A Proposta Cristã para a Vida Além da Morte	Lc 6,17.20-26	III	129
Ser Cristão é Mais que Ser Ético	Lc 6,27-36	I	35
Gratuidade x Reciprocidade	Lc 6,27-36	IV	16
Jesus Quer Mais que Rito e Rotina. Ele Quer Amor	Lc 7,36-8,3	I	102
O Amor Reconstrói por Dentro	Lc 7,36-8,3	I	104
Amar é Ser Para o Outro	Lc 7,36-8,3	VI	27
Lidando Com as Perdas	Lc 9,18-24	IV	52
Alegrear-se Com Todas as Alegrias	Lc 9,18-24	V	44
Transfiguração – A Festa Contínua	Lc 9,28-36	I	47
O Jesus do Cotidiano e da Glória	Lc 9,28b-36	V	17
Transfiguração: Força para o Sofrimento	Lc 9,29-36	I	49
Transfigurações no Nosso Dia-a-Dia	Lc 9,29-36	II	42
Ser Livre Para Amar, Amar Para Ser Livre	Lc 9,51-62	I	108
Abrindo a Janela Interior	Lc 10,25-37	I	114
Todas as Leis se Calam Diante do Amor	Lc 10,25-37	IV	57
Servir e Contemplar	Lc 10,38-42	I	110
Marta e Maria	Lc 10,38-42	I	112
A Acolhida pelo Saber Ouvir	Lc 10,38-42	IV	60
Pedir é Abrir-se	Lc 11,1-13	III	86
Pedir é Acolher a Ação de Deus	Lc 11,1-13	VI	44
O Nada se Veste	Lc 12,13-21	II	94
A Felicidade Nas Coisas Simples	Lc 12,13-21	V	46
Somos o Que Amamos	Lc 12,16-21	I	116
Pai, Referência Fundamental	Lc 12,32-48	I	119
Pais da Transcendência	Lc 12,32-48	II	96

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O Serviço de Ser Pai	Lc 12,32-48	III	93
Deus Age Através de Nossas Ações	Lc 13, 1-9	V	23
Abrir-se para Acolher	Lc 13,22-30	III	100
Nós Construimos a Salvação	Lc 13,22-30	III	102
A Porta Estreita	Lc 13,22-30	V	55
Nós Existimos para Deus	Lc 14,1.7-14	III	104
A Felicidade que Deus Espera para Nós	Lc 14,25-33	III	108
A Busca da Interioridade	Lc 14,26-33	II	104
A Parábola do Pai Misericordioso	Lc 15,1-3,11-32	I	28
O Retrato Mais Fiel de Deus Pai	Lc 15,1-3,11-32	VI	20
Jesus nos Apresenta o Deus da Acolhida	Lc 15,1-32	III	111
A Beleza de Cada Cultura	Lc 16, 1-13	VI	68
A Parábola dos Inversos	Lc 16,19-31	II	108
No Cotidiano se Faz Eternidade	Lc 16,19-31	III	117
O Horizonte do Amor É o Infinito	Lc 17, 5-10	II	110
A Pergunta que Nos Move	Lc 18, 1-8	II	114
Deus é Contínua Doação	Lc 18, 1-8	IV	94
Justiça e Misericórdia	Lc 18, 9-14	I	100
A Dimensão da Verdadeira Glória	Lc 18, 9-14	II	120
Somos Iguais na Radicalidade	Lc 18, 9-14	IV	98
A Caminhada de Zaqueu	Lc 19, 1-10	II	123
A Teologia nos Descortina Horizontes Infinitos	Lc 20,27-38	IV	104
Só Restará o que For Construído por Dentro	Lc 21, 5-19	II	129
O Fim do Mundo a Cada Dia	Lc 21, 5-19	III	135
Responsabilidade Cidadã	Lc 21,25-28.34-36	V	86
A Diferença Está no Modo de Olhar	Lc 21,25-28.34-36	VI	94
Deus se Faz Presente na Dinâmica de Nossa História	Lc 21,25-28.34-36	VI	96
A Salvação Está Próxima	Lc 21,25-28.34-36	VI	104
A Paixão em Lucas	Lc 22,14-23,56	I	67
Nós Não Damos Conta do Amor	Lc 22,14-23,56	IV	29
A Originalidade da Realeza de Jesus	Lc 23,35-43	II	131
A Realeza pelo Olhar	Lc 23,35-43	III	138
Ser de Luz	Lc 24,13-35	I	91

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Emaús x Jerusalém	Lc 24,13-35	I	92
A Grande Caminhada para Jerusalém	Lc 24,13-35	III	60
Na Ascensão, A Nossa Ressurreição	Lc 24,46-53	I	80
O Sentido do Silêncio Messiânico	Lv 13, 1-2.44-46	IV	20
Quando o Céu se Abre	Mc 1, 1-8	III	146
Os Vários Sentidos de Batismo	Mc 1, 6-11	III	23
Vozes de Nossa Vocação	Mc 1, 7-11	III	21
A Grande Tentação de Construir um Mundo Melhor	Mc 1,12-15	III	51
Uma Caminhada de Conversão	Mc 1,12-15	III	53
O Reino de Deus Aqui e Agora	Mc 1,12-15	IV	25
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mc 1,14-20	I	124
Sinais do Reino de Deus em Nossa Realidade	Mc 1,14-20	II	25
O Cotidiano de Jesus	Mc 1,29-39	III	31
Construindo Solidariedade	Mc 1,29-39	V	13
A Acolhida pela Pele	Mc 1,40-45	III	39
O Sentido do Silêncio Messiânico	Mc 1,40-45	IV	20
O Invisível no Visível	Mc 2, 1-12	IV	18
Palavras Novas Para Tempos Novos	Mc 2,18-22	VI	16
Alegria se Celebra com Alegria	Mc 2,23-3,6	III	43
Os Batismos na Vida de Jesus	Mc 3,13-17	II	17
Valemos Pelo Que Somos	Mc 3,20-35	V	31
A Paciência Infinita de Deus	Mc 4,26-34	VI	30
A Outra Margem	Mc 4,35-41	IV	55
Só Crescemos na Verdade de Nós Mesmos	Mc 4,35-41	V	37
Jesus é a Presença Certa em Todas as Tempestades	Mc 4,35-41	VI	32
Pedro e Paulo Nos Ensinam Fidelidade	Mc 6, 1-6	VI	37
A Sabedoria Que Não Vem dos Livros	Mc 6, 1-6	VI	39
Oração, Esmola e Jejum	Mc 6, 1-6,16-18	III	45
Autoridade x Poder	Mc 6, 7-13	II	86
Anunciando Horizontes Maiores	Mc 6, 7-13	VI	42
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Mc 7,1-8.14-15.21-23	VI	62

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
Acontecimentos Que Nos Questionam	Mc 7,31-37	VI	64
A Força da Fé	Mc 8,27-33	VI	35
Encontro de Liberdades	Mc 8,27-35	VI	66
Antecipando a Ressurreição	Mc 9,2-10	III	55
Jesus Se Mostra Divino Na Extrema Humanidade	Mc 9,2-10	V	48
O Batismo Nos Faz Profetas	Mc9,38-43.45.47-48	IV	89
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Mc 9,38-48	IV	87
Homem e Mulher Constroem Felicidade Juntos	Mc 10, 2-16	V	72
Amar é Querer Que o Outro Seja Eterno	Mc 10, 2-16	VI	77
O Grito Que Comove o Coração de Deus	Mc 10,35-45	VI	79
Consciência e Liberdade	Mc 13,33-37	II	133
A Presença de Deus nos Traz Germes de Ressurreição	Mc 13,33-37	VI	92
Humanidade e Divindade Fazem a Realeza de Jesus	Mc 14,1-15,47	III	62
Ascensão é o Mistério da Ausência	Mc 16,15-20	IV	43
A Força da Mulher na Transformação do Mundo	Mt 1,18-24	II	136
As Crianças Carregam Esperanças	Mt 1,18-24	VI	106
Uma Fé Aberta para a História	Mt 1,18-25	II	138
Magos – Dois Olhares	Mt 2, 1-12	I	17
Magos: Diálogo Inter-Religioso	Mt 2, 1-12	II	15
A Noite que Antecede a Aurora	Mt 2, 1-12	III	13
Fé e Razão	Mt 2, 1-12	III	15
A Universalidade de Jesus	Mt 2, 1-12	III	18
A Estrela Que Nos Conduz à Verdade do Menino	Mt 2, 1-12	V	11
Coragem para Buscar Libertação	Mt 2,13-15,19-23	II	142
Jesus Espera o Nosso Assumir na Família e na Sociedade	Mt 2,13-15,19-23	VI	112
Como João Batista Esperava Jesus	Mt 3, 1-12	I	41
Cronos e Kairos – Tempo Qualitativo	Mt 3, 1-12	I	124
Antes da Ternura de Belém, a Aspereza de João Batista	Mt 3, 1-12	II	134
Atravessando o Rio Jordão	Mt 3,13-17	IV	118
No Batismo, a Humanidade de Jesus	Mt 3,13-17	VI	9

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O Bem e o Mal: Tentações	Mt 4, 1-11	I	52
Nossa Tentação em Ver um Jesus Diferente	Mt 4, 1-11	II	35
Jesus Vai à Frente	Mt 4,12-13a,17-22	III	29
Reino de Deus: Já e Ainda Não	Mt 4,12-17	II	23
Bem-Aventuranças em Mateus	Mt 5, 1-12	I	45
Pérolas de Eternidade	Mt 5, 1-12	II	28
Deus nos Dará Aquilo que Somos	Mt 5, 1-12	III	132
Os Verdadeiros Modelos Para os Jovens	Mt 5, 1-12	V	78
Nas Bem-Aventuranças, Um Novo Retrato de Deus	Mt 5, 1-12	V	81
A Maratona dos Santos	Mt 5, 1-12	VI	84
Um Jeito Novo de Viver as Bem-Aventuranças	Mt 5, 1-12	VI	86
Bem-Aventuranças: A Felicidade que Ninguém nos Tira	Mt 5, 1-12a	IV	107
Sabedoria é Saber com Sabor	Mt 5,13-16	II	30
Sabedoria e Luz	Mt 5,13-16	III	34
Nova Visão da Lei e Valor do Lazer	Mt 5,21-47	I	37
Deus Esqueceu-se de Ir Embora	Mt 5,43-48	I	31
Três Dimensões de Abertura	Mt 6, 1-6.16-18	II	32
O Mistério se Encontra no Silêncio	Mt 6, 1-6.16-18	III	36
Transparências e Limites	Mt 7,21-27	II	68
Deus Age nas Coincidências	Mt 9, 9-13	II	71
“Vem e Segue-me!”	Mt 9, 9-13	VI	25
O Símbolo Traduz o Amor	Mt 9,36-10,8	IV	49
Medos	Mt 10,26-31	II	73
O Tribunal da Consciência	Mt 10,26-33	V	35
Deus Potencializa os Nossos Amores	Mt 10,37-42	III	77
Um Amor que Estrutura os Nossos Amores	Mt 10,37-42	V	40
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Mt 11, 2-11	V	94
Abba: Um Deus Próximo	Mt 11,25-30	II	79
O Poder da Palavra	Mt 12,33-37	I	33
Um Outro Pentecostes	Mt 13, 1-23	I	83
Ser Terra para Acolher e Produzir Frutos	Mt 13, 1-23	II	84
As Palavras Carregam Experiências	Mt 13, 1-23	III	83

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O Longo Trabalho de Fazer Crescer a Semente	Mt 13, 1-23	V	42
Trindade: Realidade Cotidiana	Mt 13,24-30	I	87
Joio e Trigo Coexistem Dentro de Nós	Mt 13,24-43	II	88
A Semente de Trigo que Guarda a Nossa Esperança	Mt 13,24-43	IV	62
Só Descobrimos o que Já Temos	Mt 13,44-46	IV	65
A Grande Rede que Procura Bondade	Mt 13,44-52	IV	68
Buscando Sinais que Nos Unam	Mt 14,13-21	III	88
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Mt 14,13-21	VI	46
Jesus é o Novo Moisés	Mt 14,13-21	VI	49
A Grande e Total Presença	Mt 14,22-33	II	148
Barcas ao Mar	Mt 14,22-33	III	97
Ser Pai é Desacomodar e Encorajar	Mt 14,22-33	V	50
Pais: Parceiros na Criação de Deus	Mt 14,22-33	VI	53
Pedro e Paulo	Mt 16,13-19	I	106
A Igreja Precisa de Pedros e Paulos	Mt 16,13-19	II	77
Quem Eu Sou Perante Deus	Mt 16,13-19	III	80
Tu És Pedra	Mt 16,13-20	II	100
Respeito à Individualidade	Mt 16,21-23	II	102
Dom Helder: O Mensageiro da Esperança	Mt 16,21-27	IV	77
Vencer a Acomodação Buscando Horizontes Mais Amplos	Mt 16,21-27	V	57
Transfiguração é a Nossa Reserva de Luz	Mt 17,1-9	III	41
Transfigurar-se é Renunciar ao Comodismo	Mt 17,1-9	V	15
As Ovelhas Amadas de Deus Pai	Mt 18,12-14	III	143
A Gratuidade do Perdão	Mt 18,15-18	III	106
Responsabilidade Ética	Mt 18,15-20	IV	80
O Perdão Que Nos Reconstrói	Mt 18,21-35	IV	84
Deus Nos Criou Para Sermos Eternos	Mt 18,21-35	V	61
A Dimensão Cristã do Perdão	Mt 18,21-35	V	63
A Lógica de Deus	Mt 20, 1-16	II	106
O Julgamento Misericordioso de Deus	Mt 20, 1-16	III	113
O Tempo de Deus é Outro	Mt 20, 1-16	III	115
O Tempo Não Faz o Amor	Mt 20, 1-16	V	66

<i>Título</i>	<i>Texto Bíblico</i>	<i>Vol.</i>	<i>Pág.</i>
O Valor de Quem se Gasta Pelo Reino de Deus	Mt 21,28-32	V	68
Cristianismo é Mais Que Religião	Mt 21,28-32	VI	70
A Nova Vinha	Mt 21,33-43	III	120
Nós Somos a Vinha do Senhor	Mt 21,33-43	V	70
Nosso Compromisso Com as Chances Históricas	Mt 21,33-43	VI	74
Uma Matemática Diferente	Mt 21,33-45	II	112
Deus nos Convida ao Banquete da Vida Plena	Mt 22, 1-10	IV	91
Nossa Resposta Aos Convites de Deus	Mt 22, 1-14	V	74
Deus Está Presente em Todos os Amores	Mt 22,15-22	II	116
A Ação de Deus Depende de Nossa Liberdade	Mt 22,15-22	II	118
Amar a Deus na Obra de Sua Criação	Mt 22,34-40	III	125
O Amor Constitui o Nosso Ser	Mt 22,34-40	VI	81
Religião: Símbolo, Doutrina e Práxis	Mt 23,1-12	III	122
Estamos Preparados?	Mt 24,37-44	III	140
O Noivo É a Realidade	Mt 25, 1-13	II	125
O Noivo do Dia Seguinte	Mt 25, 1-13	IV	101
A Felicidade de Repartir	Mt 25,14-30	II	127
Pontos de Transcendência	Mt 25,14-30	IV	110
Eu Me Construo Nas Minhas Relações	Mt 25,31-46	V	84
O Evangelho da Nossa Vergonha	Mt 25,31-46	VI	90
Trindade: Unidade na Diversidade	Mt 28,16-20	I	89
Jesus Revela o Coração de Deus	Mt 9,36-10,8	III	74
O Privilégio do Bem Não é Exclusivo	Nm 11,25-29	IV	87
O Batismo Nos Faz Profetas	Nm 11,25-29	IV	89
Buscando Sinais que Nos Unam	Rm 8,35.37-39	III	88
Somos Chamados ao Infinito Abraço de Deus	Rm 8,35.37-39	VI	46
Somente o Ser Humano é Instrumento de Paz	Sl 137/136	II	47
A Única Beleza Que Ultrapassa a Morte	Tg 1,17-18.21-22.27	VI	62
Pela Palavra Criamos Solidariedade	Tg 5, 7-9	V	94